

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**TRAJETÓRIAS IDENTITÁRIAS DE JOVENS NEGROS A PARTIR
DE COLETIVOS CULTURAIS DO CONJUNTO HABITACIONAL
PALMITAL/SANTA LUZIA/MG**

Moisés Ferreira Geraldo

Belo Horizonte
2015

Moisés Ferreira Geraldo

**TRAJETÓRIAS IDENTITÁRIAS DE JOVENS NEGROS A PARTIR
DE COLETIVOS CULTURAIS DO CONJUNTO HABITACIONAL
PALMITAL/SANTA LUZIA/MG**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado da
Faculdade de Educação da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Educação.

Orientador: **Prof. Dr. Geraldo Magela Pereira Leão**

Co-orientador: **Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE
2015**

Dissertação intitulada *Trajetórias identitárias de jovens negros a partir de coletivos culturais do Conjunto Habitacional Palmital/MG*, de Moisés Ferreira Geraldo, apresentada ao curso de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em 24 de agosto de 2015, e submetida à banca examinadora composta por:

Prof. Dr. Geraldo Magela Pereira Leão – UFMG (Orientador)

Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus – UFMG (Co-Orientador)

Profa. Dra. Dyane Brito Reis – UFRB

Profa. Dra. Shirley Miranda – UFMG

Prof. Dr. Juarez Dayrell – UFMG (Suplente)

Profa.Dra. Juliana Reis – CEFET-MG (Suplente)

Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte

2015

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Geraldo Magela Pereira Leão, pessoa especial, pelos ensinamentos, pela força, pela compreensão e pelo exemplo. Com você, me senti amparado e seguro em todos os momentos da pesquisa;

Ao meu co-orientador, Rodrigo Ednilson de Jesus, pelas valiosas sugestões e ponderações, feitas sempre com muita dedicação e cuidado;

Aos professores do curso de Mestrado UFMG, Prof^a Shirley Miranda, Prof^a Lucinha, Prof. Juarez Dayrell e Prof^a Lycinia;

Aos amigos e professores do curso Afirmação na Pós por me fazer acreditar na minha capacidade, em especial ao Prof. José Eustáquio e amiga Neusinha;

Aos queridos amigos que formei durante o mestrado, Ivan Faria, Warley Bombi, Márcia Dárquia e Neilton, pelo incentivo e dicas iniciais, fundamentais para permanência no Mestrado;

Aos queridos amigos da E.E. Wilson Diniz Filho, E.M.Gabriela Leite Araujo, aos amigos em particular Arlem Caetano, Glauber, Tatiana Gorete, Isaac e Paula Tatiane;

Aos jovens do grupo Cia Liberdade e do grupo Justaposição, por terem me colocado em contato com histórias tão instigantes;

Aos meus familiares pelo apoio incondicional em todos os momentos.

A todos vocês, muito obrigado!

Aos meus queridos pais, Maria Célia e Pedro,
pelo apoio incondicional em todos os
momentos da minha vida, meu muito
obrigado.

Ao meu grande amor, Ana Paula,
por toda cumplicidade e estímulo. Você é a
melhor companheira que alguém poderia ter.

Obrigada por tudo!

Amo vocês!

RESUMO

A pesquisa tem como estudo as trajetórias identitárias de jovens negros participantes de dois coletivos culturais do Conjunto Habitacional Palmital, localizado na periferia da cidade de Santa Luzia na Região metropolitana de Belo Horizonte no estado de Minas Gerais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou a metodologia da história oral, na modalidade relatos orais de vida. Foram realizadas entrevistas semiestruturada com quatro jovens de dois coletivos culturais evangélicos do bairro, o primeiro um grupo de danças urbanas denominado Cia Liberdade (dois jovens) e o segundo um grupo de rap chamado de Justaposição (dois jovens). O período das entrevistas compreendeu os meses de agosto a dezembro de 2014. Os dados permitiram descrever e compreender os desafios e as estratégias elaboradas pelos participantes da pesquisa para enfrentar no seu cotidiano as situações de violência, pobreza e a desigualdade, que se transformam em barreiras nas suas trajetórias de vida. A construção da identidade étnico-racial no Palmital se dava nos múltiplos espaços onde esses jovens estavam inseridos, tais como: a família, a escola, o trabalho, o bairro e os coletivos. Tais espaços aproximam as histórias de vida de uma juventude que têm em comum o lugar onde moram e o pertencimento racial. Em síntese, a pesquisa nos permitiu analisar as diferentes inserções que os jovens fazem em uma mesma localidade e os significados atribuídos às suas experiências como jovens nos coletivos dos quais participavam. A pesquisa permitiu compreender em que medida as diferentes dimensões da família, da escolarização, do trabalho, da vivência no bairro e das experiências nos coletivos culturais ganhavam contornos próprios para cada jovem e as conexões estabelecidas com uma identidade comum a partir do lugar como espaço vivido.

Palavras-chave: Juventude. Identidade negra. Território

ABSTRACT

The research focuses on the identity trajectories of black young people that has been participating in two cultural collectives of Palmital housing estate, located in the outskirts of the city of Santa Luzia in the metropolitan region of Belo Horizonte capital city of Minas Gerais state. It is a qualitative research based on oral history methodology in the format of oral narrative of life. Semi-structured interviews were conducted with four young black people from two evangelical cultural collectives of the neighborhood, the first group regards to urban dance called Cia Liberdade (two young people) and the second one regards to a rap group called Justaposição (two young people). Interviews were conducted from August to December 2014. The data allowed to describe and understand the challenges and strategies developed by the research participants that have faced in their daily lives situations of violence, poverty and inequality, which become barriers in their life trajectories. The construction of the ethnic-racial identity in Palmital was given in multiple places where these young people were placed, such as the family, school, work, neighborhood and collective. Such spaces come closer the life stories of young people who have in common the place where they live and the racial belonging. In summary, the survey allowed us to analyze the different insertions that young people do in the same locality and the meanings attributed to their experiences as young people in the collective where they took part. The research allows us to understand in what extent the different dimensions of family, education, labor, way of life in the neighborhood and experiences in cultural collective earned own outlines for each young and established connections with a common identity from the place as a living space.

Key words: Youth; Black Identity; Territory.

LISTA DE ABREVIATURAS

AISP – Área Integrada de Segurança Pública

ASCOPA – Associação Comunitária do Palmital

BNH – Banco Nacional de Habitação

CAF – Comitê de Apoio aos Flagelados

CEMIG – Companhia Energética de Minas Gerais

COHAB/MG – Companhia de Habitação de Minas Gerais

DBP – Departamento de Bairros Populares

DJ – Disc Jockey

ENEM – Exame Nacional Ensino Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano

MC – Mestre de Cerimônia

RAP – Rhythm and Poetry

UEMG – Universidade Estadual de Minas Gerais

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UTP – Trabalhadores da Periferia de Belo Horizonte

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Figura 1	Localização do município de Santa Luzia.....	Pág.40
Figura 2	Avenida Brasília principal artéria do distrito de São Benedito.....	Pág.42
Figura 3	Retrato sobre o Ribeirão Arrudas.....	Pág.45
Figura 4	Conjunto Habitacional Palmital dividido por setor.....	Pág.47
Figura 5	Praça da Savassi durante a semana.....	Pág.51
Figura 6	Apresentação da Cia. Liberdade.....	Pág.58
Figura 7	Os membros da Cia. Liberdade.....	Pág.62
Quadro 1	Resumo dos sujeitos – Cia Liberdade.....	Pág.63
Figura 8	Grupo <i>Justaposição</i>	Pág.64
Quadro2	Resumo dos sujeitos.....	Pág.70
Figura 9	Os membros do grupo <i>Justaposição</i>	Pág.69
Figura 10	Fernanda durante o ensaio do grupo <i>Justaposição</i>	Pág.72
Figura 11	Joe Popper.....	Pág.85
Figura 12	Douglas Dod.....	Pág.95
Figura 13	Rodolfo Mano Pim.....	Pág.107
Quadro 16	Síntese dos sujeitos.....	Pág.120 e 121

Sumário

Introdução	12
Contribuição para pesquisa	16
A escolha do método.....	17
A escolha dos entrevistados	19
Organização dos capítulos	21
CAPÍTULO I	23
JUVENTUDE(S), RELAÇÕES ETNÍCO-RACIAIS E JOVENS NEGROS/AS.....	23
1.1 – Juventude	23
1.2 – Juventude e relações étnico-raciais	29
CAPÍTULO 2	40
O CONTEXTO DA PESQUISA	40
2.1 - A História do Conjunto Habitacional Palmital/Santa Luzia/MG	40
2.2 - Palmital: Construção de um espaço	50
2.3 – Contexto social dos jovens do Palmital	52
CAPÍTULO 3	56
OS GRUPOS E OS SUJEITOS.....	56
3.1 - Cia. Liberdade	56
3.1.1 - Os jovens do grupo Cia Liberdade	62
3.2 – Grupo Justaposição	63
3.3 – Os jovens selecionados para pesquisa.....	70
3.3.1 - Fernanda.....	71
3.3.2 – Joel Popper	83
3.3.3 – Douglas Dod.....	94
3.3.4 – Rodolfo Mano Pim	106
3.4 - Elementos das trajetórias dos sujeitos	116

3.5 - Quadro síntese dos sujeitos	120
CAPÍTULO 4	122
TRAJETÓRIAS IDENTITÁRIAS DE JOVENS NEGROS DO CONJUNTO HABITACIONAL PALMITAL/MG	122
4.1 – Os jovens do Palmital como sujeitos sociais	122
4.2 – Os jovens do Palmital e os espaços de socialização no bairro.....	125
4.3 – Os jovens do Palmital e suas relações território/ espaço	134
4.4 – Jovens do Palmital e as relações raciais.....	137
4.5 – Jovens do Palmital e a inserção em coletivos evangélicos	142
Considerações	146
Referências Bibliográficas.....	154
ANEXO 1	161
Anexo 2	163
Anexo 3	165

Introdução

A presente dissertação de mestrado discute a construção da identidade negra entre jovens do Conjunto Habitacional Palmital, da cidade de Santa Luzia, Minas Gerais, participantes de dois coletivos culturais. Ela buscou compreender, por meio dos percursos de vida desses jovens os elementos que contribuíram para sua construção identitária. A identidade de jovens negros do Palmital é o eixo central da pesquisa, partindo da experiência pessoal numa perspectiva em que o sujeito que narra se vê como sujeito que constrói. A história do Palmital e de suas famílias são elementos importantes para entendermos o contexto em que esses jovens se formaram. Nessa direção, foi importante interrogar as dinâmicas estabelecidas no bairro através das relações construídas na família, escola, trabalho e nos coletivos culturais, espaços importantes para compreendermos as estratégias utilizadas pelos jovens para os enfrentamentos dos constrangimentos e potencialidades nos seus processos de construção de si.

Os sujeitos da pesquisa¹ foram jovens urbanos dos meios populares que trazem elementos do próprio bairro para o enfrentamento dos seus problemas, em seus múltiplos significados elaborados em torno do pertencimento étnico-racial e inseridos num contexto de grande desigualdade. A pesquisa se fundamentou na questão: De que maneiras jovens negros do Palmital constroem sua(s) identidade(s) através da própria trajetória de vida e dos significados construídos de ser jovem através das suas inserções no bairro Palmital?

Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), 26,9 % da população brasileira são considerados jovens (faixa etária entre 15 a 29 anos). Em Santa Luzia os jovens representam 27,2% da população da cidade. No Palmital essa população chega a 28,7% dos habitantes do bairro, ultrapassando a média nacional. Em relação à raça/cor, conforme o IBGE (2010), no Brasil 50,7% da população se declarou negra (negros e pardos), no Palmital os negros chegam a 74,8% dos habitantes. A população negra e parda do Palmital ultrapassa a própria média do

¹ Todos os jovens envolvidos na pesquisa permitiram o uso dos nomes e das suas imagens reais conforme autorização assinada.

município que é de 70,9%. Dos 26% de jovens no Brasil, 53,59% se declararam negros (27.514.695 milhões). Podemos então concluir, conforme os números apresentados refletem, que há uma predominância juvenil negra no bairro Palmital.

A violência, a evasão escolar e as dificuldades no mercado de trabalho são elementos desafiadores para construção da identidade juvenil negra no Palmital, que encontra uma carga de estigma dura e pesada, pois recaem sobre essa juventude os estereótipos comuns ao segmento jovem, somado ao preconceito por morarem em uma área “vulnerável” socialmente. Os jovens se socializam nesse cenário, encontram nesse contexto barreiras para seu reconhecimento efetivo como sujeitos de direitos pelas instituições que os cercam. Vistos como “problema”, carregam nas suas trajetórias de vida o peso da intervenção coercitiva dos adultos nas suas perspectivas e decisões.

A história do conjunto habitacional Palmital é resultado de uma política nacional de habitação para populações de baixa renda desenvolvida pelo governo federal na década de 1960 em parceria com os governos Estaduais e Municipais, implantada em várias regiões do Brasil e principalmente nas áreas metropolitanas. Essa política habitacional tinha como princípio atuar na produção de novos assentamentos e recuperar áreas de favelas. Ou seja, estabeleceu-se uma frente de atuação estatal que trazia para o debate a discussão entre favela, provisão habitacional e política habitacional. Essa política habitacional gerou um aumento populacional nas cidades do entorno de Belo Horizonte. Segundo o IBGE, no período de 1980 a 2010 os números nos mostram que as populações dos municípios vizinhos aumentaram consideravelmente. O exemplo é Santa Luzia que, de uma população de 59.892 em 1980 saltou para 214.830 em 2014. Conforme os dados do IBGE (2010), o Palmital totaliza 34.937 habitantes, equivalente $\frac{1}{4}$ da população do distrito de São Benedito, onde se localiza.

A região também concentra um baixo índice de desenvolvimento humano (IDH). Conforme o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2010), das seis localidades que apresentam IDH mais baixa da região metropolitana de Belo Horizonte, três se concentram na região do Palmital (Vila das Antenas, Vila Nova Esperança e Nova Conquista). Essas áreas impactam no contexto de desenvolvimento da sua população, principalmente a população jovem, no que tange saúde, educação e renda.

Outro problema enfrentado no Palmital é a questão da violência. Segundo SANTOS (2012) em seus estudos, a cidade de Santa Luzia, em 2004, ocupava o quarto lugar dos municípios mais violentos de Minas Gerais. Nesse mesmo período, entre o final da década de 1990 e início da década de 2000, a região do Palmital atinge o seu maior índice de homicídio. Para homicídios consumados, entre 1998 e 2004, de todos os homicídios cometidos na cidade de Santa Luzia, 40% deles aconteceram no Palmital. Os índices de crimes violentos diminuíram, entre os anos de 2004 e 2011. A cidade de Santa Luzia, apresentou uma redução de 65,80% nas taxas de crimes violentos e 45,39% na taxa de homicídios (SEDS, 2011). Esse período a região do Palmital foi palco de diversas intervenções estatais, por exemplo, Programa Fica Vivo, Programa Mediação de Conflitos e Programa de Inclusão de Egressos do Sistema Prisional (PrEsp). O surgimento de ONGs com ênfase na criança e adolescência também contribuíram para uma intervenção na violência no bairro. Apesar dessas intervenções a violência ainda é uma preocupação para região, devido à presença do tráfico de drogas.

Segundo o Mapa da Violência 2014, no Brasil as mortes juvenis (de indivíduos de 15 a 29 anos) provocadas por causas não naturais representam 71,1% do total de mortes, enquanto para a população não jovem esse índice foi de 8,8%. Os homicídios juvenis tiveram participação de 38,7% na mortalidade total, sendo 93,3%, jovens do sexo masculino. Esse quadro se agrava mais quando esses números tem um corte racial. Entre 2002 a 2011, a participação de jovens negros nos índices de homicídios no país subiu de 63% para 76,9%, enquanto para os jovens brancos decresceu de 36,7% para 22,8%. Isso representa que, para cada um jovem branco assassinado, 2,7% jovens negros são assassinados pelo mesmo motivo. Esses números nos revelam um quadro de genocídio que caracteriza a realidade dos jovens negros na sociedade brasileira.

Ainda paira sobre opinião das pessoas que o racismo, prática discriminatória que tem como objetivo colocar grupos e/ou indivíduos em situações de desigualdade, se manifeste individualmente, acontecendo apenas nas dimensões interpessoais. A nossa realidade histórica demonstra que essa realidade não é uma questão restrita à dimensão individual. Historicamente, o povo negro ocupa uma condição de vida muito desigual em relação às pessoas brancas. Mesmo quando essa realidade é de brancos e pobres, em geral, as/os negras/os e pobres se encontram em situação de desvantagem. Os motivos da desigualdade social no Brasil não dizem respeito apenas a questões socioeconômicas,

mas passam por elementos das dimensões socioculturais e étnico-raciais. Para enfrentar o problema do racismo é preciso que o Estado e a sociedade brasileira reconheçam as estruturas e relações sociais que o produzem, especialmente na sua forma institucionalizada. As alarmantes taxas de mortalidade da juventude negra são resultado de uma série de outras violências sofridas por esse segmento, provocadas principalmente pelo Estado, que não é capaz de oferecer acesso igualitário, entre negras/os e brancas/os, às políticas e aos serviços sociais.

Diante desse contexto de desigualdade social e racismo os jovens negros das periferias urbanas constroem suas identidades. A pesquisa vem trazer para um campo de estudo essa parcela da população que é marginalizada pela sociedade, buscando suas imbricações identitárias a partir do seu lugar de vivência e do seu pertencimento racial. Compreendemos que anunciar uma identidade negra é entender essa identidade num movimento de mudança, sendo impactada por múltiplas variáveis, e pensada a partir do seu lugar social. As identidades negras, ou seja, o uso do termo no plural representa melhor a dinâmica desse processo, na medida em que se torna uma construção individual com uma interlocução com a dimensão coletiva.

No processo da pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro jovens de dois coletivos culturais² evangélicos, o grupo Cia Liberdade (dois jovens), praticantes de danças urbanas, e o grupo Justaposição (dois jovens), voltado para o rap. O período das entrevistas compreendeu os meses de agosto a dezembro de 2014. O objetivo geral da pesquisa foi buscar compreender, a partir dos percursos de vida de jovens moradores do bairro Palmital, a sua construção identitária como negros e moradores daquela localidade. As entrevistas aconteceram em locais da escolha dos próprios jovens, a partir de critérios de que os lugares escolhidos pelos jovens trariam um conforto e os deixaria a “vontade” para responder. Duas entrevistas ocorreram na Praça da Savassi e as duas restantes foram na casa de uma amiga e o outro na própria casa do depoente, entendendo que as escolhas dos lugares eram aleatórias mas o seu reconhecimento como um espaço de memória.

² São uma associação de pessoas que têm interesses em comum. Eles podem se estender a vários assuntos, desde arte, física quântica ou talvez gastronomia. Finalidade de um coletivo é integrar pessoas para trocar experiências e enriquecer seus trabalhos e conhecimentos. Fonte: raphaelkoizo.wordpress.com/2010/02/22/o-que-e-um-coletivo Acessado: 12/09/2015

O pesquisador e o campo de pesquisa

Minha trajetória como morador do Palmital proporcionou uma forma de conhecimento que é o tempo da observação conectado com tempo de vivência, permeado pelas diversas interlocuções travadas no cotidiano. Experimentei minha infância, juventude e agora a vida adulta no Palmital, um tempo de aprendizagem e experiência, uma relação entre a dimensão do vivido (passado) com o da vivência (presente) e da projeção (futuro). Ser morador do Palmital revelou-me um olhar crítico sobre a minha história de vida, identificando as articulações de processos que me levaram à afirmação e ao reconhecimento da condição de negro.

Ao abordar sobre jovens negros do Palmital, em diversos momentos do trabalho de campo eram ativadas em minha memória as lembranças da minha juventude no bairro, os laços de amizades construídas, as relações com os espaços de encontros e principalmente a escola. Entre idas e vindas, nas ruas e becos do bairro, as lembranças de experiências positivas e negativas que o lugar proporcionou para minha identidade como negro. A escola ganha essa centralidade na medida em que era o ponto de encontro com os amigos, nas “peladinhas” que ocorriam na quadra e no bate-papo no intervalo do recreio. Na verdade, a escola contribuiu pouco para minha identidade como negro a partir de referências positivas, mas foi importante na medida em que não encontrando essas referências positivas na escola as buscávamos por conta própria. Exemplo disso encontra-se na cultura hip hop, principalmente nas músicas do grupo de rap Racionais MC’s. Na escola que escutávamos rap, através das fitas cassetes, trocávamos ideias e interagíamos sobre as experiências de morar no Palmital.

No decorrer da pesquisa de campo, a minha presença como morador, facilitou a inserção em todas as áreas do Palmital, principalmente na interação com os jovens da pesquisa. Em alguns momentos da interação com os jovens pesquisados o laço de confiança se dava pelo fato da proximidade das trajetórias de vida e também de conhecer de perto a realidade do bairro. Em alguns momentos os jovens relatavam que a minha presença e o tema abordado geraram um desconforto no grupo e passaram a pensar e discutir sobre esse assunto no dia-a-dia. Nas conversas coletivas, cada um narrava suas experiências no bairro e nos coletivos, compartilhando informações e gerando um momento de aproximação do grupo.

A escolha do método

Levando em consideração a proposta de pesquisa, foi privilegiada uma abordagem qualitativa, buscando o ambiente do sujeito da pesquisa como fonte direta para obtenção dos dados, recorrendo a um estudo analítico, como proposta de identificar os processos em torno da identidade negra dos jovens moradores do Conjunto Habitacional Palmital. A identidade é um terreno fluido, escorregadio e difícil de mensurar. Cada jovem vive e constrói uma identidade juvenil própria permeada por sua classe social, cultural, gênero, raça e espacial. A investigação qualitativa nos oportuniza identificarmos os processos particulares, ou seja, os elementos significativos que fazem parte da vida do sujeito, num campo possível de observação.

As pesquisas qualitativas não se apresentam a partir de regras que tragam uma exatidão em seus resultados, ou seja, não podem ser aplicáveis a um grande número de casos, rompendo a concepção que os fenômenos analisados podem ser enquadrados num mesmo formato de análise. Na realidade, diferem-se no que tange ao grau de estruturação prévia do objeto pesquisado, isto é, os contornos do estudo não podem ser definidos a priori porque a realidade é diversificada. Para Minayo (1993) um bom método será sempre aquele, que permitindo uma construção correta dos dados, ajude a refletir sobre a dinâmica da teoria. Portanto, além de apropriado ao objeto da investigação e de oferecer elementos teóricos para a análise, o método tem que ser operacionalmente exequível. Partindo da concepção de que a realidade é socialmente construída em uma dada situação, isto é, se buscamos previamente uma definição corremos o risco de aprisionarmos o seu significado com categorias prévias. Flick (2009) em sua análise geral do processo de construção da pesquisa qualitativa, defende que, a pesquisa qualitativa bem direcionada e consciente dos seus pressupostos teóricos, assim como de seus alcances e limites, é e continuará sendo uma ferramenta essencial para a ampliação do conhecimento nas ciências sociais e nas ciências humanas de maneira mais ampla. Assim, o foco deve emergir, indutivamente, do conhecimento do contexto e das múltiplas realidades construídas pelos participantes.

O método utilizado na abordagem qualitativa foi a história oral, entendida como metodologia, utilizando sua dimensão técnica e teórica. A história oral está inserida no contexto das pesquisas qualitativas e se baseia em fontes orais, coletadas em uma

situação de entrevista. Para Amado e Ferreira (2006), reconhecer a história oral como metodologia significa estabelecer e ordenar procedimentos de trabalho. Isso implica para o pesquisador várias possibilidades de como se relacionar com o entrevistado, através das várias formas de entrevista e transcrição dos depoimentos, selecionando suas vantagens e desvantagens para o trabalho realizado. A história oral funciona como uma ponte entre teoria e prática, ou seja, é capaz apenas de suscitar questões, mas jamais de solucioná-las. Ela formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. A história oral como fontes orais, coletadas em uma situação de entrevista, tem como princípio uma aproximação do pesquisador do seu sujeito de investigação, que através dessa metodologia busca acontecimentos, conjunturas, testemunhas ou determinadas visões de mundo para a compreensão do problema de pesquisa.

Essa metodologia guarda em si várias frentes de análise sendo importante definir qual eixo seguir. No caso dessa pesquisa, utilizamos o relato oral de vida. Essa modalidade da história oral, aliada à dimensão de relato oral temático, se aproxima da problemática da pesquisa. Diferente de uma abordagem na perspectiva de história de vida que tem uma linha do tempo alongada, ou seja, entendida como todos os acontecimentos na vida do sujeito, os relatos orais de vida reservam então uma abordagem e um corte temporal específico, isto é, os narradores abordarão de forma particularizada momentos das suas vidas. Para Lozano (1994), voltar-se para o fenômeno da oralidade é aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humana. O autor complementa que a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que emanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. Assim, fazer história oral significa produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros”.

Os relatos orais de vida nessa pesquisa, tendo como eixo central a identidade negra e como ponto de partida a condição juvenil através de entrevistas narrativas sobre diferentes espaços e ações da vida social do entrevistado, foram às bases da metodologia adotada. Para Teixeira e Pádua (2005, p. 5), a “narrativa trabalha com o suceder das coisas, não com o mero transcorrer, mas dos momentos significativos dos tempos nas

vidas dos sujeitos”. Ela possibilita uma ampliação dos horizontes permeada por uma temporalidade, um exercício de ressignificação entre o passado e o futuro a partir da consciência do momento presente. Nessa perspectiva a memória assume um lugar especial. Não se trata de incluir como objeto de estudo, porém passa a ser importante instrumento para uma entrevista narrativa. Para Bosi(1995) o exercício de guardar na memória e o movimento de lembrar não atende somente à esfera íntima da pessoa mas sim aos quadros sociais vivenciados pelos sujeitos. Segundo Meihy (1996), ainda que a história oral possa invocar a memória de fatos passados, ela é sempre uma história do tempo presente, pois é no contexto de hoje, com as percepções de hoje, que os narradores retomam os fatos narrados. Isso significa que os relacionamentos com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja e com o trabalho, entre outros, vão construindo estruturas representativas dessa memória.

Uma narrativa associada a um exercício da memória trará as experiências vivenciadas, apresentando as diversidades de situações e comportamentos experimentados. O uso da entrevista narrativa requer do entrevistador técnicas apuradas sobre entrevista numa dimensão de encontro. Na verdade a relação deve ser permeada por uma relação de confiança, ou seja, aproximar do sujeito utilizando estratégias que explorem o que está sendo desejado conhecer, porém nunca perdendo de vista os limites e as possibilidades que o próprio sujeito pode colocar no seu relato.

A escolha dos entrevistados

Foram selecionados como sujeitos da pesquisa quatro jovens (03 homens e 01 mulher) que se assumem como negros e moram no Palmital, guardando nos seus percursos de vida identificações com o bairro através de ações ou participações em coletivos de jovens que abordem o tema relações étnico raciais. Inicialmente foi pensada a escolha de dois homens e duas mulheres para privilegiar a questão de gênero, criando a hipótese de que homens e mulheres apresentam especificidades em suas trajetórias. A elas era atribuídas responsabilidades com a casa, tarefas domésticas e cuidar do filho quando não tinha alguém para cuidar, somada com o trabalho. Essas tarefas impactavam diretamente a participação das mulheres nos eventos e reuniões nos coletivos, programas e projetos sociais. Também a se perceber a representatividade

masculina na cultura hip hop e a masculinização do movimento, gera pouca sensibilidade à condição feminina. Por conta disso, as mulheres apresentaram um contexto de vida que a proporcionava pouca disponibilidade para as entrevistas. Mesmo com esse contexto, buscou-se insistir na inclusão de uma mulher como entrevistada por entender que a trajetória feminina traria uma especificidade na trajetória dentro do Palmital.

Uma primeira etapa de “exploração de campo” foi organizada em dois momentos: mapeamento de ações no bairro que envolviam jovens e localização de pessoas referencias para os jovens do Palmital. Inicialmente fizemos um trabalho de aproximação do bairro, elaborando um mapeamento dos programas, projetos e coletivos que tinham participação dos jovens no bairro. O objetivo era saber os lugares que os jovens do Palmital frequentavam, com um mínimo de organização, percebendo os jovens nesses espaços. Foram identificados cinco projetos e instituições que traziam os jovens como foco em suas ações: Fundação Fé e Alegria; Centro Cultural Calasanz; Pastoral da juventude; Programa Fica Vivo e as escolas. Outros quatro coletivos e grupos organizados no Palmital também foram identificados: Capoeira do Mestre Zuim; Quadrilha Sol Nascente; Cia Liberdade e grupo Justaposição. O segundo movimento foi buscar moradores do Palmital que teriam um bom trânsito entre os coletivos de jovens, chamados de indivíduos-chave. Entrou-se em contato com um morador, que, pela sua trajetória de mobilização juvenil no bairro e fora dele, que se dá desde década de 2000 como militante do movimento hip hop em Belo Horizonte. Desse contato nasceu a escolha dos dois grupos estudados.

Os grupos Cia. Liberdade e o Justaposição mostraram ser coletivos bem organizados e estruturados, com objetivos bem definidos e uma forte ação de mobilização entre os jovens do Palmital. Atraves de eventos, intervenções e oficinas promovidos no bairro que de alguma maneira impactam na trajetória dos jovens envolvidos. Os critérios então utilizados para seleção foram: organização e estrutura do grupo; poder de mobilização em torno do tema juventude; identidade negra e ter em sua composição jovens que se identificam como negros (discurso, roupa e o cabelo) e identidade com o Palmital.

Os jovens foram selecionados a partir de algumas ações de observação. Algumas visitas aconteceram em média de dez encontros para cada grupo (Cia Liberdade e

Justaposição). Nesses momentos, foram observadas as reuniões dos grupos na discussão sobre pauta, agenda, melhorias para o grupo e problemas surgidos. Além disso, também foram acompanhados alguns ensaios e eventos dos quais os grupos participavam. Nessa observação dos grupos buscava-se identificar os posicionamentos, opiniões e interações dos jovens buscando identificar diferentes posturas entre eles. Dos dez encontros observados, dois foram reservados para uma roda de conversa, sobre questões gerais, mas direcionadas com questões que pudessem fomentar o debate sobre os temas que gostaríamos de abordar. Essas conversas giraram em torno de questões como as suas vidas no bairro, as imagens que tinham do Palmital, sobre suas experiências como jovens, sobre suas impressões acerca dos outros jovens do bairro e sobre o pertencimento e a questão racial. Esse processo de seleção resultou na escolha de quatro jovens. Dois do grupo Cia Liberdade e dois do grupo Justaposição. Utilizou-se como critérios de seleção a disponibilidade para participar da pesquisa, a participação ativa no coletivo e com experiência em outros coletivos no bairro, o fato de se assumirem como negros através do discurso ou através do próprio visual, a residência no bairro a pelo menos quinze anos e que tivessem uma história de vida com laços fortes com o Palmital (família, escola, amizade e coletivos).

Organização dos capítulos

A dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo: Juventude(s), Relações Étnico-Raciais e jovens negros/as, aborda as categorias juventude e identidade negra. Buscamos, portanto abordar a juventude a partir da sua identidade negra, compreendendo que essa abordagem possa contribuir para entendermos a condição juvenil nesse contexto. O segundo capítulo: Contexto da pesquisa, disserta sobre o contexto da pesquisa, a história do conjunto habitacional Palmital e os impactos na condição juvenil do bairro. No terceiro capítulo: Os grupos e os sujeitos, apresentamos os grupos e as trajetórias dos jovens selecionados para a pesquisa a partir de alguns aspectos como a origem social, relação com o bairro, percursos na cultura hip hop, suas abordagens musicais e de expressão corporal através da inserção na igreja evangélica e os significados construídos pelos jovens a partir dos coletivos culturais. No capítulo quatro: Trajetórias identitárias de jovens negros do conjunto Habitacional Palmital/MG, aborda-se como a identidade vai se construído em

diálogo com os espaços elencados pelos jovens tais como: família, escola, trabalho, bairro e os coletivos culturais. Discutir sobre os impactos e inserções dos jovens pesquisados com o bairro a partir de um debate sobre espaço e sobre identidade negra e de que maneira essa expressão identitária se constitui nos espaços de socialização e por fim, a relação construída entre os jovens da pesquisa com a inserção com nos coletivos evangélicos.

CAPÍTULO I

JUVENTUDE(S), RELAÇÕES ETNÍCO-RACIAIS E JOVENS NEGROS/AS

Nesse capítulo será abordado, inicialmente, o tema juventude a partir de um problema sociológico: compreender a dimensão da juventude para além do estereótipo de problema, na sua expressão plural. Na segunda parte será tratado o tema da juventude, a partir da sua identidade negra, compreendendo que essa abordagem poderá contribuir para entendermos a condição juvenil nesse contexto, entendendo as relações construídas pelos jovens do Bairro Palmital, a partir dessas discussões.

1.1 – Juventude

Nos últimos anos a juventude vem ganhando destaque em diversos campos de estudo, que buscam conhecer sua condição dentro da sociedade contemporânea, as identidade(s) construídas e suas expressões culturais, sendo alvo da mídia em seus diversos retratos. Nunca tivemos, em nossa história demográfica, tantas pessoas concentradas em uma mesma faixa etária, apesar de vivermos uma experiência demográfica que aponta para o envelhecimento da população brasileira. A população entre 15 a 29 anos³, já são 51 milhões de pessoas, conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no censo de 2010, representando, dessa forma, uma parcela significativa que leva a sociedade e o poder público a se preocuparem, cada vez mais, em desenvolver políticas públicas direcionadas a esse grupo. O desafio de pensar a juventude é o de perceber a diversidade, pensada nas suas

³ A população brasileira é compreendida pelo grupo etário de 15 a 29 anos, referendado pelo Estatuto da Juventude, lei 12.852/13. Conforme o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) a juventude é dividida em três momentos: Jovem-adolescente (15 a 17 anos), jovem-jovem (18 a 24 anos), jovem-adulto (25 a 29 anos). Fonte: IPEA – 2010.

múltiplas expressões. O fato de pertencer a um determinado grupo como elemento de identificação, não homogeniza as expressões dessa juventude, ou seja, ser jovem e se identificar como jovem passa por variáveis, tanto na sua trajetória de vida, quando no seu contexto social.

Diversos autores trazem para suas trajetórias de estudo o desafio de retratar uma definição do que é ser jovem (DAYRELL, 2007; ABRAMO,1994; SPOSITO,2006; FEIXA,1999). Para Abramo (1994) o termo juventude refere-se a uma determinada faixa de idade, marcando um período da vida, durante o qual se concretiza o desenvolvimento físico, psicológico e social do indivíduo, o momento de saída da infância para sua entrada na dimensão adulta. Esse processo é realizado atendendo a uma característica socialmente variável, ou seja, os significados desse processo vão variar conforme o tempo de duração, os conteúdos e aspectos sociais, que se modificam de sociedade para sociedade. A partir dessas construções socialmente variáveis a juventude ganha contornos que vão atender a formações sociais diferentes, destacando-se em algumas sociedades como categoria com visibilidade social.

A juventude como categoria é explicada a partir do seu aspecto social, ganhando contornos nítidos na idade moderna (ARIÈS, 1981). As relações construídas nesse período apresentam uma temporalidade longa de preparação para a vida adulta, menos institucionalizada e com papéis menos definidos. A juventude é vista como um momento socialmente distinto, instituído em espaços separados, um momento de preparação para vida adulta. A sociedade moderna gerou um novo papel para a família e uma posição de destaque para a instituição escolar. No que tange à família é constituído um novo processo de socialização, privilegiando o caráter privado substituindo o coletivo, e a escola substituindo a aprendizagem informal para formal, como meio de educação. A visão moderna da infância vai se consolidando na Europa gerando uma nova etapa, a adolescência, uma etapa socialmente destacada.

Para Margulis (1994) a idade é um fator que surge como discussão em todas as sociedades, um elemento de ordenação social, elencando a idade como estrutura de classificação e sentido. A classificação por idade ganha contornos ambíguos na medida em que encontramos cada vez mais dificuldades na sua definição, com fronteiras pouco precisas. Reconhecer a idade como uma criação arbitrária, chama a atenção para o fato de que essa envolve uma verdadeira luta política na qual está em jogo a redefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos, em diferentes momentos do ciclo da vida

(BOURDIEU, 1983). Assim Urresti (2011) enriquece o debate na medida em que denomina a moratória social como um tempo de espera ou de experimentação para a vida futura. Porém esse processo, imerso na sociedade moderna, encontra um contexto diversificado, onde uma mesma sociedade apresenta múltiplas possibilidades para a transição para a vida adulta. E os jovens gozam dessa situação a partir do lugar social que ocupam na sociedade.

Partindo dessa discussão, Abramo (1997) em seus estudos sobre a tematização da juventude, faz críticas à abordagem de uma definição de juventude a partir do “senso comum”, trazendo para o palco de debate diversos espaços, o pensamento acadêmico e suas abordagens, os meios de comunicação, os atores políticos, agentes culturais e trabalhadores sociais. Assim, o tema juventude é visto e abordado a partir de diferentes lugares, gerando um retrato diversificado do que é ser jovem ou o seu entendimento, cada instituição e grupo social se posicionando e trazendo à cena suas perspectivas diante da juventude. É um exercício constante de buscar o que aproxima e o que distancia nas definições do que é ser jovem, que rompa com uma perspectiva homogênea sobre esse ator social.

Nessa direção, para Dayrell (2003), a diversidade da dimensão juvenil se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades, valores), de gênero e regiões geográficas. Segundo esse autor o termo juventude deve ser compreendido na sua pluralidade, portanto juventudes, identificando assim as múltiplas variações no que tange a trajetória juvenil, isto é, ser jovem e negro, ser jovem urbano ou rural, ser jovem e mulher, ser jovem e gay, ser jovem e trabalhador, exemplos das variáveis que impactam a construção da identidade. São elementos que atravessam a experiência de ser jovem numa dimensão maior ou menor influenciando sua trajetória.

O campo de conhecimento que debruça sobre essa problemática é a Sociologia da Juventude que busca, como discussão central, elencar as diferentes formas de representação juvenil em seus aspectos históricos e geracionais, buscando fazer do problema da juventude um problema sociológico. A categoria juventude como um campo de conhecimento em construção encontra uma variedade de imagens e representações de como experimentar esse momento da vida, várias posições elencadas sem que com isso cheguem a um conceito comum. Para Pais (1990, 2005) a sociologia da juventude construiu dois campos de análise. A primeira, denominada geracional,

dedica-se a estudar a juventude como uma fase da vida, buscando os aspectos que nos levem a uma uniformização de uma cultura juvenil, uma concepção unitária, representada por uma geração, definida em termos etários. A segunda, chamada de classista, traz a juventude a partir de um conjunto social diversificado, devido às diferentes origens de classe, apontando para uma diversidade das formas de reprodução social e cultural. Para essa segunda concepção as culturas juvenis seriam sempre culturas de classe, gerando contradições em suas relações sociais, ganhando e criando espaços culturais.

Abramo (1997) destaca que os elementos formadores da condição juvenil são representados por múltiplas formas, bem como a representação da juventude urbana e suas relações com a sociedade e com o mundo adulto são permeadas por processos pautados em mudanças. Essa dinâmica de mudança não acontece de forma linear, ou seja, não acontece de maneira uniforme para todos os sujeitos, apenas pelo fato de pertencerem à mesma faixa etária. Segundo a autora, isso vai ocorrer de maneira socialmente variável, isto é, ocorrem sentidos, durações e conteúdos diversificados, conforme os diferentes grupos no tempo e no espaço. Para Abramo (1997), as questões elencadas são sempre aquelas que constituem os jovens como problemas (para si próprios e para a sociedade), isto é, sua condição de juventude é pensada na lógica do adulto, por isso se compreende que esse momento é propício ao erro. Para autora,

(...) uma dificuldade de ir além da sua consideração [da juventude] como “problema social” e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los (ABRAMO, 1997, p.28).

Na verdade, essa visão de juventude a partir de uma dimensão de problema é a crítica que Abramo revela. Essa perspectiva é alimentada por determinados setores da sociedade que definem uma parcela de jovens como problema, a partir da análise da transgressão às normas sociais. Assim a juventude ganha *status* de um comportamento “anormal” por parte de grupos delinquentes ou excêntricos, ou contestadores, implicando todos, embora de formas diferentes, em um contraste com os padrões vigentes. Para Dayrell (2014), enxergar o jovem pela ótica dos problemas é reduzir a complexidade desse momento da vida. É preciso não transformar a juventude em idade problemática, confundindo-se com as dificuldades que possam afligi-la.

Spósito (2006) entra nessa discussão trazendo para o debate a juventude, não como problema, mas uma juventude urbana e suas manifestações dentro da sua localidade, isto é, os conflitos e os embates ocorridos onde esse jovem vive. Debatendo as iniciativas públicas para esse segmento, ela conclui que o jovem da periferia é insistentemente pensado na sua condição de “vulnerabilidade”. Isso significa que a juventude da periferia é vista pela ótica do problema, o que acarreta uma ênfase na sua potencialidade de transgressão. O poder público e a própria sociedade ainda persistem nesse estereótipo da juventude moradora dos bairros periféricos, como potenciais problemas sociais, na medida em que encontramos em suas ações para esse segmento social um peso simbólico de contenção social. Para a autora,

(...) uma forte razão para a demora na constituição de um discurso público favorável às políticas de juventude, capaz de romper com a associação entre juventude, vulnerabilidade, risco e violência, inserindo-o na esfera dos direitos das múltiplas cidadanias (SPOSITO *et al.*, 2006, p. 243).

O desafio de pensar a juventude para além dos problemas elencados pelo poder público e a sociedade passa pelo entendimento da dimensão da condição juvenil em sua pluralidade. A cultura juvenil seria um dos caminhos que expressam sua diversidade na medida em que seus percursos de vida são permeados pela dimensão simbólica que expressa múltiplas formas de se comunicar e se posicionar. Assim o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, nos quais os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil (DAYRELL, 2007, p.1110). Para Gomes (2004, p.9), “a compreensão das práticas culturais, dos espaços e dos trajetos de circulação na cidade e no bairro (...)” são características que fortalecem o pertencimento a um grupo cultural, alargando as possibilidades de uma construção identitária para os jovens. Por outro lado, nos alerta Dayrell(2007), as práticas culturais juvenis não devem ser entendidas numa lógica homogênea, pois se orientam conforme objetivos que as coletividades são capazes de processar, em múltiplas influências e interesses de cada agrupamento específico.

A dimensão cultural da juventude ganha espaço nas diversas formas de socialização que ocorrem entre os jovens, principalmente os dos bairros periféricos das grandes cidades, permeada por redes diversas. Uma delas ganha destaque nessa sociabilidade: a rua e seus significados. Os mecanismos de enfrentamento da violência urbana e da sobrevivência, o confronto diário com os aparelhos repressivos são

elementos encontrados pelos jovens nesse espaço de socialização. O espaço urbano periférico, permeado por suas contradições, dita o percurso dessa sociabilidade. Spósito (2003, p.161) defende que

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer.

A rua torna-se a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano. Para Lefebvre (2008, p.40), no que concerne ao “vivido”, o espaço nunca é neutro e ‘puro’”, ou seja, as múltiplas formas de perceber o espaço, tanto na esfera individual, grupal, ou no coletivo, são maneiras de a juventude expressar suas identidade(s). Portanto, o jovem de periferia encontra nesse tecido urbano uma rede de significados para a formação de sua identidade. Haesbaert (2007) defende que um território se distingue de acordo com os sujeitos que o constroem; e as razões do controle social pelo espaço variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo. Isso significa que o espaço é permeado de significados conforme os grupos sociais, o gênero e o recorte étnico do quem o ocupa e usa. Percebe-se uma apropriação do espaço urbano pela juventude que desafia o entendimento e exige uma aproximação mais sistemática para sua compreensão (SPOSITO, 2003, p.162).

Compreender, portanto, a realidade das periferias urbanas como espaço de experiências juvenis na sua socialização e produção cultural é elemento importante para compreendermos a construção de identidade(s) dos jovens dessa localidade, pautadas numa realidade que se gesta cotidianamente nas margens dos centros urbanos. A construção da identidade é um instrumento importante para lançar um “olhar” crítico sobre os fenômenos que assolam as juventudes pobres, tais como a segregação social⁴. Para Kaztman e Ribeiro (2008), a localização geográfica de algumas regiões caracteriza

⁴ O termo segregar significa separar, marginalizar, isolar o contato, distanciar algo ou alguém considerado diferente. No estudo da Sociologia, a segregação social é definida como uma separação espacial (geográfica) de um grupo de pessoas, em virtude de diversos fatores, como a raça, o poder aquisitivo, religião, etnia, educação, nacionalidade ou qualquer outro fator que possa servir como meio de discriminação.

o fenômeno de isolamento urbano dificultando a comunicação cotidiana para um exercício de sociabilidade entre grupos sociais diferentes. Os autores defendem que

(...) nas cidades em que a distância social combina-se com a distância territorial entre classes e grupos sociais, a vida social se empobrece e deixa de propiciar interações e trocas sociais próprias ao fenômeno urbano (KAZTMAN e RIBEIRO, 2008, p.17).

Essa análise, estendida ao bairro Palmital, acarreta para a juventude uma construção identitária permeada por referências negativas. As desvantagens que os elementos da segregação social produzem, impactam o sujeito. Por exemplo, esse quadro social traz para os jovens da periferia, especialmente os negros, na sociedade brasileira, desigualdades no que tange ao mercado de trabalho e à escolarização. Diante dessa realidade torna-se um desafio romper com os aspectos negativos que assolam os jovens pobres de periferia como se vivessem um determinismo social. Para Cassab (2001) a desconstrução de estereótipos de violência e de uma “natureza criminosa” passa pela recuperação dos percursos de vida desses jovens, elencando as variáveis e os elementos que cortam transversalmente esses percursos.

1.2 – Juventude e relações étnico-raciais

Há longos anos a juventude negra enfrenta desafios. Tanto na área periférica quanto no centro, quando ousa ultrapassar os limites do “seu lugar”. Alvo principal da violência urbana, tem na cor da pele a marca de uma exclusão histórica como desafio de sobrevivência. Os números de vítimas da violência é uma das expressões da desigualdade que afeta essa população. A juventude negra de áreas periféricas é estigmatizada a partir da ótica do problema, ou seja, é visto como sujeito potencialmente transgressor e com fortes traços de desvio de conduta, conforme a ordem estabelecida pela sociedade. O Brasil nos últimos anos apresenta números importantes sobre os jovens, segundo o IBGE (2010): 26% da população é considerada jovem (faixa etária entre 15 a 29 anos). Quando separamos os dados por raça/cor, os números passam a ser significativos: dos 26% de jovens no Brasil, 53,59% se declararam negros, isto é, mais da metade dos jovens no Brasil se identificam como pertencente ao grupo racial negro.

O contexto social que abriga a maioria dos jovens negros no Brasil são as periferias urbanas. Para Kowarick (2002), em seus estudos sobre periferias urbanas, persiste na sociedade brasileira um imaginário social negativo aos grupos sociais residentes dessas localidades. Esse imaginário social é reforçado por um discurso que traz, como características marcantes, uma mistura de sexos e idades, uma desorganização familiar, moralidade duvidosa, hábitos perniciosos, o que resulta numa representação a partir de uma característica de degenerescência e vadiagem, impondo um determinismo rumo à criminalidade. Para Rivera (2010), em seus estudos sobre religião e desigualdades sociais, em um contexto geral “periferia urbana” se caracteriza pelo quadro de pobreza, como destituição dos meios de sobrevivência física e a insuficiência de renda e de trabalho, a inexistência de infraestrutura física adequada nos locais de moradia. Esse contexto social é a realidade de grande parte da população negra no Brasil, que sobrevive e constrói suas identidades a partir desse contexto. Para os jovens negros inseridos nessa realidade estigmatizada é atribuída a eles um reconhecimento pautado na negatividade, colocando sobre esse jovem o peso de um estigma social negativo.

A pobreza no Brasil, infelizmente, tem a cor negra, e como endereço, as periferias e favelas. Podemos então concluir que nem todos os pobres do Brasil são negros, mas é fato que a grande maioria dos negros no país é pobre. A juventude negra inserida nessa realidade tem na sua trajetória de vida as marcas da discriminação, preconceito e da exclusão social. O jovem negro se apresenta como grupo frágil nesse contexto, pois carrega os estereótipos de ser negro, jovem e pobre numa localidade que sofre o peso da segregação.

Essa discriminação imposta à população negra tem sua origem histórica na escravidão. Em nossa sociedade, o negro era retratado a partir do processo de escravidão que vigorou entre os séculos XVI e XIX, quando a colônia brasileira recebeu milhões de pessoas oriundas da África sob condição escrava. Os manuais didáticos sobre a história da escravidão no Brasil mantém uma trajetória da população negra, a partir do início e término do episódio da escravidão, representados pela origem de uma terra exótica, sedimentada por uma cultura primitiva. Assim, a construção da identidade negra ganha contornos distorcidos, associados a preconceito e discriminação. Em geral, as abordagens ressaltam a imagem do negro como vítima, que sofreu tudo de maneira silenciosa e submissa. Por outro lado representa esse negro como violento e reprodutor

dessa violência. Inverter o sujeito que narrar é um movimento importante para reconhecer que essa história necessita ser recontada a partir do sujeito negro, ressignificada na medida em que a África passe a ser o lócus de identidade e interlocução entre a população negra no Brasil.

Com o fim da escravidão, em 1888, o Brasil oficialmente se declarava como país livre da mão de obra escrava, porém na prática essa realidade estava longe de se concretizar. Com o fim da escravidão, muitos negros foram expulsos das fazendas e ficaram sem empregos e ocupação para sobreviver. A elite branca não permitiu que o negro liberto assumisse novas frentes de trabalhos ocasionando uma segregação racial, ou seja, os negros recém-libertos passaram a viver à margem da sociedade. Para Souza (2005), em seus estudos sobre a escravidão na história do Brasil, com a saída do negro das atividades rurais, após libertação, uma grande parte migrou para áreas urbanas brasileiras e passou a desempenhar funções subalternas nas cidades. A favela, seguida do cortiço, tornou-se um dos primeiros núcleos de habitação da população recém-egressa da escravidão (CARRIL, 2006). A herança desse processo histórico ocasionou, para a população negra, uma marginalização na sociedade brasileira que impacta o lugar do negro nessa sociedade. Os jovens negros por consequência são herdeiros desse processo de segregação racial e espacial.

A história do negro no Brasil nos leva a um cenário de conflitos e experiências de lutas no que tange ao reconhecimento como membro ativo, e não subalterno, da sociedade. A história do negro, portanto, não deve ser tomada a partir de uma narrativa linear conforme os livros didáticos insistem em retratar (SILVA, 2005). Sua presença na sociedade se consolida a partir de uma trajetória de lutas e resistência, ou seja, construída a partir de um campo de tensão. Nesse contexto surgiu a lei 10.639⁵ como resultado de anos de luta e resistência negra contra a prática do racismo na sociedade brasileira. Para Gomes (2012) a lei não surgiu como uma nova disciplina e nem como novos conteúdos, mas como uma mudança cultural e política no campo curricular e epistemológico – poderá romper com o silêncio e desvelar esse e outros rituais pedagógicos a favor da discriminação racial.

⁵ Sancionada pelo Presidente da República no dia 9 de janeiro de 2003. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

Para Guimarães (2008), o termo *negro* entre os povos europeus era utilizado para se referir à cor de pele escura de alguns povos, próximos dos africanos, por exemplo, os mediterrâneos, como forma de diferenciar os seres humanos. Para o autor, nasce aí uma primeira fonte de sentimento negativo, ou preconceito, pois no simbolismo das cores, no Ocidente cristão, o negro significava a derrota, a morte, o pecado, enquanto o branco significava o sucesso, a pureza e a sabedoria. Para Hall (2003) o termo negro “funciona como linguagens”, uma vez que a formação na qual situa o termo, isto é, os sujeitos em relação a cor, posição social e raça é encarada, assim, como engendrada em contextos históricos específicos. Para o autor, a característica transitória das identidades a dificuldade para definirmos o termo negro, como se fosse uma cor que se tem ou não tem. A cor de um ser humano é sempre presumida, uma vez que cor é uma categoria classificatória criada culturalmente. A atribuição ou a auto atribuição de cor é a tentativa de situar um sujeito em um contexto social usando uma presumida aparência para posicionar o referido sujeito nas relações de poder como dominante, subalterno, igual, diferente.

Assim, entre os séculos XVIII e XIX, surgiram algumas explicações, a partir de teorias científicas, que buscavam provar a existência de raças humanas e suas diferenças. Surgem alguns nomes que se destacaram nessa busca de diferenciar brancos e negros a partir de um debate científico, principalmente na sociedade brasileira: Joseph Arthur Gobineau (1816-1882), Nina Rodrigues (1862-1906) e Oliveira Vianna (1883-1951). O primeiro defendia uma visão poligenista⁶, condenando o cruzamento inter-racial, que teria como consequências a perda da pureza do sangue da raça branca e superior e a produção de seres inférteis e incapazes – os sem-raça – que viriam a comprometer o potencial civilizatório de um povo. Nina Rodrigues (1862-1906), por sua vez, supunha que a lei biológica nos dava indicações de que os produtos do cruzamento eram tanto menos favoráveis quanto mais se encontravam afastadas as espécies dentro de uma hierarquia zoológica. Embora não se tivesse comprovado a hibridez física dos produtos do cruzamento, poder-se-ia verificar uma hibridez moral, social e intelectual dos mestiços. Já Oliveira Vianna (1883-1951) creditava à

⁶ Esta é uma teoria sobre as origens dos humanos que postula a existência de diferentes linhagens para as raças humanas. Alguns dos seus defensores derivam os seus postulados a partir de bases científicas e outros de bases pseudocientíficas ou religiosas. A teoria opõe-se à hipótese da origem única, ou monogenismo, hoje com forte aceitação face aos resultados genéticos obtidos da análise do genoma humano.

miscigenação a “salvação nacional”, visto que segundo sua afirmação à miscigenação levaria ao “branqueamento” da sociedade brasileira, devido à suposta superioridade racial branca. Daí fortifica-se no Brasil a centralidade da importância do mulato para a concretização do ideário do branqueamento racial.

Diante desse contexto do século XIX, o Estado brasileiro, após o fim da escravidão negra, incentivou a imigração de um contingente populacional branco, europeu, para substituição da mão de obra negra. A política de imigração como uma ação oficial do Estado brasileiro tinha o caráter de substituir a mão de obra negra pela branca e por consequência incentivar o processo de miscigenação para tornar a população brasileira negra em mestiça e com o passar do tempo branca. Para Carone (2002), abordando o fenômeno do branqueamento hoje:

Se nos períodos pré e pós-abolicionistas ela parecia corresponder às necessidades, anseios, preocupações e medos das elites brancas, hoje ganhou outra conotações – é um tipo de discurso que atribui aos negros o desejo de branquear ou de alcançar os privilégios da branquitude, por inveja, imitação e falta de identidade étnica positiva. (CARONE, 2002, p.17)

Essa política ideológica culmina, na década de 1940, com a formulação do que ficou conhecido como “democracia racial”. Gilberto Freyre, ao lançar o livro *Casa Grande e Senzala*, na década de 1930, promove uma revolução ideológica no Brasil ao propor um debate sobre a velha estrutura colonial e mestiça em relação à cultura luso-brasileira nordestina para a formulação de um modelo nacional. O pensamento de Gilberto Freyre consistia em aprofundar o tema da miscigenação na sociedade brasileira como um motivo de orgulho do nosso caráter nacional. Para ele, essa relação de miscigenação entre brancos, negros e indígenas não se construiu a partir dos princípios de dominação, colonização e violência, ou seja, a sua interpretação não levou em conta esses aspectos de dominação, violência e perversidade. Apesar de a formação da sociedade brasileira, em seu trajeto histórico, político e cultural, ser pautada na prática do racismo e da desigualdade racial, Freyre construiu um argumento ideológico que narra esse processo a partir de uma harmonia racial entre brancos e negros.

Para Munanga (2008), o pensamento de uma identidade racial homogênea no Brasil levou a elite do século XIX a uma mobilização intelectual e política para o alcance de um modelo eurocêntrico de sociedade. Sendo assim, adotou-se grande parte das teorias racistas vindas da Europa, para que o Brasil pudesse alcançar um status de sociedade preponderantemente branca e cristã. Hoje, esse fenômeno impacta o cotidiano

dos jovens negros, pelo fato de trazerem, na cor da pele, no cabelo e no próprio corpo, os traços de um pertencimento racial marcado historicamente por um processo de exclusão. Na sociedade brasileira os traços fenotípicos são um importante elemento de avaliação social, ou seja, o jovem negro é avaliado a partir dos seus traços físicos, desenhados historicamente como traços inferiores ou subalternos, atribuindo-lhes uma representação negativa.

Um fenômeno que contrapõe a ideologia do branqueamento na sociedade brasileira e o processo da diáspora⁷. O conceito de diáspora propõe um debate que pode favorecer o entendimento das relações entre a cultura negra africana e a cultura negra brasileira. Para Gomes (2006) o conceito de diáspora deve ser usado de forma ampla, levando em consideração a preocupação em não cristalizar e homogeneizar os seus efeitos. Para o autor, uma análise diaspórica se caracteriza por um campo da pluralidade, das riquezas culturais de um povo ou civilização. Ele nos mostra que a diáspora veio do encontro de uma África plural, a partir de vários povos com suas diversificadas culturas. Essa diversidade, portanto se fez sentir nas áreas que abrigaram essa população africana e os processos de mudanças e transformações que ocorreram com essa população, em particular na América. Hall (2003), em seus estudos sobre a diáspora a partir América Caribenha, nos mostra que ressignificar a África na trama caribenha tem sido o elemento mais poderoso e subversivo para uma política cultural no Século XX. Tem sido uma questão de *interpretar a África, reler a África*, de “*que a África poderia significar hoje*, depois da diáspora.

Munanga (2012) nos revela que o processo de mestiçagem é um ponto fundamental para compreendermos a diáspora. A própria cor da pele ganha uma referência ampliada, ou seja, não mais como status preponderante para uma construção identitária, abrindo assim margem para outros fatores que cruzam essa dimensão. Para o autor, apenas a cor da pele negra não produz contornos identitários únicos, mesmo

⁷ A Diáspora define o deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas. Na perspectiva de Stuart Hall, dentro dos Estudos Culturais, o termo se presta a dar conta, especialmente, dos fenômenos relativos a migrações humanas dos ex-países coloniais para as antigas metrópoles. Para o teórico, "o conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “outro” e de uma oposição rígida entre o de dentro e o de fora.

sabendo que a tonalidade da pele é um fator hierarquizante, principalmente na sociedade brasileira. Assim, cada jovem negro vivencia essa relação diaspórica de forma própria, de acordo com suas especificidades pessoais e o contexto social em que se insere. A partir disso, o fenômeno da diáspora ganha contornos próprios no entendimento dos jovens negros dentro da sociedade atual: mais do que nascer negro, a ideia de se construir como negro, de tornar-se negro.

Através dos números estatísticos relacionados à população jovem, negra, constatamos uma realidade de preconceito, discriminação e racismo. A classificação racial existente no Brasil, que opera nas mentes a partir da associação da tonalidade da pele com a posição ocupada na estrutura sócio econômica da sociedade, o que torna praticamente indissociáveis as categorias cor, raça e classe social na hora em que identificamos um brasileiro como preto, branco, moreno, negro etc. Os impactos no cotidiano dos jovens negros se alinham ao cotidiano da população adulta negra. Mesmo que a sociedade busque negar uma realidade de preconceito justificada por teorias ideológicas, os números nos mostram uma outra realidade. Waiselfisz (2012), através dos seus estudos mostra o lado cruel do racismo brasileiro. A taxa de homicídios por cor ou raça, numa comparação no período de 2002 a 2010 chega aos seguintes resultados: enquanto para a população branca houve uma queda de 25% dos homicídios nesse período, para a população negra ocorreu um aumento de 29,8%. No ano de 2002 a vitimização negra atingiu a porcentagem de 65,4%; no ano de 2006 de 90,8% e em 2010 chegou a 132,3%, ou seja, para cada branco que é assassinado, morrem, proporcionalmente, 2,3 negros pelo mesmo motivo. Para a população jovem, o número de homicídios de jovens brancos caiu 33% e o dos jovens negros cresceu 23,4% no período de 2002 a 2010. Em 2002, 71,7% dos assassinatos envolviam jovens negros; em 2010, 153,9%. Isso significa que no ano de 2010 proporcionalmente 2,5 jovens negros morrem assassinados para cada um jovem branco pelo mesmo motivo.

Para Cerqueira e Moura (2013) a principal vítima dessa violência está concentrada no gênero masculino, entendendo que os meninos são mais frágeis que as meninas, a esse quadro de violência, levando em conta um conjunto de fatores que incidem sobre cada gênero. A vitimização em relação à cor/raça se concentra na população parda e negra apresentando uma elevada taxa de morte por homicídio. Quando se informa sobre o nível de escolaridade entre os jovens vítimas de homicídios é constatado que os anos de estudo variam entre 4 a 7 anos, existindo, portanto, uma

defasagem escolar. Outro dado importante é que os homicídios ocorrem num processo de zoneamento e sazonalidade, ou seja, acontecem em uma região concentrada, quando comparados com os outros fatores de mortes. Isso significa que os assassinatos acontecem em áreas específicas de uma localidade e em determinadas épocas: no verão, nos finais de semana e no período noturno.

Ao analisarmos as taxas de homicídio no Brasil em relação ao público jovem, concluímos que a sociedade brasileira vivencia um quadro de genocídio. O jovem negro é identificado através dos traços fenotípicos e de seu pertencimento racial. Jovem, homem, negro, com baixo nível de escolaridade são as características das vítimas de assassinatos. Ao negar esse quadro de extermínio, o Estado e a sociedade alimentam um cenário de “invisibilidade” da população negra gerando feridas profundas, pela ausência de reconhecimento, ou quando esse reconhecimento se efetiva no viés da violência. O fato é que “invisível” não é aquilo que não existe, mas aquilo que foi ativamente construído como inexistente (JESUS e REIS, 2014).

Reis (2002) nos mostra, através dos seus estudos sobre a atuação da Polícia Militar na cidade de Salvador e os fatores que levam um policial a considerar uma pessoa suspeita, nos levou a um quadro específico: o lugar, a situação e as características físicas. Os lugares, em sua maioria, são os bairros pobres e distantes do centro, as classes urbanas pobres, os desempregados ou subempregados. As características físicas são as que se enquadram a uma parcela da população que se identifica como preta. O jovem negro é o principal alvo das abordagens policiais, pois concentra as características de um imaginário racial atribuído à prática marginal. Mesmo que esse jovem negro esteja fora do seu lócus original, provavelmente se tornará alvo de suspeita policial, a partir dos seus traços físicos e do seu pertencimento racial, através de uma classificação. As características físicas, o corpo, o cabelo, o linguajar e a própria forma de se expressar são anunciadores de um pertencimento racial negatizado pelas instituições da sociedade.

Essa prática, pautada na suspeição, tem como origem a construção de um estigma em torno dos jovens negros moradores de periferias urbanas e da população alocada nessas áreas. Goffman (1982), em seu estudo sobre estigma, mostra como é permeada a ideia da presença física entre estigmatizados e “normais” e como essa relação se constrói entre os atores na sociedade. Os estereótipos, que são construídos da nossa própria cultura são o elemento para propagação do preconceito. O estereótipo

gera o estigma, na sociedade brasileira direcionado negativamente à população negra, dificultando sua aceitação no cotidiano da vida social. Recai, portanto sobre o jovem negro a mesma intensidade de preconceito, destacado por parte da sociedade, uma “marca”, sedimentada historicamente por um olhar que lhe atribui uma posição subalterna na sociedade e lhe impacta as relações sociais.

No campo educacional o cenário de desigualdade se apresenta de forma explícito. As diferenças nas trajetórias de negros e brancos nos revelam uma defasagem de permanência e aprendizagem que desembocam no final do processo educativo. Os brancos permanecem mais tempo na escola, finalizando sua trajetória sem desvios ou atrasos. Por outro lado, os negros apresentam menos tempo na escola ou, quando apresentam mais tempo, isso é, geralmente como resultado da distorção idade-série, apresentando também um alto índice de evasão. Na educação básica conseguimos identificar tais problemas, porém na transição para o ensino superior percebemos um abismo entre trajetórias escolares de brancos e negros.

Conforme dados do IPEA (2014), em relação os indicadores de escolaridade a que estão submetidos os jovens negros, os resultados nos apresentam preocupação:

Considerando a população com mais de 15 anos, em 2012, 23% da população branca tinha menos de quatro anos de estudos; entre os negros, este percentual atingiu 32,3%. Na população branca, o percentual de pessoas com nove anos ou mais de estudo era de 55,5% em 2012; na população negra, era 41,2%, em 2012. A proporção de pessoas brancas com doze anos ou mais de estudos era de 22,1%, enquanto entre os negros era de 9,4% em 2012 (IPEA, 2014)

Os números nos revelam a existência de uma lacuna entre o tempo de escolaridade entre brancos e negros. A educação que, em princípio, seria a dimensão de combate a esse racismo, na realidade se apresenta como principal mecanismo de manutenção desse *status quo*. As diferenças no acesso e permanência na escola têm contribuído para que negros e negras se mantenham em desvantagem nos diferentes aspectos de suas vidas, quer seja no mercado de trabalho ou nos demais direitos básicos como saúde, habitação, saneamento, segurança, alimentação, lazer, etc. Dessa maneira, não é mais possível negar que o sistema educacional brasileiro é excludente.

Uma escola pouco sensível ao diferente segrega, nas suas relações cotidianas, os jovens que não se enquadram ao seu modelo idealizado. Estigmatizados, esses alunos são classificados como desinteressados, indisciplinados e violentos; são aglutinados nas últimas turmas da escola, como mecanismo para não contaminar os outros alunos. É

atribuída ao próprio jovem uma incapacidade de aprender e de atingir as metas estabelecidas, não sendo reconhecido o conhecimento que esse aluno traz dos espaços extraescolares, sendo marcado, em sua trajetória, pela incompetência e incapacidade de gerir o conhecimento formal. É imputada a esse aluno uma representação negativa, como oriundo de uma família desestruturada, de extrema pobreza, e de um convívio com um quadro de violência. O próprio espaço escolar omite que muitos desses alunos são frutos do fracasso da escola, em sua incapacidade de instrumentalizar e ressignificar suas metodologias em um processo de abertura para o novo, pautada no sujeito concreto. A escola é, portanto um reflexo da sociedade, reproduzindo e construindo, em suas relações cotidianas, esse quadro de desigualdade.

Podemos apontar que o jovem negro na sociedade brasileira ocupa uma posição delicada, pois é enquadrado em um imaginário estereotipado, de potencial para transgressão e de problema social.

Homem, negro, com idade entre 15 e 29 anos, esta é a descrição das principais vítimas de violência no Brasil. Esse fenômeno é consequência como já foi dito, de diversos fatores, desde uma estrutura social racista que não reconhece o negro como cidadão ativo, em função de uma trajetória histórica, pautada na desigualdade racial, que o elevou à condição de “coisa” e, por consequência, à sua destituição como pessoa humana, buscando em pareceres científicos, uma justificativa para essa desigualdade. Por outro lado, a persistência, na sociedade brasileira, de um imaginário a partir da “democracia racial”, colocando-a como uma sociedade miscigenada, oculta a existência do racismo. Na prática cotidiana é explícita a condição de tratamento e reconhecimento diferenciado à população e aos jovens negros na sociedade brasileira, pautada pela discriminação, preconceito e racismo.

O fato é que vivemos em uma sociedade racializada, ou seja, a cor da pele e os traços fenotípicos, ou marcas, são fatores destacados para uma classificação social, e o reconhecimento social se dá a partir desses critérios. A consequência disso é ação de uma polícia que não respeita os direitos humanos e uma cultura social que não valoriza a vida do jovem negro que mora na periferia das cidades. Quando destacamos a categoria juventude negra, é por constatarmos a triste referência de esta ser quase um sinônimo de violência urbana, de desemprego, evasão escolar, analfabetismo, criminalidade e outros agravantes. E por percebermos a ausência de uma discussão aprofundada sobre as questões sócio-históricas que, no caso da população negra, não

estão relacionadas aos males da vida moderna, mas se elenca em uma categoria sistêmica, de formação meticulosa de uma ideologia sobre essa população.

CAPÍTULO 2

O CONTEXTO DA PESQUISA

Neste capítulo será abordada a história da cidade de Santa Luzia e sua localização geográfica na região metropolitana de Belo Horizonte. Será abordada, ainda, a história da implantação do Conjunto Habitacional Palmital e as trajetórias de mobilizações e lutas de seus moradores. Buscamos compreender a política habitacional que criou o conjunto habitacional e, por fim, o contexto social dos jovens do Palmital.

2.1 - A História do Conjunto Habitacional Palmital/Santa Luzia/MG

A cidade de Santa Luzia originou-se no século XVII, tendo sido fundada em 1692, durante o período do ouro que tinha as margens do rio das Velhas como o local de exploração desse metal. Nesse local foi erguido um arraial que atendia à população que vivia às margens do rio das Velhas e explorava o metal precioso. No ano de 1695 ocorreram intensos períodos de chuvas, ocasionando o transbordamento do rio e destruindo todo o povoado. A partir daí, o povoado migrou para o alto da colina, onde hoje é o centro histórico da cidade.



Figura 01 - Localização do município de Santa Luzia na Região Metropolitana de Belo Horizonte – Fonte: IBGE-2010

No século XVIII, a região já abrigava diversas famílias e trabalhavam diretamente com mineração. Outra atividade desenvolvida na região era o comércio. Nesse período Santa Luzia desempenhava importante papel de centro comercial, ficava na rota entre as mercadorias do norte de Minas Gerais e o Rio de Janeiro. No século XIX, com a crise da mineração Santa Luzia experimentou um longo período de crise, o ponto de entreposto entre norte de Minas Gerais e Rio de Janeiro desapareceu, gerando assim uma diminuição nas transações comerciais. Santa Luzia nesse momento busca investir no setor agrícola, sua única alternativa. No ano de 1881 Santa Luzia recebe a visita de D. Pedro I e nesse mesmo evento eleva o arraial de Santa Luzia ao título de Cidade Imperial. No século XX, o crescimento populacional acontece com o desenvolvimento de Belo Horizonte e a confirmação das cidades vizinhas como periferia da capital.

Atualmente, a cidade de Santa Luzia faz parte do Complexo Vetor Norte, no qual se fixaram, na última década, diversos serviços e atividades que geraram grande impacto para os municípios ao seu redor, principalmente a construção do Centro Administrativo do Estado de Minas Gerais. A implantação dessa estrutura de governo próxima ao município está afetando, em particular, o setor imobiliário, trazendo novas demandas para o planejamento da cidade.

Conforme o censo do IBGE-2010, a população da cidade era de 202.942 habitantes, distribuída em duas partes da cidade, a Sede e o distrito de São Benedito. A Sede da cidade de Santa Luzia é a região que guarda a história colonial e imperial do município, localizando o centro histórico e a igreja Matriz de Santa Luzia datada do século XVIII. O distrito de São Benedito começou a ser urbanizado na década de 1940 e a partir da década de 1980 abriga dois grandes conjuntos habitacionais – Cristina e Palmital – e hoje é composto por mais 17 bairros. A cidade de Santa Luzia faz limite com seis cidades, Belo Horizonte, Sabará, Taquaraçu de Minas, Jaboticatubas, Lagoa Santa e Vespasiano. Com a atualização do censo, em 2014, a população passou para 214.830 habitantes, colocando a cidade no décimo lugar em população, no ranking das cidades de Minas Gerais.

O Conjunto Habitacional Palmital, localizado no Distrito de São Benedito, se caracteriza por ter uma população com perfil socioeconômico baixo e uma história de marginalização social e de luta pelo direito a uma moradia digna. Na região existia a

Fazenda Palmital que fazia parte da Fazenda Baronesa, de propriedade da família Lara. Na Fazenda Palmital existiam muitos pés de palmito. Sendo assim, sempre quando alguém se referia àquela região se dizia “lá nos palmitos”. Com a venda de uma parte da fazenda para construção do conjunto habitacional, o bairro recebeu o nome oficial de Conjunto Habitacional Maria Antonieta, mas todos, popularmente, conhecem a região como Conjunto Palmital conforme era conhecida, ficando fixado o nome até hoje.

O conjunto Habitacional Palmital está localizado no distrito de São Benedito ao lado do conjunto habitacional Cristina. A região abriga grande parte da população do município e carrega uma marca diferenciada do restante da cidade. A região do São Benedito integra a Avenida Brasília, principal centro comercial da cidade, onde se localizam grandes redes de lojas e supermercados, feiras, lojas de automóveis e bancos.



Figura 2 - Foto da Avenida Brasília principal artéria do distrito de São Benedito. Reúne em uma mesma localidade várias lojas, bancos e supermercados. Fonte: Google maps – acessado em: 13/07/2015

O perfil populacional da região é diferente da sede, pois aqui estão moradores com um forte vínculo com Belo Horizonte, onde trabalham, estudam e transitam. Exemplo disso é que, há um tempo, na Rua dos Caetés localizada na área central da capital, foi aberto um ponto de atendimento da prefeitura de Santa Luzia. A justificativa para o funcionamento desse equipamento público em outro município foi de que o local era de concentração das principais linhas de ônibus do município, facilitando assim a resolução de problemas de serviços básicos do município, tais como IPTU e outros. O deslocamento da população até a sede da prefeitura da cidade era reconhecida como mais difícil, principalmente para a população do Distrito de São Benedito. Ao implantar esse ponto de atendimento na capital mineira o município legitimou um movimento que já se fazia perceber que era a caracterização da cidade como dormitório.

Desde a década de 1970, Santa Luzia, e em especial o Distrito de São Benedito, passou a ter relações estreitas com Belo Horizonte, mantendo-se apenas a área da sede e seu entorno com relativa autonomia, em relação ao centro da metrópole. Conforme os estudos do Plano de regularização fundiária sustentável do município de Santa Luzia, realizado pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional e Política Urbana, em parceria com a Fundação Israel Pinheiro, no ano de 2009,

as relações de Santa Luzia com a Região Metropolitana e, especialmente, com Belo Horizonte podem ser aferidas pelos dados da Pesquisa Origem-Destino de 2002. De acordo com essa pesquisa, as viagens diárias da população para fora do município, especialmente para Belo Horizonte, são de 29.391 viagens, substancialmente maiores do que as 2.853 viagens da capital em direção a Santa Luzia. (SEDRU,2009,p.23)

Isso significa que o fluxo de pessoas que saem para trabalhar, acessar serviços e lazer se dá para fora de Santa Luzia, reservando os períodos do dia para a intensificação desse fluxo de entrada e saída. Ainda em relação a esse estudo, Santa Luzia contribui com aproximadamente 13,8% de pessoas da região metropolitana que se deslocam para Belo Horizonte como destino de trabalho, ficando atrás somente de Contagem e Ribeirão das Neves. Na outra ponta, Santa Luzia é o destino de apenas 3,73% dos que saem da capital em direção a outras localidades da região metropolitana. A consequência desse processo é a perda de vínculo dessa população, concentrada na região do distrito de São Benedito, em relação à sede.

A história do conjunto habitacional Palmital é resultado de uma política nacional de habitação para populações de baixa renda implantada pelo governo federal na década de 1960, em parceria com os governos do Estado e Municípios, implantada em várias regiões do Brasil e principalmente nas áreas metropolitanas. Essa política habitacional tinha como princípio atuar na produção de novos assentamentos e recuperar áreas de favela, ou seja, estabeleceu-se uma frente de atuação estatal, que trazia para o debate a discussão entre favela, provisão habitacional e política habitacional. Para Santos (2006),

Inicialmente, apesar de as políticas habitacionais não oficializarem sua atuação nas favelas, os problemas sócio-urbanos advindos delas (focos de doenças devido aos altos índices de insalubridade, impactos socioambientais) foram alguns dos motivos para as primeiras intervenções públicas (SANTOS, 2006, p.27).

O poder público se viu obrigado a colocar na pauta de discussão essa população até então marginalizada, e trazer para um primeiro plano os problemas de infraestrutura

e a precariedade das moradias. Um entrave para um projeto de urbanização, de pensar a cidade passa pelo problema até então chamado pelo Estado de favelas. Os estigmas, o imaginário sobre essa localidade, passavam a ser o entrave para uma política habitacional. Segundo Kowarick (2002):

(...) sobre essa modalidade de moradia, o imaginário social constrói um discurso que esquadrinha a mistura de sexos e idades, a desorganização familiar, a moralidade duvidosa, os hábitos perniciosos, olhando esses locais como focos que fermentam os germes da degenerescência e da vadiagem, e daí, um passo para a criminalidade. (KOWARICK, 2002, p.54-55)

Esse imaginário permeava a mentalidade sobre essas áreas na cidade, muito compatível com as políticas sociais no decorrer da nossa história. Essa abordagem sobre a questão habitacional, que desemboca na década de 1960 no Brasil, foi resultado do intenso processo de migração da população da área rural para o centro urbano (êxodo rural). As capitais e as grandes cidades não comportariam o fluxo dessa população, ocasionando uma ineficiência na gestão do Estado, e produzindo o aumento dos problemas ligados à moradia social e a multiplicação das favelas. Para Silva (1990),

A maior e mais importante de todas as alterações é a inversão da relação campo/cidade, onde a população rural, em 1950, representava 64% da população total e a população urbana 36%, passando, em 1980, a primeira para 33% e a segunda para 67% da população total. (SILVA, 1990, p.351)

Fica evidente, para essa época, que a partir da década de 1950 estava ocorrendo um fenômeno conhecido como êxodo rural, em decorrência de uma mudança de eixo econômico. Para o mesmo autor,

Sem dúvida, o elemento básico causal do crescimento das cidades encontra-se no forte êxodo rural, a ponto de esvaziar o interior de alguns estados, como o Rio de Janeiro ou o Espírito Santo, causado por condições sociais extremamente negativas e pelo crescimento da violência rural (SILVA, 1990, p.352).

Esse contingente populacional encontra as cidades totalmente despreparadas para absorver, com sua infraestrutura, um perfil populacional pobre. Essa população, muitas vezes não se adaptava à estrutura industrial e não tinha capital para garantir uma moradia dentro dos moldes da cidade, recorrendo a áreas marginalizadas em função da topografia (encostas de morros), geologia do solo (terrenos alagadiços e instáveis) e à falta de saneamento básico como a única maneira para ocupar a cidade, ocasionando um claro processo de contraste espacial e segregação urbana.

Esse quadro começa a se modificar a partir do momento que essas áreas ocupadas passam a ser alvo de especulação imobiliária, por estarem localizadas próximo a áreas privilegiadas. Por exemplo, em Belo Horizonte na área central, se localiza o Ribeirão Arrudas que nasce no município de Contagem e deságua no Rio das Velhas no município de Sabará. Na década de 1970 em toda a sua extensão, o rio não era canalizado.

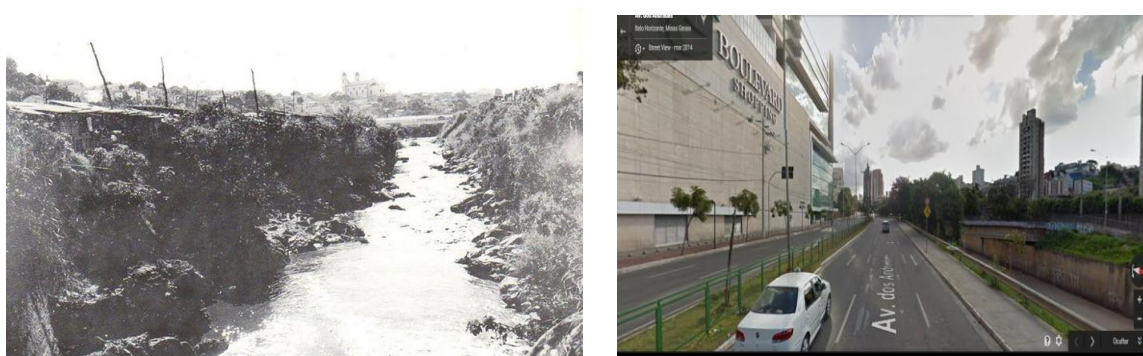


Figura 3 - Ribeirão Arrudas. À esquerda uma foto antiga do Ribeirão Arrudas antes de ser canalizado. À direita a foto atual do Boulevard Arrudas. Fontes: A esquerda, www.curraldelrey.com – Acessado: 13/07/2015. A direita, Google Maps – Acessado: 13/07/2015.

A área central de Belo Horizonte abrigava, na extensão do seu leito, diversas vilas e favelas. Por muitos anos essa população ribeirinha sofreu frequentemente as consequências das enchentes e o descaso do poder público. No início da década de 1980, as famílias foram retiradas desses locais, após um período forte de chuvas e, após a sua desocupação, o local passou por um processo de canalização. Atualmente o Arrudas foi coberto e reinaugurado como Boulevard Arrudas, abrigando um Shopping e vários prédios comerciais. Uma clara ressignificação do espaço, antes marginalizado e negligenciado, agora valorizado e com alto poder especulativo.

Santos (2006) nos revela que em Belo Horizonte o primeiro cadastramento oficial das favelas ocorreu na década de 1950. A criação do Departamento de Bairros Populares tinha o objetivo de levantar o perfil das favelas para conhecer o público residente desses lugares. A remoção das famílias localizadas não se realizaria no formato de retirada do local sem um destino certo para abrigá-las. As desocupações ocorreriam com a intermediação do Estado mesmo se essas ocupações tivessem ocorrido em terrenos públicos ou particulares. Esse processo sinalizou a questão habitacional, que a partir daquele momento era de responsabilidade do Estado. Para Resgala e Soraggi (2013),

A ação do Estado brasileiro expressa através das políticas habitacionais foi estruturada ao longo do século XX a partir da institucionalização de programas e mecanismos regulatórios concebidos como uma tentativa de dar respostas aos problemas relacionados à moradia, que se intensificavam no decorrer do processo de industrialização e urbanização do país. (RESGALA e SORAGGI, 2013, p.03)

A partir dessa discussão, podemos dizer que o conjunto habitacional Palmital é resultado direto dessa política habitacional, construído pela Companhia de Habitação de Minas Gerais (CoHab-MG), criada em 1965 pelo governo de Minas Gerais com a finalidade de combater o déficit habitacional e urbanizar vilas e favelas no Estado. Essa política habitacional era financiada pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) criado em 1964.

O BNH era responsável pela produção e financiamento de empreendimentos imobiliários. Sua atuação era indireta, por meio de bancos públicos e/ou privados e de outros agentes, tais como as companhias habitacionais e as companhias de água e esgoto. As políticas habitacionais foram então formuladas como capazes de promover um cenário de “paz e tranquilidade social”, uma “compensação psicológica” que traria reações mais acolhedoras em relação à conjuntura política de arrocho salarial à qual eram submetidas as massas (AZEVEDO, 1982; BOLAFFI, 1979.).

A CoHab-MG inicia seus trabalhos em 1967 com a construção do conjunto Habitacional Jatobá localizado na região conhecida como Barreiro, em Belo Horizonte, intensificando uma política de expansão habitacional para região metropolitana de Belo Horizonte. Essa política gerou um aumento populacional nas cidades do entorno de Belo Horizonte. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – no período de 1980 a 2010 os números mostram que a população dos municípios vizinhos aumentou consideravelmente. O exemplo é Santa Luzia que, de uma população de 59.892 em 1980 saltou para 214.830 em 2014.

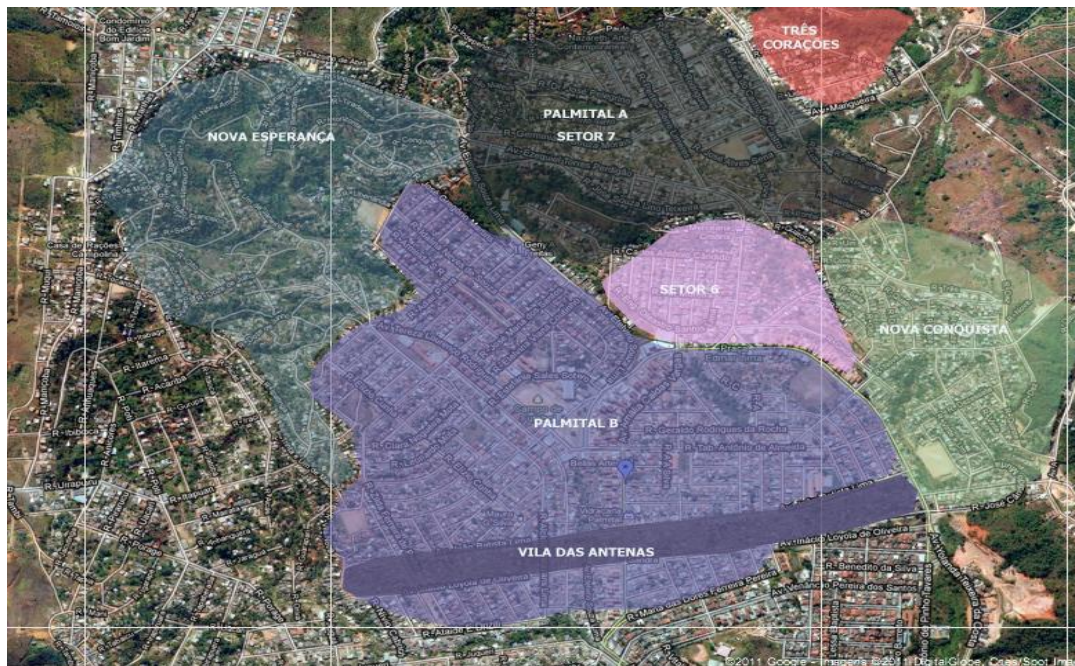


Figura 04 – Conjunto Habitacional Palmital dividido por setor. Fonte: Secretaria do Estado de Defesa Social.

Também, a construção do conjunto habitacional Palmital e do conjunto habitacional Cristina, na mesma região, foi responsável pelo aumento populacional do município de Santa Luzia na década de 1980, principalmente no distrito do São Benedito. O Palmital faz limite com o conjunto habitacional Cristina, os bairros São Cosme e Três Corações. O Palmital também se localiza entre três vilas (ou favelas): Nova Esperança, Nova Conquista e Vila das Antenas.

A importância de abordar e relatar as histórias de fundação dessas áreas é, na verdade, um apêndice da história do próprio Palmital, na medida em que esse aglomerado ganha o significado de extensão do bairro e pela forte ligação com o Palmital. A primeira é a Vila das Antenas uma ocupação que se fixou em uma área onde fica a antena de transmissão de energia da CEMIG (Central Elétrica de Minas Gerais). Segundo um morador antigo da região ali existia uma plantação de legumes e frutas e uma parte da produção era direcionada ao próprio bairro. A plantação nessa área já se caracterizava como uma ocupação devido ao fato de o local ser de propriedade da CEMIG. Na década de 1990 ocorreu o processo de ocupação por famílias oriundas de diversas localidades da região metropolitana, mas também de ex-moradores do conjunto habitacional.

A Vila Nova Conquista trouxe sobre sua criação, relatos diferentes. Conforme moradores antigos, o processo de ocupação se deu em 1986, numa área destinada a pasto, onde três famílias começaram a plantar milho, cana, mandioca e hortaliças,. Com o tempo, elas cercaram a área e promoveram a divisão entre eles. Essa situação foi contestada por um grupo de 110 famílias que diziam pertencer a uma associação dose sem terras', alegando que tal área pertencia eles. Foram destruídas as plantações, derrubadas as cercas e ocupadas as áreas por essas famílias. Um segundo relato conta que a área era inicialmente destinada a pasto, abrigava uma área verde, ambas pertencentes à COHAB. Os moradores da comunidade relatam ainda, que Nova Conquista foi um terreno 'conquistado' pela comunidade, com o da igreja católica junto à prefeitura de Santa Luzia, a partir da articulação de lideranças comunitárias. Foi ocupada por famílias de diversas localidades de Belo Horizonte e de cidades da Região Metropolitana e também do próprio Conjunto Habitacional.

A Vila Nova Esperança tem como origem no ano de 1991, a partir da ocupação de uma área de preservação ambiental, que fazia fronteira com o município de Vespasiano, inicialmente batizado de bairro Padre Zezinho. Essa ocupação foi marcada por momentos de tensão devido à intervenção da polícia e da retirada dessa população. O caráter de resistência foi uma marca dessa ocupação. Mesmo sem qualquer infraestrutura como água, luz e rede de esgoto os moradores permaneceram firmes na localidade. No mesmo ano os moradores se mobilizaram e formaram a primeira associação, que passou a se chamar Associação Nova, com o objetivo de representar as cinco mil famílias. No ano de 2000 começaram a surgir os primeiros serviços como água e luz. As famílias que ocupavam essa área eram oriundas de várias regiões de Minas Gerais e da Região Metropolitana.

O resgate dessas histórias pode ser compreendido a partir da importância que o Conjunto Palmital adquire para esses aglomerados. Marcados por uma forte ligação com o conjunto, essas antigas ocupações são como extensões do Palmital. Pela vulnerabilidade dos serviços, recorre-se aos equipamentos do Palmital para suprir as suas necessidades tais como posto de saúde, posto policial, escola e principalmente um local comercial estruturado. Poderíamos, portanto dizer que o Palmital seria considerado para essas áreas o centro e para o Palmital essas áreas são consideradas sua periferia.

De acordo com os estudos de Silva (2011), a maioria dos moradores do Conjunto Habitacional Palmital tem sua origem em vilas e favelas de Belo Horizonte

que ocupavam áreas de risco no município. Após as chuvas ocorridas no ano de 1983, milhares de famílias se encontravam na situação de ter de sair de suas casas devido à condição de desabamento iminente. Áreas ao redor dos córregos do Nado, Leitão, Ribeirão do Onça e do Ribeirão Arrudas foram as mais atingidas pelas fortes águas. No mesmo ano de 1983 os atingidos pelas chuvas de Belo Horizonte foram direcionados para abrigos municipais e posteriormente orientados e direcionados para conjuntos habitacionais em caráter de urgência. Os moradores das favelas de Santa Tereza, União, Belém, São Rafael e Caetano Furquim tiveram como destino o conjunto habitacional Palmital.

Esse processo de remoção das famílias de áreas de risco de desabamento foi marcado por tensões entre a Prefeitura e as famílias. O poder público pretendia direcionar esse perfil de público para a região metropolitana, fora dos limites do município e as famílias exigiam a permanência na região onde moravam há anos. Essa situação se transformou em uma luta de resistência, acreditando que a permanência no local de origem era um direito das famílias. NAZÁRIO e ANDRADE (2010) mostram que esse processo foi tenso, na medida em que o poder público se posicionou claramente a favor de direcionar esse contingente para fora dos limites da capital mineira. Os autores insistem em que o tratamento burocrático dado a essa situação de habitação se deu na esfera de simples substituição, isto é, a troca de uma moradia por outra em lugares diferentes, sem considerar os laços identitários construídos naquele lugar, um modelo adotado que revela princípios segregacionistas de urbanização.

Em seu estudo sobre os conjuntos habitacionais Nazário e Andrade (2011) analisam que o argumento usado pelo poder público sobre o perigo das enchentes acabou por justificar a retirada de todas as famílias, mesmo aquelas que residiam em áreas protegidas desse risco. Para Silva e Soraggi (2013) o processo de desfavelamento de áreas próximas aos centros urbanos promove tanto a liberação de áreas de interesse do capital imobiliário quanto também denota uma forma de “sanear” a paisagem urbana central de áreas tidas como insalubres e violentas. Podemos inferir que já havia uma intenção prévia, por parte do poder público municipal, de retirar essa parcela da população dessa localidade, tendo como acelerador a catástrofe natural. Para Silva (2011), as remoções poderiam ter como objetivo a retirada da população pobre que habitava irregularmente áreas mais centrais da capital e a sua realocação em regiões distantes, revelando a dinâmica pela qual são excluídos da cidade aqueles incapazes de

‘pagar’ por ela. Depois de muitas negociações entre as famílias e a prefeitura de Belo Horizonte elas foram direcionadas para o Palmital. A atuação junto às famílias, por parte de instituições como o Comitê de Apoio aos Flagelados (CAF), União dos Trabalhadores da Periferia de Belo Horizonte (UTP) e a Pastoral de Favelas foi um ponto importante nessa negociação. A participação dessas instituições na interlocução entre desabrigados e o poder público fortaleceu as reivindicações das famílias vítimas das enchentes que naquele momento se encontravam vulneráveis. Essas entidades de luta e defesa do direito à moradia confrontavam as propostas de segregação por parte do governo da época.

2.2 - Palmital: Construção de um espaço

No ano de 1983, o bairro Palmital encontrava-se numa situação precária em termos de infraestrutura, sendo alvo de muitas reclamações das famílias. A constante falta de luz elétrica e água obrigava-as a recorrerem ao uso de velas ou lamparinas e à utilização da água de uma mina, conhecida como “biquinha”. A ausência de comércio no local obrigava a população a andar longos trechos até o bairro São Benedito onde havia o único ponto de comércio da região. Não havia escolas, posto de saúde e nem posto policial. As crianças e os jovens em idade escolar tinham que caminhar longos trechos para escolas fora do bairro e, caso ocorresse alguma urgência de saúde, as famílias tinham que recorrer a Belo Horizonte, que ficava a quilômetros de distância. Em relação ao transporte público, inicialmente o bairro foi inaugurado sem esse serviço, sendo implantado somente dois anos depois da inauguração.

Muitas famílias não suportaram tal situação. Abandonaram a região, retornando a Belo Horizonte; venderam as casas a preços irrisórios ou deixaram o conjunto habitacional e se instalaram nas áreas verdes e comunitárias do bairro, pelo fato de terem que pagar prestação da casa após cinco anos de uso, iniciando ocupações no entorno do conjunto habitacional. Alguns elementos contribuíram para a sedimentação de um estigma negativo para o bairro, como a origem dos moradores, aliada à situação precária do bairro.

Geograficamente o bairro é dividido em duas partes: Palmital A e Palmital B. O Palmital A se localiza no final do bairro, no alto do morro conhecido como “Caldeirão

do Inferno”, uma área que carrega um estigma de pobreza e um fortes traços de violência. A outra parte do bairro é denominada Palmital B, onde se localiza a maioria dos serviços importantes tais como supermercados, comércio, posto de saúde, posto policial e a “Praça da Savassi”. A praça é o ponto de encontro mais utilizado pelos moradores, por estar no centro do bairro, sendo um corredor de passagem dos ônibus e das pessoas. Nesse espaço acontecem eventos de diferentes naturezas e a principal feira da região.



Figura 5 - Praça da Savassi durante a semana. Fonte: Google Maps. Acessado: 141/07/2015

Segundo pessoas da ASCOPA (Associação Comunitária do Palmital) a história da Praça da Savassi guarda particularidades. No início do bairro a situação era precária, devido à falta de infraestrutura e as pessoas tinham que atravessar praticamente o bairro inteiro para chegar ao vizinho Cristina, para utilizar o transporte coletivo. O único meio de fazer esse trajeto era passando por uma área verde que existia no meio do bairro e que futuramente seria reconhecida como praça.

No início do bairro, o local era tomado por um mato muito alto. Nessa área ocorreram diversos problemas tais como assaltos, uso de drogas e casos de estupros. Um lugar conhecido como perigoso para a população que tinha necessidade de atravessá-lo dia e noite para ter acesso aos serviços básicos. O local ficou conhecido pelos seus moradores como “Lá no salvasse”, fazendo alusão ao perigo de se transitar pelo local. Com o passar do tempo, “salvasse” se transformou em “Savassi” ou “Savassinha”.

Durante a feira⁸ que acontece aos domingos, as ruas no entorno da praça são tomadas por barracas que comercializam os mais diversos produtos e comidas, um roteiro certo para as famílias e a população do bairro. Essa feira é realizada desde o início do bairro e conforme um morador antigo foi uma forma encontrada pela população para gerar renda. Como tudo era longe improvisou-se ali uma feira de frutas e legumes através da extensão de uma grande lona, ao lado da qual as pessoas expunham seus produtos em lençóis estendidos no chão. A feira, inicialmente, era mal vista, pois muitos produtos expostos eram originários de furtos na região, ocorrendo constantemente a intervenção da polícia o que gerava tumulto na feira. Muitos moradores, que eram furtados na região, primeiramente recorriam a uma averiguação na feira para se certificar de que seu produto não se encontrava ali.

A praça era também um ponto de encontro dos primeiros movimentos culturais que surgiram no bairro. O pioneiro foi a roda de capoeira do Mestre Zuim, que reunia as crianças e jovens e realizava essa roda sempre aos domingos, na parte da manhã. Ao lado da praça havia um *trailer* que, nos finais de semana, realizava bailes de *black music e hip hop*, nos quais as pessoas iam para dançar e curtir um som. Também havia, posteriormente, a realização de gincanas que reuniam uma grande parcela de jovens para realizarem apresentações de dança e brincadeiras. Assim a Praça da Savassi foi se construindo um espaço, não apenas material, mas também simbolicamente central para os moradores do bairro.

2.3 – Contexto social dos jovens do Palmital

Conforme os dados do IBGE (2010), o distrito de São Benedito corresponde a 68% e a Sede a 32% da população da cidade de Santa Luzia. O Palmital totaliza 34.937 habitantes sendo que 25,3% da população é residente no Distrito de São Benedito, o que equivale a $\frac{1}{4}$ da população do distrito. Os jovens de Santa Luzia (15 a 29 anos) representam 27,2% da população da cidade. No Palmital essa população chega a 28,7% dos habitantes do bairro, ultrapassando a média nacional que é de 26,9% conforme

⁸ A feira ocorre todos os domingos na praça da Savassi onde são vendidos diversos produtos. Um ponto de encontro da população do Palmital. Essa feira acontecia no início no chão de terra e mato alto mas hoje acontece na praça já estruturada.

IBGE (2010). Em relação a raça/cor, no Palmital, a população negra representa 74,8% e os brancos 23,4% dos habitantes. Dessa forma, a população negra e parda no Palmital ultrapassa a própria média do município que é de 70,9%. Podemos concluir, conforme os dados apresentados há uma predominância de jovens negros no bairro.

Conforme dados do IPEA, em parceria com a Fundação João Pinheiro, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Santa Luzia no ano de 2010 foi um dos menores apresentados na Região Metropolitana de Belo Horizonte com o índice de 0,597 comparado com o maior com 0,955. Esse Índice busca avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico da população da cidade. Em Santa Luzia a região apresenta os mais baixos índices de desenvolvimento humano, concentrados nas regiões da Vila Bom Destino, Vila das Antenas, Vila Ferraz, Vila Morro Alto, Vila Nova Esperança (Caldeirão) e Nova Conquista. Das seis áreas, três se localizam em torno do Palmital (Vila das Antenas, Vila Nova Esperança e Nova Conquista). Essas áreas impactam o contexto de desenvolvimento da sua população, principalmente a população jovem, no que tange à saúde, educação e renda.

O bairro Palmital possui vários equipamentos estatais. Em relação à educação o bairro possui seis escolas públicas sendo quatro estaduais e duas municipais. Dessas escolas, três incluem o Ensino Fundamental e Médio e uma oferece também o supletivo (Fundamental e Médio). Em relação à saúde, o bairro possui um posto, localizado no Palmital B.. Em relação à Segurança Pública, houve, em 2010, a implantação da Área Integrada de Segurança Pública (AISP), lançada pelo governo estadual, com o objetivo de combater a criminalidade através da integração da Polícia Militar e da Polícia Civil. A região ainda conta com uma delegacia da Polícia Civil e o escritório administrativo do Programa Fica Vivo!⁹. O bairro tem uma cobertura de transporte coletivo que atende a todas as regiões, mas que recebe queixas dos moradores pela sua ineficiência. Atualmente as linhas de ônibus atendem ao novo modelo de gestão de transporte

⁹ Implantado no bairro no ano de 2004, tinha como objetivo diminuir o índice de homicídios na região através de oficinas pautadas na cultura, esporte e entretenimento.

coletivo que são as estações do MOVE Metropolitano¹⁰. Existem duas linhas circulares que têm como destino a Sede (parte alta) de Santa Luzia. Em relação à área de esporte, o bairro possui dois campos de futebol e uma quadra pública de futsal, basquete e vôlei. Em relação à rede de comércio, o bairro concentra no entorno da Praça da Savassi, um supermercado, feira de legumes e verduras, açougue e bares em geral. Existe um conjunto de pequenos comércios construídos, na sua maioria, no próprio lote das casas, abrigando pequenas padarias, lanchonetes e sorveterias. Esse tipo de comércio se localiza nas áreas mais espalhadas do bairro.

Todos esses equipamentos, hoje instalados no bairro, contrastam com o cenário de origem do Palmital, caracterizado pela ausência do Estado. Esses equipamentos e seu melhoramento não se deram a partir de iniciativa do poder estatal, mas pelo poder de mobilização dos próprios moradores. Essa é uma característica marcante que vai ter um papel importante na construção de uma rede de coletivos e programas em relação à juventude do bairro.

O resgate da história de luta dos primeiros moradores e de suas famílias é elemento importante para entender a estrutura social que se construiu no decorrer dos anos, desde sua origem até os dias atuais, numa pluralidade de origens. Interrogar as dinâmicas de pertencimento ao bairro e o cotidiano são ferramentas importantes para compreendermos as trajetórias dos jovens e o posicionamentos adotados para o enfrentamento dos problemas que afetam os moradores locais. O estigma imposto ao jovem do Palmital é uma marca presente na construção da sua identidade como morador de uma área periférica categorizada pelo poder público e pela sociedade como de vulnerabilidade social. A construção da identidade juvenil negra como moradora de um bairro é construída no cotidiano, isto é, identidades que vão surgindo através das histórias de luta por dignidade, através de mobilizações.

O resgate da identidade de jovens negros do bairro é o desafio a ser enfrentado, buscando através de suas próprias narrativas um retrato cotidiano, partindo da experiência local, numa perspectiva em que o sujeito que narra se vê como sujeito que

¹⁰ Sistema de transporte rápido por ônibus, implantado em alguns municípios da região metropolitana de Belo Horizonte. Construído por uma rede de corredores exclusivos e estações de integração e de transferência ao longo das avenidas que ligam a capital mineira, realiza uma conexão entre o hipercentro e o Vetor Norte do município e Região Metropolitana.

constrói. Dessa maneira foram lançadas algumas questões para serem verificadas no decorrer da pesquisa. De que maneira esse contexto social impacta a condição de ser jovem no Palmital? De que forma a situação do jovem do Palmital se aproxima (ou se distancia) da realidade de outros jovens moradores de periferia? A condição de ser jovem negro contribui para uma construção de pertencimento ao bairro? Quais são os desafios enfrentados por essa juventude no cotidiano do bairro e quais as suas estratégias de enfrentamento?

CAPÍTULO 3

OS GRUPOS E OS SUJEITOS

Neste capítulo são apresentados os sujeitos da pesquisa e os grupos culturais aos quais estão vinculados. Na primeira parte apresentamos os grupos selecionados para a pesquisa, o grupo de dança *Cia. Liberdade*, e o grupo de rap *Justaposição*, ambos formados por jovens do Palmital, grupos esses pertencentes à igreja evangélica Quadrangular.

Na segunda parte serão abordadas as trajetórias dos jovens, selecionados a partir de alguns aspectos como a origem social, relação com o bairro, percursos na cultura *hip hop*, e suas abordagens musicais e de expressão corporal através da inserção na igreja evangélica e os significados construídos pelos jovens a partir dos coletivos culturais. Pretende-se que essa aproximação das experiências narradas pelos jovens participantes da pesquisa possa permitir a uma compreensão dos seus processos de construção identitária.

3.1 - Cia. Liberdade

O Cia. Liberdade foi formado no ano de 2004 e continua seus trabalhos até os dias atuais. Com uma década de atuação, o grupo se diferencia de outros coletivos culturais que geralmente têm pouco tempo de duração. A Cia. Liberdade é constituída por sete pessoas, cinco homens e duas mulheres. Todos os seus membros são moradores da região do Palmital, com exceção de Joel e Wilson que moram na vila Nova Esperança e conjunto Habitacional Cristina. Esta proximidade entre os membros é um fator que facilita a interação entre eles e o deslocamento até o ensaio.

A Cia. Liberdade se iniciou, como formação original, a partir de um grupo de futebol composto por pessoas jovens com histórico de envolvimento em alguma prática marginal, na sua maioria oriundos do sistema prisional.

(...)eram vários caras do crime que a Pastora reunia. Deu camisa pra eles jogarem no campo e o time foi chamado “liberdade”, porque era tudo neguinho doido, era tudo doidão, não era ninguém na dança ainda não, era um time de futebol. (Fernando Black A)

A intenção da Pastora Dirce, da Igreja evangélica Quadrangular, localizada no Palmital B, era de promover a inserção social dos praticantes. No ano de 2004 o time de futebol se desfaz e, no mesmo ano, o grupo retorna, mas agora na modalidade de dança, passando a se chamar *Cia. Liberdade*. Nesse momento, em 2004, o jovem Fernando Black A assume a liderança do coletivo, adotando a dança como eixo de trabalho. Os participantes traziam, em suas trajetórias, experiências com a dança *black music* e com outros estilos pois uma parte do grupo é oriundo das oficinas de *hip hop* do Programa *Fica Vivo!* e de grupos de dança da igreja Quadrangular.

Conforme Moassab (2011) a cultura *hip hop* é composta por cinco elementos: *graffiti*, *rap* (rhythm and poetry), DJ, consciência ou atitude e, por fim, o *break*. O último elemento, também conhecido como *street dance* (dança de rua) tem sua origem nas festas dos bairros negros de Nova York, o Bronx e o Brooklyn no final da década de 1960 nos Estados Unidos. Já na década de 1970, esse elemento se espalhou pelas cidades americanas trazendo características diferenciadas. As modalidades surgidas em torno das danças urbanas foram chamadas de *b-boying*, *boogalooing*, *popping* e *locking*, cada uma desenvolvendo um conjunto e formato específico de movimentos, mas preservando a identidade das culturas de rua. O grupo Cia. Liberdade *prática* o *Funk Styles*, especializando-se na modalidade *Popping e Locking*. O *Funk Styles*, também conhecido como *Funk Dance* foi fundada por Popin Peter nas danceterias da Costa Oeste dos Estados Unidos e é utilizada para definir as danças de rua nessa região.

Para Frank Ejara¹¹, estilo *locking* caracteriza-se como dança urbana, trazendo movimentos rápidos e ao mesmo tempo lentos, uma sensação de continuidade e descontinuidade, como se o tempo dos movimentos do corpo atendessem a uma velocidade simultânea. Conhecidos como *locker*¹², os dançarinos têm um perfil de interação com o público de maneira ativa, sorrindo e batendo palmas e, na maioria das vezes, usando trajes típicos do estilo tais como boina, coletes, suspensórios e meias. Já o estilo *popping* foi fundado por Boogaloo Sam no final da década de 1970 e início da década de 1980, caracterizando-se por movimentos de contração e relaxamento dos

¹¹ Frank Ejara é Dançarino, coreógrafo e pesquisador de danças urbanas. Acessado: <http://consequenciadosom.wordpress.com/2009/11/23/com-a-palavra-frank-ejara> acessado em: 01/08/2015

¹² O estilo *locker* foi inventado no início da década de 1970 por Don Campbell no programa americano *Soul Train*, onde muitos como os Jacksons Five, Tina Turner, Marvin Gaye se apresentavam. A plateia era formada pelos próprios dançarinos que faziam suas performances.

músculos gerando uma sensação de explosão. Os seus praticantes costumam, no momento dessa sensação de explosão, ecoar o som “pop”, ficando assim marcado o nome *popping*. Esse estilo, na década de 1980, acabou influenciando outras formas de danças urbanas.

Hoje a Cia. Liberdade é o único grupo de dança em Belo Horizonte e região metropolitana a praticar e difundir a modalidade de dança *Funk Styles* e os estilos *popping* e *locking*. Por conta disso são reconhecidos nessa modalidade, ocasionando um fluxo de solicitações para apresentações em diversos eventos da cultura *hip hop*, tanto em Belo Horizonte, como em São Paulo. Nos eventos de que participa a Cia. Liberdade promove workshops e encontros de grupos de danças urbanas com o objetivo de difundir o estilo.



Figura 6 – Apresentação da Cia. Liberdade evento de dança urbana em Belo Horizonte. 2014

A relação da Cia. Liberdade com a cultura *hip hop* é forte, trazendo nas suas ações uma resposta à violência urbana à qual eles, como moradores do Palmital, sofrem, trazendo assim um retorno à comunidade, através de um trabalho de alto padrão e de pesquisa sobre a cultura *hip hop*. A cultura *hip hop* atua no Palmital numa perspectiva de subversão da lógica estabelecida, mostrando em seu cotidiano uma trajetória de mobilização e luta. A juventude local encontra na arte uma forma de subverter o estigma de violência e marginalização que os atinge. A Cia. Liberdade adota, em suas apresentações, uma postura alegre conforme o estilo de dança escolhida, uma vez que o *locking* se caracteriza pela irreverência e a interação com o público, buscando mostrar outro lado do bairro, distante de uma realidade de homicídios e

drogas. O *funk styles* tem na sua estrutura a irreverência como forma de transmitir a arte negra e urbana, sem com isso perder a base de protesto como alicerce para a construção de uma identidade negra mostrando, através de movimentos corporais, a dura realidade da periferia.

Moassab (2011) mostra que a cultura *hip hop* tem sua origem nos bairros periféricos das grandes cidades do Estados Unidos na década de 1970, num contexto histórico de luta pelos direitos civis e políticos dos negros na sociedade americana. Esses bairros negros americanos são resultado de um processo de planejamento urbano em que a população de nível socioeconômico alto se estabelece nas áreas privilegiadas e de fácil acesso ao centro e a população pobre, na sua maioria negra e hispânica, é relegada às áreas distantes e de difícil acesso ao centro. Bairros como o Bronx, em Nova York, são exemplos de áreas para onde foram alocadas a população pobre, negra e hispânica, em conjuntos habitacionais caracterizados pela ausência do Estado, numa condição de total abandono. O cenário de abandono, ruínas e desestruturação social e violência impactava diretamente os jovens, ocasionando lutas de gangues rivais, que culminavam numa série de mortes.

No Brasil a cultura *hip hop* chega no início da década de 1970, localizando-se nos chamados *bailes black* que aconteciam nos bairros periféricos das grandes cidades. Esses bailes representavam uma oportunidade de os jovens moradores da periferia terem um espaço de lazer nos finais de semana. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo foram palco dessa cultura *black*, difundindo música, roupas e estilos *black*. Em Belo Horizonte essa cultura também ganha força no início da década de 1980, através dos *bailes black* organizados nos bairros da periferia da cidade. Muitos desses bailes aconteciam nos espaços das escolas e nas quadras do próprio bairro, em datas específicas, quando esses espaços se transformavam em pistas de dança, nos finais de semana. Ganharam destaque na época as quadras do Vilarinho, região de Venda Nova, que se transformavam nos finais de semana, no período da noite, em um momento de descontração e lazer. Já em Santa Luzia, esse movimento surgiu no final da década de 1980 e início da década de 1990, sendo que os bailes aconteciam na quadra chamada de São Bené, localizado no Bairro São Benedito, onde se tocava todo tipo de música, mas o carro chefe era o estilo *black music*. Durante o dia ali funcionava uma quadra de futebol e nos finais de semana, espaço de festa. No Palmital, no mesmo período, os bailes aconteciam em torno do trailer do João Binga, localizado na Praça da Savassi, na

área central do bairro; nos finais de semana ali acontecia o encontro dos jovens em torno da *música Black*, quando dançavam coreografias e passinhos. Reuniam-se os DJ's da região e os grupos de break. Era um espaço importante como difusor da cultura *hip hop* na cidade de Santa Luzia. Esse movimento foi trazido das periferias das cidades americanas, com suas características e realidade, sendo ressignificado a partir da realidade das cidades brasileiras.

As danças urbanas nos Estados Unidos, ao nascerem das ruas, tinham como público alvo uma grande parcela de jovens negros e latinos, vítimas principais de um cenário de violência imposto aos seus bairros pobres. A realidade brasileira reserva aos jovens pobres desafios semelhantes, na construção de sua identidade, sendo que eles são constantemente vítimas de discriminação social e racial pelas instituições que os cercam, e retratados pela mídia como delinquentes, violentos, desinformados e profissionalmente desqualificados, ocasionando-lhes um contexto hostil para construção de sua identidade. Os jovens da *Cia. Liberdade* trazem como experiência individual de vida essa realidade, a partir de uma representação negativa por parte da sociedade e de suas instituições em relação à condição social e racial, a partir da cor da pele e do lugar de moradia. A dança urbana através das ações da *Cia. Liberdade* tem colocado o jovem do Palmital como protagonista e sujeito de sua própria história, deixando de ser reduzido a um “não ser”. Ao dar voz a esses jovens, cria uma oportunidade de transformar o espaço até então de lazer em um espaço de luta como instrumento de reivindicação. Na Praça da Savassi, palco dessas ações, os participantes promovem eventos direcionados à população jovem do bairro para a construção de ferramentas de contestação, rompendo com uma lógica institucional, na medida em que representam um modelo de juventude para além de um quadro de violência.

Nesse contexto, a *Cia. Liberdade* busca, através da dança, uma expressão de mudança de uma realidade de violência e homicídio que acomete os jovens do bairro, passando por ações da própria da juventude, numa demonstração de protagonismo e rompimento de estereótipos negativos. O bairro, desde a sua origem, apresenta essa característica de mobilização a partir dos seus moradores, como forma de pressão sobre o poder público. Os jovens que vieram para o bairro encontraram, nas suas próprias mobilizações, meios para sua expressão juvenil, na formação de grupos culturais, campeonatos de futebol amador e gincanas, um exemplo da potencialidade de ação coletiva dessa população. A possibilidade de perceber no outro jovem essa possibilidade

de mudança é a reflexão central para a construção de uma identidade, a partir do lugar de vivência. Segundo depoimento de Joel Popper, o grupo,

“Os jovens e cada um na sua área vai se espelhar na Cia. e querer mudar de alguma forma, não achar somente legal mas, querer realmente, através da Cia., mudar de verdade e pensar que é possível...” (Joel Popper, entrevistado da pesquisa)

Como uma das suas ações a Cia. Liberdade adota como eixo de trabalho, a arte como modelo de possibilidades, mostrando os diversos caminhos que ela apresenta para uma construção identitária positiva.

Com uma abordagem direcionada aos jovens, tem como objetivo estimular o protagonismo juvenil de forma que este jovem se perceba como sujeito social, a partir de uma metodologia do espelho, ou seja, que os jovens sejam multiplicadores para outros jovens, a partir de trajetórias positivas dentro do próprio bairro. É uma tentativa de mostrar uma nova forma de viver no Palmital, de um olhar diferenciado sobre o cotidiano e mais consciente das dificuldades imputadas pela realidade concreta. Como resultado, o fato de uma leitura crítica dessa realidade de violência e do lugar que ocupa nesse contexto, é um primeiro passo para uma postura de autonomia, de se perceber nessa realidade, visualizando diferentes caminhos e percursos para uma condição de superação dos problemas. Por isso a forma de mostrar a arte causa efeitos diversos naquele que assiste. (...)Através da nossa dança ou através de um simples fato de dar um conselho, de conversar e saber da pessoa, isso faz uma grande diferença. (...)A dança é só um ponto de partida. Não só ela, mas a música, o teatro são pontos de partida pra você chegar até esse jovem e conquistar ele, aquilo que ele gosta de fazer. Esse é um ponto de chegada (Rodolfo, entrevistado da pesquisa).

A Cia. Liberdade é um grupo de dança urbana gospel, vinculado à igreja evangélica Quadrangular e, portanto, segue uma doutrina cristã. Compatível com essa inserção, são presentes, no discurso do grupo, os dogmas da doutrina religiosa que seguem, a partir da postura e dos posicionamentos diante das coisas da vida. Uma parte da arrecadação financeira do grupo em eventos é destinada ao dízimo da igreja, como princípio da doutrina. Dentro de uma concepção religiosa evangélica, a Cia. Liberdade se encontra, a partir da dança e da expressão corporal como formas de mostrar aos jovens do bairro uma realidade para além do quadro de violência e como uma possibilidade de superação, a partir do conceito de salvação. Dessa forma, é reconhecida pela igreja como um ministério de evangelização. O ponto de tensão entre igreja e a cultura *hip hop* é muito intenso, na medida em que o elemento da cultura é visto como uma cultura de rua, com uma linguagem própria de gírias, de roupas e do próprio cabelo, no caso da Cia. Liberdade, da expressão do corpo. Para as doutrinas religiosas

evangélicas o corpo é depositário de sacralidade e misticidade, isto é, de controle sobre o corpo.

3.1.1 - Os jovens do grupo Cia Liberdade

A Cia. Liberdade é composta por sete pessoas: Isabela, Joel Popper, Brenda, Rodolfo, Marlon, Fernando e Wilson. Os jovens dessa companhia de dança se encontram na faixa etária entre 18 a 35 anos. Isabela é a mais nova do grupo e Fernando, Marlon e o Wilson os mais velhos. As trajetórias individuais apresentam experiências com a dança em lugares distintos. Fernando, Wilson, Marlon, Joel Popper e Rodolfo têm experiência no Programa *Fica Vivo!* através das oficinas de *hip hop*. Isabela e Brenda trazem como experiência a relação nos grupos de danças da igreja evangélica Quadrangular.



Figura 7 – Os membros da Cia. Liberdade - da esquerda para direita, Fernando Black A, Rodolfo, Brenda, Wilson, Isabela, Joel Popper e Marlon.

Os componentes da Cia. Liberdade trazem, nas trajetórias individuais, vínculos fortes com o Palmital como lugar das experiências de infância e juventude. O grupo tem como eixo de trabalho o vínculo com o bairro, a cultura *hip hop* e a doutrina cristã. Todos do grupo possuem Ensino Médio e uma parte estudou nas escolas do Palmital e outra fora do bairro, mas nenhum componente ingressou no ensino superior, exceto, Fernando Black A que iniciou o curso de graduação em Educação Física mas trancou. O grupo é dividido em três casados, Fernando e Wilson e quatro solteiros, Isabela, Brenda, Joel Popper, Marlon e Rodolfo.

Em relação à ocupação apresentam um perfil variado, passando por diversos setores. Três componentes trabalham como oficineiros, - Fernando Black A, Joel Popper e Wilson. Brenda, Rodolfo e Isabela trabalham e, em paralelo, desenvolvem a prática da dança, e somente Isabela ainda não tem uma ocupação empregatícia.

O quadro abaixo faz um resumo dos participantes da Cia. Liberdade:

Quadro Resumo 1

Nomes	Idade	Cor	Estado Civil	Escolaridade	Ocupação	Família	Bairro
Brenda	21 anos	Branca	Solteira	Ensino Médio	Atendente em posto de saúde	Mora com os pais e os irmãos	Mora no Palmital
Isabela	18 anos	Negra	Solteira	Ensino Médio	Não trabalha	Mora com os pais e os irmãos	Mora no Palmital
Joel Popper	19 anos	Negro	Solteiro	Ensino Médio	Oficineiro do Programa “Escola Aberta” e Programa “Mais Educação”	Mora com a mãe e os irmãos	Mora na Vila Nova Esperança
Rodolfo	23 anos	Negro	Solteiro	Ensino Médio	Setor administrativo da empresa Séculus	Mora com a mãe e os irmãos	Mora no Palmital
Fernando Black A	35 anos	Negro	Casado	Ensino Médio	Oficineiro do Programa Fica Vivo!	Mora com esposa	Mora no Palmital
Marlon	35 anos	Branco	Solteiro	Ensino Médio	Setor administrativo de uma empresa	Mora com os pais	Mora no Palmital
Wilson	35 anos	Negro	Casado	Ensino Médio	Oficineiro do Programa Fica Vivo! e do Projeto Querubim	Mora com a esposa e o filho.	Mora no São Benedito.

3.2 – Grupo Justaposição

O *Justaposição* tem sua fundação no ano de 2010 e uma vida relativamente curta como grupo, buscando um reconhecimento no cenário do rap e focando nas apresentações como forma ganhar visibilidade no cenário do rap *Justaposição*. É formado por sete

peessoas, com idades variando entre 25 e 29 anos, todos vocais, ou seja, MC's, não havendo no grupo nenhum DJ.



Figura 8 – Grupo *Justaposição* – Apresentação em um evento evangélico da Comunidade Batista.

O grupo *Justaposição* é oriundo de três grupos de Rap Gospel¹³ da região de Santa Luzia. O primeiro grupo era chamado “*Ensinadores de Justiça*”, formado por Thiago, Bruno e Douglas. O segundo grupo era “*Posse do Espírito*”. Sua formação era de jovens evangélicos do bairro Cristina, do qual Wesley Esdras Mc - fazia parte; posteriormente saiu para compor o grupo *Justaposição* e por fim *Levítico*, do Palmital, de onde migraria a Fernanda. Os membros do “*Ensinadores de Justiça*” realizavam eventos em diversas igrejas evangélicas da região do Palmital. Participações essas que abririam um caminho para a interação com outros grupos de rap da região do Palmital.

Nessa mesma época, em 2010, surgia no cenário da música Rap em Santa Luzia, o rapper André, conhecido no movimento *hip hop* como “*Nego Duck*”. Destacava-se, com suas músicas e letras, pois nesse período ele organizava eventos de Rap e tinha uma inserção na cultura *hip hop* através do *Duelos de Mc's* em Belo Horizonte. Com esses contatos, o grupo *Ensinadores de Justiça* convidou o rapper *Nego Duck* para compor uma música em conjunto, estendendo o convite ao Esdras MC, do grupo *Posse*

¹³ O Rap Gospel é um subgênero da música hip hop que usa Cristo como tema e tenta expor a fé do compositor. Somente durante a década de 1990 o termo hip hop cristão começou a ser usado com maior frequência. Enquanto o público é geralmente formado por cristãos, a música também é utilizada em missões, para fins de evangelização. Artistas deste subgênero são frequentemente cristãos professos, que usam os seus antecedentes para difundir as crenças da religião.

do *Espírito*. Esse convite fazia parte do projeto do grupo *Ensinadores de Justiça* para gravar um CD independente, com participação de vários convidados. O primeiro ensaio, aconteceu no estúdio musical da igreja Quadrangular do bairro Palmital, onde cantaram várias músicas em parceria, apresentando os trabalhos de cada grupo.

Com o passar do tempo, os vínculos foram se fortalecendo e Wesley Esdras MC e Nego Duck começaram a se encontrar com os participantes do *Ensinadores de Justiça*. Eles então resolveram “montar uma *banca*¹⁴”. O nome escolhido para a banca foi *Justaposição*, nome retirado do dicionário, com o significado de junção de duas ou mais palavras para formar uma nova. A escolha do nome é um momento importante, pois caracteriza uma marca da identidade do grupo, com o qual todos devem se identificar. Pais (2006), em um trabalho lançado sobre formação de bandas de garagem, mostra que a escolha de um nome para banda não é um ato desconectado de uma carga identitária, ou seja, o sentido do nome é a base que permite criar uma identidade para o grupo, é o que permite ser identificado, diferenciando-se dos demais. O nome *Justaposição* simbolizava aquele momento da *banca*, o surgimento de um novo grupo a partir de outras experiências. Nesse momento a *banca* passa a ser composta por cinco jovens (Thiago, Bruno, Douglas, André e Wesley) começando assim a participar de eventos e fazer shows no bairro.

O fluxo elevado de participações em eventos e o compromisso de ensaiar as performances, com o tempo inviabilizou a situação da *banca*, pois as agendas tanto no *Justaposição* quanto nos grupos de origem começavam a se chocar. Nesse momento os cinco decidiram abandonar os grupos originais e formarem o grupo de rap *Justaposição*. Um tempo mais tarde estenderam o convite ao Henrique conhecido como “Tod”, praticante de graffiti e à Fernanda, que participava anteriormente do grupo Levítico.

O grupo *Justaposição* nasceu, assim, das experiências de grupos diferentes. PAIS (2006), em seus estudos sobre identidades juvenis e a formação de bandas de garagem em Portugal, mostra que as formações das bandas têm um caráter fluido, ou seja, não é algo raro, nessa fase, abandonar uma banda para integrar outra dentro de um campo de visualização de sucesso. Os motivos da saída de um músico, de uma banda

¹⁴ No Rap formar uma banca significa que o membro de um determinado grupo pode realizar trabalhos com outros grupos e parcerias porém tem como origem o seu grupo inicial.

para outra, pode variar, pode ser desencadeada pelo desacordo em relação à sonoridade, à falta de assiduidade aos ensaios e aos eventos e, por fim, ao surgimento de oportunidade profissional fora da margem da música. O conjunto desses fatores pode gerar uma instabilidade nas bandas formadas recentemente, pois ainda carecem de uma estrutura profissional para estabilidade de investimento. Até se firmar em uma banda é comum os jovens apresentarem uma trajetória de inserção em bandas de formatos e gêneros diferentes.

O *Justaposição* é um grupo de rap que busca na cultura *hip hop* seu eixo de trabalho junto ao público jovem do bairro Palmital. O rap compõe um dos cinco elementos da cultura *hip hop*, produzindo ritmos ou rimas através de poesia (*rythm and poetry*). O grupo *Justaposição* traz essa marca das rimas abordando temas evangélicos e questões do dia a dia do bairro, um canal de comunicação importante, que influencia suas ações, agregando os jovens do bairro. Para Moassab (2011) é necessário fazer a distinção entre o rap enquanto estilo musical e o rap integrante de um movimento. Neste caso, ele se refere àqueles grupos que buscam, em suas letras, a “consciência” diferentemente daqueles que enfatizam uma vertente artística desconectada de ações de base e com os outros elementos da cultura *hip hop*.

O rap, conforme já foi dito, nasceu nos bairros negros dos Estados Unidos, principalmente nos guetos da cidade de Nova York. Tem um formato de oralidade, buscando nos versos e nas rimas retratar a questão da população negra nas periferias. Originalmente tinha o objetivo de construir uma identidade e autoestima do negro através da denúncia. O rap ganhou força nas festas de rua da década de 1970, frequentadas por jamaicanos e de outras etnias, festas essas que eram realizadas em galpões, com a presença de um cantor de rap que acompanhava no palco o DJ, animava a multidão, gritava e ecoava palavras através de rimas. Nomes como Grand Master Flash são referências, devido a, nessa época, ter elaborado o *scratch* e *back spin*¹⁵, tornando a figura do DJ uma peça importante no rap (DAYRELL, 2005).

O rap chega ao Brasil na década de 1980, em São Paulo, nos encontros dos jovens na estação de metrô São Bento e na Praça Roosevelt localizados no centro da cidade. Esse era um lugar de encontros e conflitos, pois nessa época surgia o

¹⁵ Scratch consiste em criar sons ao girar manualmente o disco sob a agulha em sentido contrario – Back spin é a ação de extrair do disco uma frase rítmica, repetindo-a várias vezes e alterando o andamento normal da música.

movimento punk na cidade. As primeiras *Posses*¹⁶ e grupos de rap surgiram no final da década de 1980 e início de 1990, Racionais MC's, Pavilhão 9 e Thayde e DJ Hum, grupos pioneiros que passaram a difundir a música rap para fora de São Paulo. No início da década de 1990, surge em São Paulo, o rap gospel, como reflexo da expansão do rap no Brasil. O mercado musical gospel se expande e busca outras vertentes musicais sendo o rap uma delas. Os grupos que surgem na década de 1990 são: *Apocalypse 16*, *Ao Cubo*, *Ministério Gangsta*, *Provérbio X* e *Calibre 23*. Em Belo Horizonte o rap chega no início da década de 1980 através dos *bailes black* que ocorriam nas quadras, principalmente a do Vilarinho, em Venda Nova, na zona norte de Belo Horizonte. A presença do Dj nas festas contribuíram para a difusão do rap nos bailes, destacando-se nessa época os Dj's Dupson e Joseph. Em Santa Luzia, na década de 1990, surge a *Posse* de Santa Luzia. A *Posse* acontecia no Bairro São Benedito em um galpão conhecido como "Varandão", por ser um espaço multiuso, onde eram realizadas, de festas de casamento a eventos de toda natureza. Ali, aconteciam encontros dos grupos de rap, de dança, grafiteiros e Dj's de Santa Luzia, voltados para um aspecto cultural e social, pelo fato de a entrada ser cobrada em forma de um quilo de alimento. Aconteciam também apresentações dos grupos de rap e dos MC's, uma forma de mostrar os trabalhos realizados e fortalecer a cultura *hip hop* na cidade. No Palmital, o trailer do João Binga era o ponto de encontro da cultura *hip hop*, destacando o grupo de rap *Artigo 607*, o primeiro dessa categoria no bairro, que agregava a música e a arte do graffite em seus trabalhos.

O rap é uma melodia baseada na improvisação poética, com uma base no tempo rápido e continua sendo caracterizado por um estilo musical em que o texto é mais importante que a parte harmônica, ou seja, o texto sobressai à música. A *performance* no palco é uma marca dos rappers que, com gestos rápidos e agressivos com as mãos, mostram uma maneira de comunicação além do formato oral, ou seja, a postura do corpo, em uma determinada situação, é uma forma de diálogo, reforçando o status de interação entre os rappers e o público. Portanto, esses gestos corporais não são aleatórios, mas cumprem uma intencionalidade a partir de uma perspectiva teatral para

¹⁶ Posses são mobilizações coletivas com vista a refletir as ações dos envolvidos com a cultura hip hop. Além de organizar eventos na comunidade e oficinas de aprimoramento artístico, as Posses tem forte atuação política, no sentido de conscientização da população através de atividades educativas e palestras.

ênfatisar sua *performance*, isto é, um espaço de ficção, um canal intencional entre aquele que representa com aquele que percebe essa representação (GOFFMAN, 2013).

O grupo *Justaposição* apresenta algumas dificuldades no que tange à estrutura. A falta de um espaço próprio para ensaio, é uma delas, pois estes acontecem no estúdio da igreja Quadrangular, espaço que também é compartilhado com outras pessoas, por exemplo, a aparelhagem de som é da igreja e não do grupo. A falta de microfones para todos leva a um revezamento para que todos tenham a oportunidade de ensaiar. É muito comum acontecer que a mesa de som apresente problemas, inviabilizando o ensaio ou reduzindo o seu tempo. Outro problema enfrentado é a falta de um DJ para produzir arranjos inéditos, pois os integrantes ficam na dependência de outras pessoas para conseguirem uma base para as músicas. O grupo demonstrava uma flexibilidade no que tange à participação dos seus membros nos eventos, pois nem todos podiam participar nos finais de semana, em decorrência do trabalho ou de demandas familiares, sendo essa uma situação recorrente, mas que os próprios jovens já conseguiam contornar.

Os obstáculos e as dificuldades enfrentadas pelo grupo *Justaposição* exigiam um grau de persistência coletiva, pois os improvisos, as privações e o empenho eram as barreiras surgidas no cotidiano, podendo gerar desgaste nas relações. Essas barreiras podiam ocasionar o fim do grupo, mas por outro lado geravam um fortalecimento no companheirismo através da mobilização na superação de um problema, sendo, dessa forma, igualmente um potencializador para o grupo prosseguir. Um fator importante para essa coesão foi o fato de os membros se relacionarem bem, não somente no palco, gerando um relacionamento para além dos tempos de ensaio. Existia uma rede de relacionamentos entre os jovens do grupo, como saírem juntos, o contato das esposas e namoradas e o encontro e atividade na igreja contribuíam para o fortalecimento dos laços de afinidade. A rede de ajuda entre os grupos era um apoio importante. A cultura *hip hop* era o ponto de comunicação. Ocorrendo a falta de um aparelho que o outro tinha, era possível conseguirem rapidamente um empréstimo. Essa rede de ajuda mútua fez com que as dificuldades fossem superadas (PAIS, 2006).

3.2.1 - Os jovens do grupo *Justaposição*

O grupo *Justaposição* é composto por sete pessoas: Fernanda, Thiago, Henrique, André, Douglas, Wesley e Bruno. São jovens que se encontram na faixa etária entre 25 e 29 anos. Douglas é o mais novo do grupo e Fernanda e André os mais velhos. Todos são oriundos de grupos de rap gospel trazem essa bagagem de experiência em suas trajetórias.

Os jovens do grupo *Justaposição* trazem também, nas trajetórias individuais, vínculos fortes com o Palmital, como lugar das experiências. Desse modo, o grupo tem como eixo de trabalho a ligação com o bairro, a cultura *hip hop* e a doutrina cristã. Todos do grupo possuem Ensino Médio sendo que uma parte estudou nas escolas do Palmital e outra fora do bairro. O único que ingressou no ensino superior é Douglas que cursa a graduação em Serviço Social em uma instituição particular. O grupo é dividido entre quatro casados - Fernanda, André, Wesley e Bruno - e três solteiros - Thiago, Douglas e Henrique.



Figura 9 – Grupo *Justaposição* - Da esquerda para direita: Thiago Veterano, Henrique Tod, Wesley Esdras, Douglas Dod, André Nego Duck, Bruno e Fernanda ao centro.

Em relação à ocupação, apresentam perfil empregatício variado, passando por diversos setores. Fernanda é representante de uma clínica, Thiago trabalha no setor de almoxarifado de uma empresa, Henrique é ajudante em uma empresa, André trabalha como técnico de enfermagem, Bruno é proprietário de um pequeno estúdio de música montado em sua residência, Douglas é supervisor de cozinha em um Buffet e Wesley

trabalha em uma loja de som e acessórios. O Quadro abaixo apresenta um resumo dos dados de identificação dos membros do Grupo *Justaposição*.

Quadro Resumo 2

Nomes	Idade	Cor	Estado Civil	Escolaridade	Ocupação	Família	Bairro
Fernanda	29 anos	Negra	Casada	Ensino Médio	Representante de uma clínica médica	Mora com marido e não tem filhos	Mora no Palmital
André Nego Duck	29 anos	Negro	Casado	Ensino Médio	Trabalha em um hospital como técnico de enfermagem	Mora com a esposa e não tem filhos	Mora no Palmital
Wesley Esdras	27 anos	Negro	Casado	Ensino Médio	Trabalha numa loja de som e acessórios para carros.	Mora com a esposa e não tem filhos.	Mora no Palmital.
Thiago Veterano	27 anos	Negro	Solteiro	Ensino Médio	Trabalha no setor de almoxarifado de uma empresa.	Mora com os pais e os irmãos.	Mora no Palmital
Douglas Dod	25 anos	Negro	Solteiro	Ensino Médio	Supervisor de cozinha de buffet.	Mora com mãe e os irmãos.	Mora no Palmital
Bruno	27 anos	Negro	Casado	Ensino Médio	Dono de um pequeno estúdio de gravação.	Mora com a esposa e não tem filhos.	Mora no Palmital
Henrique Todi	27 anos	Branco	Solteiro	Ensino Médio	Trabalha em uma empresa como ajudante.	Mora com os pais e os irmãos.	Mora no bairro Frimisa.

3.3 – Os jovens selecionados para pesquisa

No percurso da pesquisa selecionamos quatro jovens de dois coletivos culturais pertencentes à igreja evangélica Quadrangular, localizada no Palmital. Foram selecionados três homens e uma mulher, dois pertencente à Cia. Liberdade e dois ao

Justaposição. São eles: Fernanda e Douglas Dod, cantores de rap; e Joel Popper e Rodolfo Mano Pim, dançarinos de danças urbanas. Nas suas narrativas serão abordadas questões relacionadas à família, escola, trabalho, bairro e os coletivos. Os jovens selecionados estão longe de ser modelos e representantes de uma homogeneidade da juventude do Palmital. Na realidade, são tratados como sujeitos reais que trazem em seus percursos de vida variáveis em torno do que é ser jovem, negro, morador do Palmital e evangélico.

3.3.1 – Fernanda

Fernanda é cantora de rap, integrante do grupo *Justaposição*. Tem 29 anos e se declara espontaneamente como negra. Casada, não tem filhos; seu marido trabalha de garçom em um restaurante de Belo Horizonte, no período da noite. Fernanda trabalha como representante de uma clínica médica, não sendo este seu primeiro emprego, anteriormente trabalhava na empresa Unimed, no setor de autorizações. Completou o Ensino Médio na escola Estadual Reny de Sousa Lima, localizada no Palmital, sem registrar nenhuma reprovação na sua trajetória escolar. O cotidiano de Fernanda se divide entre suas atividades ligadas à família, ao trabalho, à igreja e às suas atividades artísticas com a música.

a) Família

A história da família de Fernanda se inicia em Brasília, onde os pais se conheceram. A mãe é natural de Brasília e o pai, do Rio de Janeiro. A mãe, nessa época, trabalhava como telefonista em uma empresa telefônica. Após um tempo de namoro decidiram se casar. Vieram para Belo Horizonte e foram morar no bairro Prado, região noroeste da capital mineira; o pai arrumara um emprego como instrutor de tênis. A situação financeira da família piorou, vendo a necessidade de mudar de casa, pois não tinha condição de pagar o aluguel. Nesse momento mudaram para o Conjunto Habitacional Palmital após uma inscrição na COHAB, nutrindo assim, *“a esperança de poder construir o sonho da casa própria, porque eles lá moravam de aluguel”*.

Desde o início do namoro houve um conflito na relação entre os dois: a mãe é branca e o pai é negro, gerando um atrito principalmente com a avó por parte de mãe. Fica latente que o atrito tinha como motivo a questão da cor, mas era usado o argumento de que o pai tinha retirado a filha de perto da família. Anos depois o motivo se transformou, pelo fato de o pai ter abandonado a esposa e os filhos, além da violência doméstica praticada. A partir daí a situação se agravou:

(...) minha avó, mãe da minha mãe, é branca né...minha mãe então é branca e meu pai é negão. Meu pai tirou minha mãe que era a filha mais velha era o tesouro da minha avó. Ele deixou a gente, vendeu tudo e batia na minha mãe e tal, então, assim, minha avó tomou ódio do meu pai e dizia: “Preto é uma raça ruim mesmo”.

Por conta da distância e da desavença entre a família da mãe em relação ao pai, criou-se um distanciamento, pois uma parte da família da mãe mora em Brasília e Tocantins e a família do pai mora na cidade do Rio de Janeiro. Tanto a família da mãe como a do pai, nem Fernanda, nem os irmãos conhecem. Em 2014, Fernanda decide conhecer a família da mãe em Palmas, na capital do estado de Tocantins. A reação e recepção dos familiares foram diferentes, “...quando cheguei lá o pessoal bateu de frente com a negona e lá só tem branquinho, e pra explicar que eu era da família mesmo!...”

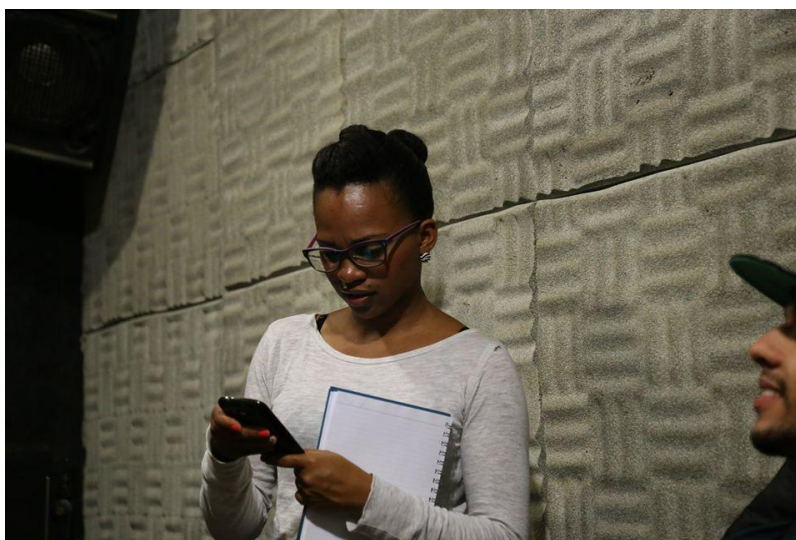


Figura 10 – Fernanda durante o ensaio do grupo *Justaposição*.

A família de Fernanda é extensa. Composta de seis irmãos, duas mulheres e quatro homens. A irmã D. tem 36 anos e é manicure; o irmão F. tem 31 anos e é auxiliar administrativo; o irmão B. tem 27 anos e é técnico em eletrônica; Fernanda tem 29 anos e se formou recentemente no curso de Bombeiro Civil; o irmão Be. falecido em 2007.

teria hoje 26 anos e por fim o caçula F.B., com síndrome de *Down*, de 18 anos. A mãe trabalha como auxiliar de limpeza e o pai continua na profissão de instrutor de tênis, no Rio de Janeiro. O abandono do pai e a morte do irmão em decorrência de um acidente de ônibus, são fatos marcantes na família. Fernanda guarda esse fato na memória como um momento triste, “(...)o motorista começou a fazer zigue-zague no ônibus e o colega do meu irmão escorregou; ele tentou segurar o colega dele e perdeu o pé de apoio caiu e bateu a cabeça, morreu na hora(...)”. Com a morte do irmão, pairou sobre a família uma tristeza muito grande modificando as relações devido ao irmão ser uma pessoa alegre e descontraída e muito agarrado com o irmão mais velho. Nascida e criada no bairro Palmital, Fernanda, em sua narrativa, mostra o forte laço afetivo que tem com o lugar, onde vivenciou sua infância, adolescência e agora sua juventude. A família mora numa área do bairro, conhecida pela população da região como “*Caldeirão dos Infernos*”, devido ao fato de aí se concentrar um alto índice de criminalidade. Apesar do lugar e das dificuldades, Fernanda guarda na memória um tempo cercado de muitas brincadeiras com os amigos na rua. A necessidade da mãe de sustentar os cinco filhos fez com que buscasse uma inserção no mercado de trabalho. Trabalhava inicialmente como passeadeira e posteriormente como auxiliar de limpeza em Belo Horizonte e saía de casa às sete da manhã e retornava somente às onze da noite. Essa condição levou a família a se reorganizar, principalmente referente aos papéis de cada um dentro dela. A falta de comida dentro de casa e a ausência de alguém para olhar os cinco filhos, na época, foi um grande problema enfrentado, para que a mãe buscasse um emprego para o sustento da família. De fato esta é uma realidade de muitas famílias do Palmital, pois naquele momento não existiam creches públicas para suprir essa demanda, e as mães, muitas vezes deixavam com os filhos mais velhos ou com vizinhos, a responsabilidade da vigilância. Outra estratégia adotada pelas famílias do Palmital era, quando as crianças alcançavam a idade escolar, serem matriculadas em uma escola do bairro. A escola era entendida como um espaço que oferecia segurança, pois uma parte do dia ficariam estudando, gerando uma tranquilidade aos pais. O fornecimento de alimentação através da merenda escolar, supria a falta de comida em casa.

A figura da mãe é central na organização da família, muitas vezes a mãe tira de uma necessidade sua, por exemplo, investir pouco na vestimenta, para fornecer aos filhos, como preocupação em dar-lhes uma condição mínima de existência. Uma relação

de responsabilidade precoce surgiu na família, pois mesmo com a pouca idade dos irmãos, as tarefas eram assumidas por todos, de forma a suprir a ausência da mãe, atravessando o grau de responsabilidade para com a família. Uma relação de admiração ao esforço da mãe se constrói entre os filhos, mesmo quando o tempo de dedicação dela era diminuído, em detrimento do tempo dedicado ao trabalho, reforçando a necessidade de os filhos contribuírem para ajudá-la nessa empreitada.

b) Escola

A trajetória escolar de Fernanda do Ensino Fundamental se deu na escola municipal Edward Lima, no Palmital A, próximo à sua casa, facilitando o deslocamento. Um período de lembranças positivas e um momento em que formou amigos e ampliou seu processo de socialização, pois passava a interagir com pessoas para além da sua rua. Aos treze anos foi transferida para a Escola Estadual Flávio dos Santos, localizada em Belo Horizonte, próximo à área central. O argumento utilizado pela mãe era o fato de considerar o ensino de Belo Horizonte melhor do que o ensino das escolas do Palmital, uma maneira de garantir a ampliação de conhecimento de “mundo” e por consequência um futuro melhor. Essa mudança trouxe impacto na família principalmente na dimensão financeira, pois a família tinha somente a renda da mãe para o sustento e o deslocamento de ônibus gerava um custo, diariamente. Sendo assim, “(...)às vezes dava pra pagar passagem duas vezes na semana e a contrapartida disso sempre fui uma das melhores alunas, assim, da escola...”.

Mesmo sabendo que as condições financeiras não permitiam frequentar as aulas diariamente, a família insistia nesse projeto, por entender que uma escola diferenciada causaria um futuro melhor para os filhos; e em função da própria desvalorização das coisas que provinham do bairro, devido ao fato de a região ser estigmatizada como uma área violenta e marginalizada. A estratégia de que os filhos vivessem o maior tempo possível longe do Palmital era uma tentativa de blindá-los da violência a que era submetido o bairro e as pessoas que ali moravam. O processo de adaptação à nova escola foi turbulento, na medida em que era um ambiente novo, muito diferente do que já se havia acostumado na escola do Palmital.

O preconceito por ser do Palmital e por ser negra ficou latente na nova escola, gerando situações que colocavam em destaque essas condições: “(...)no Edward Lima,

sempre fui bem aceita, mas quando eu fui para o Flávio dos Santos, tinha um certo preconceito, porque eu tinha aquele cabelo duro e atrás tinha tipo uma “garaginha” um buraquinho...”. Dessa situação emergia uma realidade de racismo através das “brincadeiras” e “apelidos”:

“(...) então, teve uma vez que eu tava na fila da merenda, e uma menina veio por trás e colocou uma bolinha de papel dentro do meu cabelo... nossa! eu fiquei brava demais...” , reagindo por muitas vezes de forma agressiva, “(...)dá um jeito de tirar isso agora porque o negocio vai ficar feio... tinha aquela fama: você morar no Palmital e todo mundo ficava com receio, né?(...)”.

O estigma de ser negra e do Palmital se mostrou na medida em que emergia a representação negativa do Conjunto Habitacional, retratada principalmente pelos veículos de comunicação, como lugar violento e com forte influência do tráfico de drogas. Um exemplo disso, ocorreu no mês de Agosto de 2000, quando a revista IstoÉ¹⁷ lança uma matéria sobre violência do tráfico de drogas nas escolas públicas do Brasil. Dentre as diversas histórias retratadas, constava uma narrativa de violência e do poder do tráfico de drogas nas escolas estaduais do Palmital. Uma revista de circulação nacional que expunha a realidade dos jovens do Palmital e o seu contexto social a partir de um quadro de violência. Essa representação impactava diretamente a sua população, em especial os jovens, que viam ser retratados como usuários de drogas e pertencentes a gangues violentas, resumindo a esse modelo todo um grupo social pertencente àquele lugar. Assim a experiência de inserção a lugares fora do Palmital esbarrava diretamente nesse estigma negativo, sendo possível, para não ser enquadrado nesse modelo, estratégias como negar o lugar de origem. Em diversas situações Fernanda carregava esse estigma negativo do bairro, (*“...as meninas falavam: você é doida de ficar mexendo com Fernanda, ela mora lá no caldeirão do inferno...”*), ficando evidente a experiência escolar pautada em um cotidiano estigmatizante.

As roupas também eram um fator de diferenciação com os outros alunos, devido à dificuldade que a mãe de Fernanda tinha de comprar roupa nova. Essa realidade é lembrada por Fernanda: *“(...)eu tinha uma calça só, eu ia pra escola, era uma calça bem largona assim...não era bonita não... um tênis preto que a minha mãe tinha*

¹⁷ Revista Istoe, edição 1612 de 16 de Agosto de 2000. Título da matéria: Quadro Negro – Traficantes dominam escolas, ameaçam professores, impõem “toque de recolher” e dão “conselhos” para pais de alunos. Site: www.istoe.com.br/reportagens/32253_QUADRO+NEGRO Acessado: 23/06/2015.

ganhado e as roupas que eu tinha eram ganhadas”. Além das vestimentas, outro fator que incomodava e gerava situações de piadas e brincadeiras, era o seu cabelo. O cabelo incomodava a Fernanda, pelo fato de, desde pequena, para facilitar o dia a dia, a mãe cortava baixinho tipo “coquinho”¹⁸ e ficava “raspadinho”. Ao completar quinze anos, na transição para o Ensino Médio, na fase de perceber as modificações do corpo, começou o processo de mudança, a partir do cabelo. Começou a usar o cabelo black power e penteados que valorizavam o cabelo crespo. Essa situação é colocada por Fernanda não como algo que a incomodava, porém como tentativa de mudança de estilo, que aconteceu primeiramente na forma de tratar o cabelo, mostrando o seu significado para sua condição de mulher negra.

No terceiro ano, a situação financeira da família de Fernanda se agrava e sua mãe fica impossibilitada de manter o custo da passagem, ocorrendo o retorno à escola do Palmital:

(...) minha mãe me transferiu de escola e me trouxe pra cá isso no terceiro ano e aí, quando eu cheguei aqui, eu tive um experiência assustadora porque eu tava no terceiro e tava passando coisas que aprendi na oitava, eu era boa lá, aqui eu fiquei ótima porque eu já sabia algumas coisas, a escola era o Reny.

No primeiro momento ocorreu um choque, pois em comparação aos estudos da antiga escola com a atual, ela percebia o atraso de conteúdo. A escola do Palmital despertou o interesse de Fernanda através das disciplinas de Geografia e Artes, contribuindo para uma integração com o bairro, ou seja, a referência nos professores dessas disciplinas contribuíram para fortalecimento com o bairro e com a escola.

c) Trabalho

A experiência com o mundo do trabalho se deu após o término do Ensino Médio. Apesar das dificuldades enfrentadas na escola, tanto na socialização com os colegas como na condição financeira precária, Fernanda não apresentou uma trajetória com reprovação escolar, tanto no prosseguimento do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, como em nenhuma inserção precoce no mercado de trabalho por conta das dificuldades em casa. O investimento da família, principalmente da mãe, foi em buscar,

¹⁸ Cortar o cabelo baixinho, raspado, modelado ao formato da cabeça.

na educação, um alicerce para um campo de possibilidades, assim como na estratégia de distanciar os filhos do cotidiano do bairro, caracterizado por sua violência.

A primeira inserção no trabalho se deu na empresa Unimed Saúde, no setor de autorizações do plano; após essa experiência, Fernanda se transferiu para a Clínica de saúde Axial. Foi selecionada, no primeiro momento, para o cargo de operadora de telemarketing e com menos de dois dias foi promovida para o setor de autorização dos planos de saúde. O surgimento da oportunidade se deu em decorrência da experiência anterior e também pelo jeito comunicativo de Fernanda, um ponto forte da sua personalidade. Fernanda encarou essa oportunidade como uma chance de mostrar seu potencial e seu trabalho na empresa.

(...)O melhor da oportunidade não é a oportunidade, o melhor é a atitude que eu tenho diante dela, porque oportunidades a gente tem várias, todos os dias... a diferença é a forma que eu vou me portar diante da oportunidade”.

Fernanda foi promovida para o setor de representante da clínica e transferida para o consultório do médico Rodrigo Lasmar, ortopedista, médico da seleção brasileira e do clube Atlético Mineiro, gerando desafios para sua carreira. Nesse setor da empresa havia uma predominância de pessoas brancas, e Fernanda era a única negra.

A clínica é direcionada a um público de alto padrão econômico e, por consequência, havia a predominância de população branca. O trabalho de Fernanda era em um setor da empresa, que se relaciona diretamente com a equipe médica da clínica, ou seja, predominantemente branca. Dentre as várias situações vivenciadas ali, uma marcou a memória de Fernanda na qual foi colocado em destaque o seu pertencimento racial e o lugar de moradia:

(...)tem uma doutora que trabalha na clínica e nesse dia os agentes de saúde estavam fazendo uma greve. O pessoal tava agitado porque o Lacerda não pagou o salário. (...)Ela falou, e agora como que faz? Eu respondi a ela que o Lacerda tava viajando, ela falou, mas como você sabe disso? Respondi, eu li no jornal... Ela assustada, você leu no jornal? Eu li no jornal... Ela insistiu em perguntar, como você sabe disso? É estatística, é estudo, eu falando pra ela...ela ficou olhando pra mim sabe e tal e aí eu falei deixa eu subir lá né....

As perguntas “*como você sabe disso?*” e “*você leu no jornal?*” nos mostra a surpresa da médica do grau de certeza e segurança da resposta, perguntando à atendente da clínica quem era aquela “menina” e em que setor trabalhava. Para Fernanda ela percebeu a diferença na forma de falar e conversar,

(...) eu era diferente das outras pessoas... Preto sempre foi visto como escravo, logo essa menina deve ser do atendimento entendeu... porque pretona desse jeito deve falar tudo errado e aí conversou comigo dois minutos... ela faz o que? Ela é da autorização, nossa ela é diferenciada, né?...

O fato de Fernanda trabalhar na clínica como representante e circular pelos corredores e, por muitas vezes diretamente com os médicos, não foi suficiente para perceber a sua presença. O negro ainda provoca estranhamento na sociedade brasileira quando alcança determinadas estratificações sociais necessitando romper obstáculos; uma forma de racismo velado, como resultado de uma sociedade construída a partir de referências raciais.

O mercado de trabalho passa a ser um duplo desafio para a mulher negra, a partir de um padrão que se espera que deva ser seguido e supostamente perseguido para que uma mulher seja aceita nesse mercado tanto na condição de mulher e como de negra. Esse embate desvendou um cenário de preconceito mesmo que em um entendimento comum seja algo imperceptível. No entanto, isso gera, para o sujeito alvo da ação, uma ressignificação do seu lugar na sociedade. As relações construídas no trabalho geraram em Fernanda uma experiência racial pautada pelo racismo.

d) Bairro

Pelo fato de ter nascido passado toda sua infância, adolescência e juventude no bairro, de ter cursado os anos iniciais e o terceiro ano do Ensino Médio no Palmital, Fernanda construiu um forte relação com o bairro. Lugar das brincadeiras e das amizades, uma referência construída através das relações vividas na rua, teve, como resultado, um forte traço de afetividade com o Palmital. Mesmo com a tentativa da mãe de distanciar os filhos do cotidiano do bairro matriculando-os em escolas de Belo Horizonte, o Palmital sempre permaneceu em suas trajetórias, tanto escolar quanto no trabalho. As amizades construídas, a interação com as pessoas, o modo de lidar com a violência, o estigma negativo e suas inserções na música rap têm o peso do lugar para além da sua dimensão concreta (HAESBAERT, 2007).

O primeiro ponto a destacar é a interação com as pessoas do bairro, especialmente as do setor sete, onde viveu, conhecido como “*caldeirão do inferno*”; ali conheceu grande quantidade de pessoas do bairro, por ter nascido aí e ampliou sua rede de amizades, principalmente oriundas da escola. Fernanda conhece cada cantinho do bairro, tem a liberdade de subir e descer ruas e becos, cumprimentar a todos,

independentemente da condição da pessoa e da idade, sejam elas “pessoas de bem” ou “traficantes”. Domina a dinâmica própria do bairro, pautada em fatores cotidianos comuns de um bairro e que caracterizam a violência como algo que acontece em todos os lugares, com dimensões e intensidade diferentes, mas que é comum aos bairros de periferia, “(...) *então eu passo e dou bom dia, acho que cria um ambiente saudável, embora aqui seja periferia; às vezes as pessoas acham que é um clima...é Faixa de Gaza, um clima de conflito eterno, não.*”

Em sua juventude Fernanda construiu seu afeto com o bairro através da rua e da relação com os amigos. No final da década de 1990 e início de 2000 o bairro foi tomado por uma onda de violência, através das brigas de gangues em disputa pelo tráfico de drogas. Nessa época, Fernanda, com 16 anos, vivenciava um contexto difícil para a juventude, por um lado, em função do poder do tráfico e por outro, pela reação da polícia. Expressar a juventude seria o limite entre essas duas realidades, ora evitando cair na marginalidade, ora sendo alvo da polícia, como suposto “bandido”. Nesse período o apelido para região surgiu com mais força: “caldeirão do inferno”. “*O bairro ficou perigoso, inclusive nessa época perdi um amigo, nessa época se você é de tal lugar então você não pode vir em tal lugar*”, relata Fernanda. Havia uma disputa por espaço que dificultava transitar dentro do bairro. A morte do amigo marcou sua juventude e resultou numa nova ressignificação de sua trajetória dentro do bairro. O sentimento era de medo e tensão, somado com revolta e uma perspectiva negativa do lugar. Por dois anos Fernanda deixou de fazer e de frequentar os lugares que costumava ir, quase entrou em depressão, pois as atividades cotidianas realizadas no bairro sempre ocorria na companhia do amigo morto.

Geograficamente três lugares se destacam na trajetória juvenil de Fernanda, por serem os mais frequentados: a igreja evangélica, a quadra de futsal, tanto da escola quanto da praça, e a própria Praça da Savassi. Esses espaços para Fernanda,

Eu sempre gostei muito de igreja, sempre fui, assim, igreja, às vezes tem evento e então tem muitas igrejas aqui no bairro, automaticamente eu vou em todas elas. Eu sempre gostei muito da quadra, dos campos e sempre fui muito ligada ao futebol, sempre gostei muito da Pracinha da Savassi(...)

A Praça da Savassi, como lugar central do bairro, onde acontecem os eventos e comporta a maioria dos equipamentos que atendem ao bairro, é também um ponto de encontro para os jovens do lugar. A Praça ganha múltiplos significados nessa relação.

Um ponto de encontro de jovens, lugar de bate papo, descontração e socialização. É comum os jovens reunirem à noite e ficar até de madrugada conversando, brincando e alguns bebendo vinho. Em um contexto de socialização muito importante para Fernanda, foi a Praça da Savassi um ponto de interação com a comunidade,

A praça porque, assim, era um lugar grande, aberto que eu pudesse ficar a vontade e reunir ali com o grupo de amigos e podia tocar uma coisa e cantar e todo mundo ficava rindo, brincando sempre; foi um lugar muito agradável de estar, boas lembranças e boas risadas e bons momentos entre amigos.

O lugar ganha um significado a partir das experiências e inserções do sujeito, construindo uma rede de significados a partir daquilo que é vivido. O fator interação ganha centralidade nessa relação, pois a relação com os vizinhos, amigos e pessoas que vão balizar se essa experiência é positiva ou negativa. Para Fernanda o bairro ganha diversos contornos significativos,

Meu orgulho é esse, sabe? ... saber que daqui, mesmo sendo um lugar que por muitos é mal visto e tal, pode sair coisas boas, porque eu já vi muitas coisas boas, eu conheço pessoas inteligentes, pessoas cultas, que moram aqui, entendeu? Eu vivi no meio do tráfico e me tornei um pessoa boa, isso não foi capaz de influenciar no meu caráter, entendeu?...

Essa percepção é importante - de ser morador do Palmital a partir das relações construídas de dentro para fora, de como o bairro é visto por quem mora, e por quem o vê de fora; Um embate entre dentro e fora gera uma construção identitária conflituosa. Nessa situação,

Por muitos pode ser visto como um lugar que as pessoas não têm valores não têm cultura, sabe? (...) Uma visão, até da minha mãe mesmo, eu vou colocar você pra estudar em outro lugar, por aqui o ensino não é bom, entendeu? Mas o que me leva a pensar isso, é saber, porque eu já vi muitas pessoas serem influências, pessoas boas, pessoas que poderiam ser alguém, sabe?...E ser alguém, quando eu falo, não é se tornar pessoa rica, é ser uma pessoa de caráter, que sabe que trabalha e que consegue ter sua casa e consegue se manter, que respeita o próximo, sabe que não é vagabundo, que qualquer lugar que chegar é bem aceito pelo o que é, sabe?

O caráter simbólico do lugar e suas relações com as pessoas vão variar conforme a intensidade dessa relação, atendendo à perspectiva do vivido, do experimentado (SANTOS, 2008). O significado do bairro para Fernanda atravessa as relações na escola, no trabalho e no seu pertencimento racial.

e) Coletivos

Em 2001, Fernanda entrou para o grupo de rap *Levítico*. Grupo de rap gospel, pioneiro na região a cantar rap com um conteúdo religioso. Nas apresentações o grupo causava impacto, pois trazia toda a performance e estética da cultura *hip hop* para o espaço religioso,

(...)na época, como a gente era um grupo da igreja, cristão, não tinha grupo de rap na igreja..., tudo que é novo é assustador, né?... Então o pessoal da igreja falava que a gente estava desconjurado, a gente andava de correntão e roupona, assim e tal, ...então, assim, foi um grupo que veio e quebrou preconceitos.

Como Fernanda narra, no princípio essa experiência não era bem aceita na Igreja do Evangelho Quadrangular, que Fernanda frequentava, pois ainda se guardava, no imaginário das pessoas da igreja, um conceito de que quem cantava rap era viciado em drogas, isto é, esse perfil para os membros da igreja não era bem visto. As letras do grupo *Levítico* não faziam apologia às drogas, mas buscavam orientar para as coisas positivas e, principalmente, com uma pegada religiosa. Mesmo com essa proposta, o grupo era visto de forma marginalizada, principalmente pelas pessoas mais velhas da igreja, porque “(...)a linguagem do rap e às vezes é porque é muito rápido e às vezes a fala sai de uma forma agressiva”.

A performance do grupo também quebrava a rotina da igreja, pois a forma de cantar e com “olhar” fechado e com palavras rápidas, confrontava com a forma implantada nos cultos de mais tranquilidade e harmonia. Na verdade os jovens traziam para dentro da igreja um movimento que era muito forte no bairro, a cultura *hip hop*. Um movimento que se fixou nas periferias do Brasil, através da música, da dança, do desenho e do DJ e no Palmital não era diferente, um movimento que tem como origem o espaço da Praça da Savassi. Esse estranhamento permaneceu por um bom tempo, pois era um comportamento inaceitável, segundo as regras da igreja:

(...)mas como esse pessoal vai subir no altar fazendo esse barulho, foram barreiras que precisou ser quebrada além de ter preconceito da sociedade tinha um preconceito da igreja, então foram barreiras que foi preciso ser quebrada e hoje a gente canta rap e é visto como uma coisa boa entendeu que traz uma mensagem positiva.

Ainda com o grupo *Levítico*, os jovens se reuniam para realizar ações sociais no bairro, arrecadando cesta básica para distribuir para famílias que necessitavam e tinha uma atuação junto aos jovens, através do esporte ou de algo em que eles estavam

inseridos no bairro: “(...)tínhamos a preocupação não somente de ter uma representatividade na igreja, mas uma atuação no bairro.”

A permanência no grupo *Levítico* foi de dois anos, entre 2001 e 2003. Nesse intervalo, até retomar o rap no grupo *Justaposição*, foram sete anos longe da música. O motivo foi a morte do amigo que fez com que Fernanda abandonasse muitas coisas no bairro inclusive a música rap. O retorno se deu a partir do convite dos meninos do grupo *Justaposição* que estavam ensaiando havia um tempo e queriam, inicialmente, montar uma banca: “(...) fui convidada a participar dos ensaios e fui efetivada como membro do grupo”. Inclusive, a primeira música apresentada ao grupo *Justaposição*, de autoria de Fernanda, fazia uma homenagem ao amigo assassinado.

Desse modo, percebe-se que a trajetória de Fernanda no Palmital sempre foi próxima com o estilo musical rap. Fernanda tinha o costume de escrever músicas que buscavam, como base, a conscientização das pessoas e tentar responder às coisas erradas que aconteciam ao seu redor. Uma das barreiras enfrentadas foi a questão de ser mulher dentro da cultura *hip hop*, um movimento com predominância masculina, sendo poucas as MC's mulheres. Em algumas situações Fernanda é questionada pela condição de ser a única mulher no grupo *Justaposição*. Essa situação Fernanda enfrenta: “(...) assim, eu procuro lidar, dosando muito a hora que eu falo, a hora que eu calo, na hora que deu o silêncio, eu vou impor meu pensamento e eles vão avaliar se é bacana...”

No discurso entre os membros do grupo *Justaposição* não se percebe um tratamento diferenciado pelo fato de ser mulher, mas a questão de gênero se mostra nas relações cotidianas do grupo. O deslocamento para o ensaio, no período da noite, só acontece com o acompanhamento de um dos meninos do grupo, que tem a incumbência de buscar e levar Fernanda para casa; as tarefas domésticas que são acumuladas para ela e que, por muitas vezes, inviabilizam a presença nos ensaios até o final e que em alguns momentos a coloca na decisão entre se dedicar ao grupo ou a vida de casada. Percebemos que essas situações são colocadas para Fernanda como um desafio de adequar seu tempo para todas essas dimensões e que não se percebe tal peso para o restante dos membros do grupo.

Um dos pilares do rap é trazer nas letras a realidade da sua “quebrada” e mostrar um contexto para despertar nas pessoas um senso crítico. A música rap, que, conforme já foi mostrado anteriormente, nasceu de bairros negros dos Estados Unidos é, portanto, música de preto. É, assim, um desafio, enfrentado pelo grupo *Justaposição*, pois a

temática da cultura negra não é algo falado e discutido na igreja, embora, na cultura *hip hop*, sim. Para Fernanda o grupo *Justaposição* se posiciona em relação ao tema, não de forma explícita, mas trazendo algumas situações que possam refletir sobre a questão do preconceito. Para Fernanda,

(...)tem algumas regrinhas - que o *hip hop* é música de preto né... existe esse conceito que o *hip hop* é música de preto, então, assim, os negros sempre quiseram ser aceitos, então eu chego num lugar que é música minha e se tem um branco cantando comigo, vou ficar hiper feliz, porque eu sei que a cultura está tendo algum efeito, que vai trazer ou vai mobilizar uma forma que vai unir tanto negro, como branco, como pardo, entendeu?.

O fato de Fernanda ser da igreja evangélica e, por consequência, cantar rap não a blinda dos problemas do dia a dia, inclusive do racismo. Para Fernanda estar na música rap e morar no Palmital fortalecem a percepção diante da sua cor e de como se posicionar na sociedade. Essa relação construída, tanto com o bairro, escola, trabalho, quanto nos coletivos, resulta numa avaliação positiva da cor, apesar das barreiras do racismo:

Eu tenho orgulho de ser negra, assim, de falar que eu sou uma pretona fina, sabe? Assim, eu tenho isso dentro de mim, de saber que eu chego num lugar e o pessoal me vê, olha e pensa: essa preta é diferente, e tal. Eu gosto muito, eu não tenho problema nenhum por ser preta.

A população jovem negra do Palmital encontra na cultura *hip hop* e suas expressões no bairro, uma maneira de expressar seus sonhos, suas angústias e seus talentos. Os múltiplos espaços, tais como a escola, o trabalho, a família e os coletivos, são lugares que apontam para um debate racial, mesmo na condição do silenciamento.

3.3.2 – Joel Popper

Joel Popper é dançarino de danças urbanas, integrante do grupo *Cia. Liberdade* e membro fundador do grupo de danças urbanas *BH Boogie*¹⁹. Tem 19 anos e se auto classifica como negro. É o mais novo de uma família de quatro irmãos e mora com a

¹⁹ Grupo formado a partir da oficina do Programa Escola Aberta da Prefeitura de Belo Horizonte realizada na escola municipal Zilda Arns. Os membros são os próprios jovens da oficina de danças urbanas ofertada pelo Joel Popper. Uma oportunidade de mostrar em eventos na cidade o trabalho desenvolvido na oficina.

mãe e os irmãos numa vila chamada Nova Esperança, que se localiza em uma área do Palmital. A mãe momentaneamente não está trabalhando e cuida da neta de um ano de idade, filha da irmã de Joel Popper. Joel Popper cursa o terceiro ano do Ensino Médio e trabalha como oficineiro de danças urbanas em programas governamentais, como o *Escola Aberta* e o *Escola Brasil*. Apesar do cotidiano corrido entre trabalho, estudo e apresentações de dança, demonstra, entre os jovens selecionados, uma harmonia entre os seus tempos. Por ser o mais novo dos irmãos, é poupado de várias responsabilidades junto à família, sendo que a remuneração do trabalho é para seu sustento e investimento na sua carreira artística. Direciona seus estudos para uma profissionalização na dança e tem o objetivo de cursar a graduação em dança, como forma de aperfeiçoamento.

a) Família

Nascido e criado na Vila Nova Esperança, uma ocupação localizada entre o Palmital e o bairro Santa Clara, este pertencente ao município de Vespasiano, a Vila é uma localidade com forte laços com o Palmital, pois uma parte das famílias da ocupação é parente, ou oriunda, das famílias do conjunto habitacional. A maior parte dos equipamentos básicos utilizados pela população da Vila Nova Esperança é oriunda do Palmital tais como supermercado, quitandas e farmácia entre outros.

A família é originária do interior de Minas Gerais, cidade de Piranga, localizada na região da Zona da Mata mineira. A família de Joel Popper é constituída por três irmãos, uma sobrinha e a mãe. A irmã de 27 anos, formada em curso técnico de auxiliar administrativo; o irmão, de 26 anos, é estudante de Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG; o irmão de 22 anos, trabalha na AeC – Relacionamento com Responsabilidade; e Joel Popper, de 19 anos, é oficineiro. E tem a sobrinha, de um ano. A juventude é marcada pela ausência do pai, que foi abandonado pela família, em decorrência dos vários casos de violência doméstica, por causa do vício em álcool. A relação com o pai sempre foi marcada por discussões e desavenças e por isso a família passava dificuldades, uma vez que o salário do pai era gasto com o vício, ao invés de suprir as necessidades da casa.



Figura 11– Joel Popper recebendo o certificado do Programa Valores de Minas.

Com a ausência do pai, o irmão mais velho, de 26 anos, assumiu, junto com a mãe, a responsabilidade de cuidar dos irmãos e trabalhar para ajudar nas despesas da casa. O primeiro emprego que assumiu, ainda na adolescência, foi de servente de pedreiro, auxiliando o pai. As dificuldades eram muitas e vendo esse contexto Joel Popper, desde cedo quis trabalhar para ajudar a mãe e comprar as coisas que queria, mas a mãe sempre negou, argumentando que se concentrasse somente nos estudos.

(...) às vezes eu queria muita coisa, eu queria, e tinha em mente, e minha mãe não poderia dar. Se eu pedisse ela ficaria com pesar de querer me dar e não poder. Eu sabia das dificuldades e eu, novo, com uns nove a dez anos ficava com vontade de ajudar de alguma forma, ajudar minha família, mas ela falava: não, você vai terminar de estudar e formar, e aí você vai começar a estudar porque estudar é difícil mas, eu insistia que queria ajudar ela.

A mãe sempre foi a base e a referência da família. Assumindo sozinha a responsabilidade da educação dos quatro filhos, teve que buscar recursos financeiros para amenizar a situação deles, muitas vezes se inserindo no mercado de trabalho como diarista. A preocupação da mãe era com a educação dos filhos numa área violenta e a tentativa de preservá-los e mantê-los longe dessa realidade. Diferente dos irmãos, Joel Popper se inseriu no mundo das danças urbanas através de um programa social, o *Fica Vivo!* A ele nunca foi permitido se inserir no mercado de trabalho como servente de pedreiro, como os dois irmãos. Para as famílias populares a ideia de trabalho passa por profissões bem comuns para a maioria dos jovens de origem popular, tal como servente de pedreiro, caixa de supermercado ou atendente de loja, sendo a dança uma área pouco conhecida e reconhecida como forma de trabalho.

O apoio familiar para Joel Popper foi importante em sua inserção na dança, pois o incentivo da mãe e do irmão mais velho alavancou a possibilidade de trilhar esse caminho. A mãe sempre incentivou qualquer atividade que pudesse agregar à educação dos filhos e, quando Joel Popper iniciou na dança, teve o apoio da mãe como forma de ocupar o tempo em algo saudável. O irmão mais velho demonstrava talento com desenhos e praticava essa arte através de auto-retrato, sendo um estímulo para Joel Popper. Nessa mesma época o irmão passou a frequentar a oficina de grafite do Programa *Fica Vivo!* e Joel Popper começou acompanhá-lo na oficina, migrando posteriormente para oficina de dança. O importante nessa trajetória é a influencia do irmão mais velho e o apoio da mãe para a inserção na arte, a partir dos desenhos e depois na dança. Assim, ele relata:

“(...)o meu irmão mais velho sempre foi o homem da casa sempre foi, porque meu pai tinha aqueles probleminhas e aí não tinha como espelhar nele ou era minha mãe ou meu irmão mais velho”.

A arte foi uma alternativa para sair do ambiente do bairro, pois nessa época ele frequentava a oficina do Programa *Fica Vivo!* e a escola. Era uma forma de ocupar o tempo e aprender coisas novas. Para Joel Popper,

(...)a família pra mim foi essencial, se não fosse [por ela], eu não tava aqui, com contato com a arte. A família sempre mantém unida... eu nunca fui muito de sair era ir pra a escola e ficar em casa vendo desenho e, de vez em quando, brincava no terreiro... eu não era muito de ir pra rua... por isso que eu fui pra arte, que eu não era pra outras coisas...

Fica evidente, na trajetória do Joel Popper, que o apoio da família foi importante na sua inserção na arte, no incentivo ao estudo e principalmente no adiamento de sua inserção no mercado de trabalho.

b) Escola

Joel Popper estuda na Escola Estadual José Gabriel de Oliveira, localizada no bairro Santa Clara, por ser próxima de sua casa, estando no segundo ano do Ensino Médio. Soma, em sua trajetória escolar, uma reprovação. Considerado um aluno dedicado aos estudos, tinha um comportamento calado e quieto, de poucos amigos na escola. A situação financeira da família era precária e, por conta disso, os materiais utilizados eram ganhos da prefeitura. Tinha somente um par de sapatos e não possuía mochila, sendo necessário carregar os cadernos e os livros nas mãos. No período de

chuva essa situação se agravava, pela falta da mochila. Essa condição de vulnerabilidade por muitas vezes era motivo de “brincadeiras” dos colegas:

(...) Às vezes acontecia uma brincadeira em relação a essas coisas assim e se fosse nos dias de hoje pra mim seria muito sério, porque isso não é motivo pra brincadeira. Na época eu não importava tanto e também era novo... acho que pra mim era difícil, que eu lembro, assim, das dificuldades que passava e aos olhos dos outros era motivo de piadinha.

O espaço escolar para Joel Popper nesse momento era um lugar de desconforto, pois através das “brincadeiras” escondia-se uma face cruel do preconceito. Um fato comum no princípio da ocupação da Nova Esperança era as famílias matricularem os filhos nas escolas da região e por isso ocorria uma diferenciação entre os alunos do Bairro Palmital e os da ocupação. Esse processo de ocupação no entendimento de muitos moradores do Palmital ocasionou uma piora no bairro, pois a infraestrutura, que já era fragilizada, com a vinda de milhares de famílias para a região, intensificou mais ainda esse cenário.

A escola, para Joel Popper, sempre foi um espaço de conflito. Primeiro pela condição socioeconômica em que sua família se encontrava, representada através das roupas surradas pelo uso diário, gerava uma diferenciação dentro da escola. Essas “brincadeiras” para ele passavam despercebidas, por não entender seus objetivos e acreditando que eram somente “brincadeiras”. Até porque a condição socioeconômica o levava a acreditar que as “brincadeiras” eram por causa da forma como se vestia e usava o material, uma representação da vulnerabilidade. O comportamento quieto e discreto passava como seu “jeito de ser”, mas, por outro lado, também reservava uma inibição, para não ser alvo de destaque, para não ser *zoad*. Esse quadro torna evidente que as *zoações* iam para além da condição econômica, mas como uma construção de estereótipo racializado.

Via que era, pelo seguinte: eu não era o único negro da escola, tinha bastantes, mas as minhas amizades passavam sempre por ali, com os negros, eu não sei porque. Com o tempo isso foi mudando; hoje é bem diferente, sem sombra de dúvida, mas não sei, antes não tinha muita. (...) o que intriga um pouquinho é que as amizades começavam pelos negros pra depois estender para os outros alunos e não sei explicar porque... um processo natural mesmo, ou talvez por identificar com o outro, né?... porque a situação deles era um pouco parecida com a minha realidade... acaba acontecendo um primeiro contato...

Esse fato nos coloca a pensar de que maneira a questão racial é tratada pelo espaço escolar e como os alunos negros percebem esse espaço. A escola, assim, é entendida como um espaço em que se aprende e se compartilha, muito além dos conteúdos e saberes escolares, mas valores, crenças e hábitos e, por consequência, o preconceito racial, de classe, gênero e idade (GOMES, 2002). Joel Popper coloca em questão a representação dos alunos negros na escola, como são representados, os estereótipos desenhados, tanto na dimensão curricular, como nas relações cotidianas.

A relação com a escola se modifica a partir do momento em que Joel Popper inicia seu contato com a arte. A *prática* do desenho despertou-o para as aulas da disciplina de Artes e por isso ele começou a ser notado pela professora. A escola passa então a ter sentido, a partir das aulas de arte; as técnicas de desenho aprendidas com o irmão, passam a ser um fator de interação com esse espaço. Com a dança, a relação foi muito semelhante, pois a partir dela a interação e o interesse com a escola se ampliaram. Na verdade, o contato com o desenho e depois com a dança nas oficinas do Programa *Fica Vivo!* ampliaram a relação com os amigos do bairro e da escola.

(...) Com a dança também...tanto com aquele local, quanto com os alunos e os professores... até hoje frequentemente quando tem alguns trabalhos a escola pede para fazer apresentações pede pra ensaiar algumas salas que vão apresentar e vejo isso como algo de bom uma relação de confiança naquele espaço: isso é legal, né?...

A dança e as experiências fora da escola contribuíram para a construção de uma interação com os colegas e os funcionários. Surge um novo significado desse espaço, para além do simples estudar e conseguir notas, mas um lugar de significados e construções de identidade.

c) Trabalho

Joel Popper trabalha em dois lugares: o *Programa Escola Aberta* e o *Programa Mais Educação*. Desde o ano de 2014 trabalha como Oficineiro de dança no *Programa Escola Aberta* da Prefeitura de Belo Horizonte. Esse programa consiste em incentivar e apoiar a abertura, nos finais de semana, de unidades escolares públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social. A escola municipal Zilda Arns, localizada no bairro Rio Branco, na regional Venda Nova, em Belo Horizonte, é um dos espaços que atendem ao Programa Escola Aberta. A estratégia é potencializar a parceria entre escola e comunidade e ocupar criativamente o espaço escolar aos sábados e/ou domingos com

atividades educativas, culturais, esportivas, de formação inicial para o trabalho e de geração de renda, oferecidas aos estudantes e à população do entorno. A partir dos jovens da oficina, Joel monta o grupo de danças urbanas *BH Boogie*.

Na escola estadual José Gabriel de Oliveira, no bairro Santa Clara em Vespasiano, atua como oficineiro de dança no Programa Mais Educação. O Programa Mais Educação é uma ação do Ministério da Educação que tem o objetivo de ampliar a jornada escolar através de uma perspectiva de Educação Integral. Desenvolve atividades de acompanhamento pedagógico, através de oficinas de educação ambiental, esporte e lazer, direitos humanos em educação, cultura e artes, cultura digital, promoção da saúde, comunicação e uso de mídias, investigação no campo das ciências da natureza e educação financeira.

A relação com o mundo da dança passa pela trajetória de vida de Joel e pelas imbricações construídas na família e nos coletivos culturais. O lugar que ocupa na família é um fator importante que diferencia a sua, das trajetórias dos irmãos no que se refere à inserção no mundo do trabalho. Com a ausência paterna, como já foi dito anteriormente, os irmãos foram criados sob a responsabilidade da mãe e o irmão mais velho assumiu, juntamente com ela, a responsabilidade de criar os mais novos, indo trabalhar com o pai como servente de pedreiro. O outro irmão e a irmã também se inseriram no mercado de trabalho, através de subempregos, como servente de pedreiro e caixa de supermercado. Nas trajetórias dos irmãos é marcada a necessidade de trabalhar para atender uma demanda financeira da família e a própria. Na narrativa de Joel Popper fica clara essa dimensão:

(...) Na juventude você descobre tanta coisa e você gosta de muita coisa, só que você tem que escolher, né?... acho que pra mim foi um pouco natural, acho que as coisas foram acontecendo e foram induzindo a, especificamente... as escolhas, elas existem.. .o meio cultural eu tive contato com desenho, dança e, mais pra frente, com o taeken-do mas já estava envolvido com a dança... então nós temos caminho, e caminhos a seguir...

Ao enfatizar a dimensão da escolha para seguir um determinado caminho ou não, Joel aponta para um campo de possibilidades que é construído na trajetória de vida. Seguir um caminho e não seguir outro, passa por um entendimento dos fatores que contribuíram para as suas inserções num campo de atuação múltiplo. As trajetórias dos membros da família de Joel Popper vão tomar rumos diferentes, mesmo experimentando vivências comuns.

O fato de não ter trabalhado ainda na adolescência como servente de pedreiro, igual a seus irmãos, proporcionou um caminho diferente; o fato de ser o mais novo e viver num outro contexto, mesmo sendo difícil, e ter o contato com arte levou a uma trajetória particular em relação aos seus irmãos. O irmão mais velho se destaca pela trajetória a partir dos estudos, mas o irmão do meio se encontra ainda sem essa trajetória. Para Joel Popper,

(...)tinha dificuldade lá, quando não trabalhava e queria trabalhar de qualquer coisa e aí, depois, comecei a fazer desenho e depois a dança; e aí, depois que eu vi na dança a oportunidade de poder estar trabalhando, então eu passei por um processo de mudança(...)

O significado do trabalho para Joel Popper se diferencia dos irmãos, na medida em que sua inserção se deu de forma tardia, tendo a oportunidade, apesar das dificuldades, de ter uma relação harmoniosa com a profissão que escolheu. Ele conseguiu se estabilizar no mundo da arte onde as relações são mais fluidas, principalmente com relação à remuneração, sendo para Joel Popper uma ocupação que ultrapassa a mera subsistência, mas representa uma forma de autoexpressão.

d) Bairro

Joel Popper tinha poucos amigos no lugar onde morava, na Vila Boa Esperança, e também no Palmital pois, pelo fato de sair pouco de casa, tinha uma rede de amigos restrita aos vizinhos. Havia, por parte da família, uma preocupação com respeito à violência na região. Na juventude a relação com os amigos se ampliou mais, passaram a frequentar as oficinas do Programa *Fica Vivo!*. Dos amigos de infância, a maioria, mudou da região e outra parte entrou na marginalidade, alguns estão presos e outros morreram. A rede de amigos construída foi um suporte para Joel Popper no fortalecimento dos laços afetivos com o bairro, uma forma de identificação, na medida em que as experiências são compartilhadas coletivamente. A amizade é compreendida por ele como uma rede de apoio, entendida como extensão da família, uma rede de socialização.

(...) amizade é pra mim junto com a família a importância...família e amizade é a base, o alicerce... alicerce, porque às vezes a gente, nessa correria, não tem tempo pra nada e a gente fica muito sobrecarregado e aí, tem hora que a gente precisa alguém pra conversar, alguém pra poder desabafar, e às vezes, quando não encontramos na nossa família encontramos nas amizades ou vice-versa. Acho essa relação bacana...

A relação com os amigos tem um papel importante para o reconhecimento do lugar, a partir da experiência do vivido, ou seja, as lembranças se dão a partir das experiências e de situações vivenciadas na coletividade.

A explosão da violência na região, principalmente na década de 2000, levaram o poder público a lançar no Palmital o programa *Fica Vivo!*. A negligência do poder público por décadas gerou um quadro de violência que tinha como principais vítimas, os jovens. Uma violência caracterizada pela atuação do tráfico de drogas, gerando assim situações como acertos de contas, tiroteios e pontos de compra e venda de entorpecentes, uma realidade concreta da violência. Outra situação, era a atuação da polícia, de maneira ríspida diante da população, principalmente dos jovens, com alegação de coibir a prática da criminalidade na região. O jovem dessas áreas ficava em uma situação delicada, entre a violência do tráfico de drogas e a atuação dura da polícia. Essa ambivalência entre tráfico e polícia gerava uma relação tensa, na medida em que a convivência com essa realidade exigia estratégias para escapar de ambas as dimensões.

Os programas sociais foram uma abertura para novas opções mais além das ruas, um impacto importante na vida de uma parte dos jovens frequentadores das oficinas, principalmente para Joel Popper. Ampliou sua dimensão de socialização e oportunizou-lhe um alargamento da rede de amizades com jovens do bairro e da região.

(...)inserido no programa *Fica Vivo!*, foi lá onde eu comecei, graças a esses infelizes dados, onde eu comecei com a dança e me ajudou na minha trajetória com a dança. Eu não sei se conseguiria se não tivesse esse programa... se não tivesse ido pra lá não tinha começado com a dança. Antes do *Fica Vivo* a única opção que eu tinha era trabalhar com meu pai de pedreiro talvez estivesse nessa até hoje.

Sem dúvida, o papel dos programas sociais na vida de Joel Popper foi positivo. Outra estratégia para Joel Popper não seguir o caminho do crime foi a presença da família, particularmente da mãe, através da orientação, “(...)ela sempre conversou sobre essas coisas comigo, sobre tudo, me orientando...”. O fato de morar numa área violenta e conviver cotidianamente com essa violência, além, de ter amigos de infância imersos a realidade do tráfico, serviu para Joel Popper como exemplo para não se envolver, por conhecer de perto as consequências de tal envolvimento: assassinatos de amigos e conhecidos e também prisões, “(...)eu não via ninguém, que saía de casa cedo e trabalhava pra colocar o pão na mesa da família, sendo preso...é...eu fui tirando isso como lição.”

A relação com a polícia é apontada como uma questão tensa; as abordagens eram rotineiras e bem violentas. A presença da polícia é colocada como uma situação incômoda, pois já tinha a certeza de que seria parado e suspeito de pertencer ao tráfico. “(...)eu sabia que me abordava só porque eu estava saindo do lugar que eu moro; provavelmente se me visse saindo de outro lugar não ia abordar...”. O simples fato de ser negro e morador da Vila Nova Esperança já é visto pela polícia como suspeito. Essa é uma realidade vivida por Joel como morador da região do Palmital.

Ele relata o medo inicial que tinha de ir à Praça da Savassi à noite, devido ao contexto de guerra imposto, apesar de esse lugar ser considerado neutro. Esses espaços do bairro ganham contornos e significados diferentes conforme o horário do dia, sendo muito comum transitar tranquilamente pelo bairro durante o dia. Durante o dia a praça tem uma marca adulta, as pessoas apressadas para pegar o ônibus, comprando no supermercado e nos ambulantes; à noite a marca é juvenil. É lá onde os jovens transitam com seus grupos, ocupando o espaço da praça à sua maneira, uns conversando, outros andando de skate, jogando baralho. Joel afirma:

“(...)eu nunca vi nada de diferente não,[de] acontecer tiroteio, nada... aqui sempre foi movimentado e eu gostava de ver gente, né?...aí vinha pra cá porque tinha mais movimento e mais possibilidades de conhecer mais pessoas...”.

A praça é, então, um espaço de interação entre os jovens, principalmente no período noturno. É um exemplo de que o bairro tem uma identidade para além do quadro de violência. As pessoas vivenciam o lugar a partir dos seus significados, construídos cotidianamente, nos quais a violência atravessa, mas não é o eixo condutor.

e) Coletivos

A primeira experiência de coletivos tida por Joel foi nas oficinas do Programa *Fica Vivo!*, instalado na Vila Nova Esperança, com oficinas de grafite e dança, com oicineiro Fernando Black-A. A prática nas oficinas tinha uma limitação, os jovens aprendiam novos passos e técnicas de dança, mas a falta de espaços para apresentações era a principal barreira. Para contornar esse problema, os próprios jovens se

organizaram através de uma *crew*²⁰. A *crew* foi chamada de *The Family Crew*, durando quatro anos essa formação. Uma experiência importante para Joel Popper como contato com público.

A segunda experiência de coletivos foi no Programa *Valores de Minas*, iniciativa do governo de Minas Gerais, que oferece ao público jovem aulas de arte, em quatro linguagens: artes visuais, dança, música e teatro. Joel Popper chegou a esse coletivo através de uma indicação, pois nessa época ele frequentava os ensaios da *Cia. Liberdade*, mas ainda não fazia parte dela. Nesse coletivo ampliou seu conceito de dança para além da performance, abandonando o conceito de uma simples movimentação corporal mas agregando algo que transmite ideias e mensagens: “(...) aprendi de forma diferente, falando de outras coisas e abordagens. Não só a dança pela dança, mas trazer um sentido e um significado, a dança como um texto”.

A experiência no *Valores de Minas* ganhou importância na sua trajetória, pois aprendeu a arte da dança numa perspectiva profissional, como o controle do corpo, o conhecimento de si e, por outro lado, ocorreu uma ampliação da rede de amizades para além do Palmital.

A entrada na *Cia. Liberdade* se deu em meio a todo esse processo entre *The Family Crew* e o *Valores de Minas*. Acompanhava a *Cia. Liberdade* nos eventos e também começou a frequentar os ensaios. Essa oportunidade se deu a partir das seguidas ausências de alguns membros e, nessa situação, Joel Popper começou a substituir os ausentes até se firmar como membro do grupo. Ao entrar na *Cia. Liberdade* percebeu a dinâmica do grupo em torno da cultura *hip hop* através das danças urbanas, somada a um posicionamento cristão. Uma relação direta entre o objetivo de evangelizar e as culturas urbanas.

A experiência de Joel Popper participando na *Cia. Liberdade* foi no sentido de repensar a dança mais além da *performance*, uma busca de identidade dentro da culturas urbanas. A importância do compartilhamento coletivo onde um ajuda o outro, a troca de experiências, auxilia que cada um encontre seu lugar dentro da cultura urbana.

(...) O bom com o *liberdade* me faz buscar mais dentro da música, por isso que busco tanto eventos...todos esses eventos é importante para mim, não é

²⁰ Crew é um grupo de dança formada de forma espontânea, não tendo a obrigatoriedade de permanência dos membros e é comum a rotatividade, isto é, entrada e saída são uma prática normal.

só dançar, é a forma que eu trato as pessoas quando alguém vem me falar da minha dança ou alguma coisa assim sabe...

A questão era levar uma representação positiva para fora do Palmital, para gerar impacto para dentro, isto é, promover uma inversão do estigma negativo e mostrar uma identidade urbana da periferia oposta aos aspectos negativos que caracterizavam o bairro. O conceito da Companhia é influenciar, usando como forma o mostrar para as pessoas outras alternativas fora da marginalidade, a partir da sua trajetória, apresentando um campo de possibilidades. Mostrando, através de exemplos de vida dos próprios membros do grupo, um campo de possibilidades, um processo de interação a partir do exemplo. O discurso religioso aparece forte, na medida em que se busca, através da dança, evangelizar e procurar caminhos para a salvação. Quando se utiliza o termo *influenciar*, este tem dois sentidos: primeiro, na perspectiva religiosa, através dos exemplos positivos, realizar uma forma de evangelização; o segundo é buscar mostrar diferentes representações do Palmital, demonstrando uma produção artística, com qualidade, feita por jovens que moram no bairro.

Outro ponto significativo da *Cia. Liberdade* para Joel Popper foi a questão do pertencimento racial no grupo: “...a gente expressa mais pela cultura que a gente representa... mas pela vertente que a gente busca, que é o Soul, a Black music...vem de uma cultura negra(...)”. O uso do cabelo *Black Power*, roupas da cultura *hip hop* e a expressividade, através da dança do corpo negro, um fator importante para a inserção na cultura urbana e de periferia.

3.3.3 – Douglas Dod

Douglas é cantor de rap, integrante do grupo de rap *Justaposição*, desde a sua origem, em 2010. Tem 26 anos e se identifica como negro. Solteiro é o filho mais velho entre os dois irmãos por parte de mãe, morando todos em um apartamento no Palmital. A mãe trabalha como serviços gerais em Belo Horizonte. Douglas terminou o Ensino Médio na escola estadual Reny de Sousa Lima, no próprio bairro. Inicialmente abandonara a escola no segundo ano, para trabalhar, mas retornou tempos depois, para sua conclusão.



Figura 12 - Douglas Dod

Atualmente cursa graduação em Serviço Social em uma instituição particular em Belo Horizonte, estando no terceiro período, de oito a serem cursados. Trabalha numa empresa de Buffet de festa como supervisor de cozinha, mas antes teve várias inserções em ocupações que privilegiavam a força física, tais servente de pedreiro e lavador de carro. O seu cotidiano é bem corrido, pois divide seu tempo entre o trabalho, o estudo, a família, igreja e a música. Um exercício complexo de atender a todas essas dimensões, pois cada uma exige um tempo e um esforço para sua dedicação. No entanto, Douglas demonstra uma dedicação levemente maior para os estudos e para a música.

a) Família

Douglas Dod é natural de Belo Horizonte e morou, na sua infância, no bairro das Indústrias, na região do Barreiro, com a mãe, dois irmãos mais novos, por parte de mãe, e o padrasto.

Douglas não conheceu o pai biológico até a idade de dez anos, quando o padrasto o levou até seu pai que morava na região do bairro das Indústrias, *“eu vi lá meu pai e ele [o padrasto] me apontou e mostrou, dizendo: olha lá, aquele que é seu pai; fui lá vi ele e aí me abraçou e nesse momento vi a vida dele.”* o pai bebia muito e não trabalhava e por isso o relacionamento com a mãe não dera certo. A relação com o padrasto sempre foi pautado por magoa, pelo fato de perceber um tratamento diferenciado entre ele e os irmãos: *“(...) a diferença dos castigos, que eu recebia e eles*

não, então eu achava muito ruim e eu nunca chamei ele de pai e nunca tive ele como um pai, mas eu respeitava”.

Já morando no Palmital a mãe e o padrasto se separaram, ocasionando nova reorganização da família, a partir dessa ausência. Nessa época a mãe trabalhava como doméstica e os irmãos estavam muito pequenos. Douglas, ainda na adolescência, começou a trabalhar como servente de pedreiro, para ajudar em casa. Por outro lado, com a ausência do padrasto, Douglas assumiu juntamente com a mãe a responsabilidade do cuidar dos irmãos: *“(...) vendo a situação da minha família, né ... meu padrasto tinha saído de casa, tive que tomar uma postura por causa dos meus irmãos que estavam crescendo...”*. A mãe trabalhava durante a semana e no sábado e domingo tinha o costume de sair e por isso os irmãos ficavam sob sua responsabilidade, gerando conflitos.

A família, mudando para o Palmital, passa a morar em um apartamento pequeno, dessa forma a rua ganhava um significado de lazer. Para Douglas esta exposição na rua o levou a ter contato com várias realidades, no Palmital, principalmente em relação à questão das drogas.

“(...) eu tive contato com todo tipo de coisa e aqui no bairro também, porém aqui a diferença era que eles ofereciam drogas, perguntavam se queria experimentar, pra você sentir a sensação...”.

O cotidiano do bairro Palmital era percebido a partir das experiências construídas entre os amigos e o contexto que o bairro vivia em relação à violência. Era uma juventude que estava exposta à realidade do bairro realidade essa que mostrava, naquele momento, um quadro de violência.

Nesse sentido, na sua juventude Douglas conviveu, juntamente com seus amigos, em um contexto de violência no Palmital. O tráfico de drogas era uma presença forte no bairro e por isso tinha contato com conhecidos e amigos que se envolveram com o crime, tendo presenciando assassinatos e muitos se viciando em droga em função da realidade do bairro. Hoje, Douglas percebe que essa experiência se caracterizava como uma “pedagogia do crime”, ou seja, muitos amigos e conhecidos entraram nesse mundo, pela proximidade e a exposição à violência, somada a outros fatores da vida. Por outro lado, para Douglas essa exposição gerou um sentido contrário, não no sentido de entrar para a marginalidade, mas tendo conhecimento do processo e buscando alternativas que o desviassem dessa trajetória. Hoje Douglas consegue perceber que o

contato com o tráfico era inevitável, devido ao espaço de socialização em comum ser a rua. Havia o princípio do respeito para uma relação, na medida dopossível, harmoniosa, como forma de marcar o lugar de cada um no bairro.

O relacionamento com os amigos que faziam parte do tráfico acabava sendo efêmera, na medida em que se resumia a “trocar ideia”, a partir de um distanciamento pelo fato de estarem em realidades diferentes. A interação se dava então em atividades coletivas, tais como uma roda de conversa, as “peladinhas” de futebol, o jogo de baralho, tudo acontecendo próximo à rua de casa, pois todos moravam perto. Para Douglas existia uma distinção nítida entre estar com os meninos do tráfico e ser do tráfico. Para as instituições, principalmente para a polícia, todos eram vistos como uma massa homogênea, pertencente ao tráfico. As ações da polícia no bairro eram caracterizadas por formas truculentas e violentas, sendo muito comum de as “batidas” policiais identificarem os jovens do Palmital a partir da realidade do tráfico.

Para Douglas a questão racial está embutida nesse processo de como as instituições do bairro encaram a juventude. Na juventude a prática do racismo era percebida principalmente em relação com os relacionamentos amorosos estabelecidos entre os amigos. Pairava no ar um imaginário cuja meta era conquistar as meninas brancas, pois isso gerava um status positivo, “(...) *a meta que o negro lutava era de ter uma mulher clara, pro filho dele nascer moreno...*”. Para Douglas o problema enfrentado por sua geração era a falta de informação, que levava a um padrão de beleza, desenhado pela mídia, e que permanecia no imaginário, “(...) *a informação é a chave pra salvação para o negro...*”, sendo assim uma ferramenta importante para uma postura da identidade no Palmital, ou seja, se perceber negro dentro de um contexto social difícil, era uma forma de buscar, no cotidiano, aspectos positivos.

b) Escola

Com a mudança da família de Belo Horizonte para a cidade de Santa Luzia, Douglas ainda estudava no Bairro da Indústrias, cursando o sétimo ano do Ensino Fundamental. Permaneceu estudando na escola em Belo Horizonte por seis meses, até o fechamento do semestre. No ano seguinte, no Palmital, estudou na Escola Estadual Reny de Souza Lima localizada próxima à Praça da Savassi. A mudança de escola gerou um estranhamento para Douglas, na medida em que o ensino da escola no Palmital foi considerado mais fraco por ele, em decorrência da constante falta de professores e da

infraestrutura precária. Essa estrutura escolar do Palmital provocou um desânimo e uma falta de compromisso com os estudos.

Foi um período conturbado, devido ao processo de adaptação ao bairro e também à escola. Nesse período ele teve um comportamento bem irregular na escola: “matava aula” constantemente e “pulava o muro” para jogar bola. O seu período de juventude, na escola, foi pautado por uma estratégia de “(...)estudava somente dois trimestres, porque, na época, o ano letivo era dividido em três trimestres (...),o próximo só fazia pra garantir e depois eu só zoava, ia jogar bola, matava aula...”. Pela facilidade em estudar e somado ao ensino fraco, sentia-se pouco estimulado no espaço escolar, só cumprindo as etapas e não se preocupando com a aprendizagem.

O cotidiano na escola, como reflexo do bairro, era de violência, “(...) a escola tinha muito bandido porque eles estudavam também, rolavam altas tretas de bandidos na mesma sala, tinha esses conflitos ou seja, a violência passou a fazer parte do meu cotidiano...”.

A escola foi um espaço de aprendizagem para sua inserção no bairro e uma forma de perceber a violência,

“(...)eu temia morrer mas teve tiro lá em baixo, tive que criar minhas saídas(...)ouvia um eco de tiro, ao invés de correr como todo mundo corria, tinha que observar porque as pessoas estão correndo e aprendi a ter malícia...”.

O múltiplo significado que a escola apresentava para Douglas na sua juventude ia além de um espaço de saberes escolares; era uma forma de aprendizagem a partir da realidade vivida fora da escola. Assim a escola só tinha sentido em sintonia com as experiências da vida.

Era marcante a diferença social na escola. Mesmo todos os alunos sendo do Palmital e, na sua maioria negros, a escola apresentava uma diferenciação de tratamento entre os alunos, aqueles que iam limpos, de tênis, calça jeans e uniforme novo, contrastando com outro grupo de alunos que usava uniforme surrado, rasgado por ter que usar o ano todo sem dinheiro para comprar outro, que frequentavam as aulas de chinelo surrado, usado no Ensino Fundamental inteiro, que não levavam merenda e nem compravam, dependendo exclusivamente da merenda da escola, eram chamados de “sopão”. Um fato muito comum era, conforme declara o próprio Douglas: “(...)roubávamos a merenda dos meninos que compravam merenda, e se eles falassem alguma coisa a gente batia... então era essa ideia sempre houve uma forma de

reagir...”. Essa diferenciação social na escola não era percebida como um exemplo de racismo: “(...) *a gente não sabia que era por causa do racismo por causa da desigualdade racial e social, entende, não tinha noção dessas palavras existiam...*”. Os poucos brancos e os alunos negros que tinham um padrão econômico melhor reforçavam essa diferenciação entre os grupos; a tensão social era latente entre os alunos. Exemplo disso era morar no “*caldeirão dos infernos*”, na Vila Nova Esperança ou perto da Praça Nadir Figueiredo, áreas do próprio bairro que concentravam a população pobre, sofrendo por isso um processo de estigmatização, em decorrência da violência ali existente. No espaço escolar essas diferenças se apresentavam e por consequência os processos de discriminação eram reproduzidos.

Quando percebia a dificuldade de interação em algum aspecto da escola Douglas buscava outra forma de se destacar. O esporte era uma das táticas: “(...) *a gente era bom de bola, fazia uma diferença; pra gente era se destacar por ter sido o artilheiro do campeonato da escola...*”, ou seja, através da prática de esporte na escola ele ganhava respeito, por ser o único artilheiro do campeonato. Nas “peladinhos” do colégio ele era reconhecido como habilidoso. Para Douglas, (...) *confortar a nossa exclusão foi sendo bom em alguma coisa pois a gente se dedicou a ser bom de bola ou em qualquer coisa...*”, uma forma de marcar o seu lugar, a partir dessas habilidades.

Com o pouco interesse que tinha pela escola, esse espaço passou a ser disputado com o mercado de trabalho. Parou de estudar no segundo ano do Ensino Médio, devido à falta de significado que a escola lhe trazia. A dificuldade de conciliar estudo e trabalho ocasionou o abandono da escola, “(...) *e aí veio essa questão de trabalhar de segunda a segunda, só tinha folga na quinta ou na sexta*”.

Por outro lado, a inserção no mercado de trabalho exigiu o retorno ao estudo para sua finalização, principalmente no emprego atual, uma forma de se manter e crescer no trabalho. Através dos amigos de trabalho veio o incentivo para retomar os estudos, agora em nível superior, “(...) *pessoas me incentivando e falando que eu tava novo e aqui não é serviço pra você não...*”, se identificando com área do Serviço Social. A contribuição dos amigos foi no sentido de mostrar os caminhos a seguir e como funcionava a estrutura de um vestibular e o ingresso na universidade. Atualmente Douglas cursa o terceiro período do curso de graduação em Serviço Social, em uma universidade privada de Belo Horizonte. Para ele, a faculdade trouxe muito significados para sua vida: “...*eu posso dizer, antes de conhecer o estudo, eu tinha uma cabeça*

muito fechada porque era só a igreja, entendeu?... ”. O impacto da faculdade na vida cotidiana de Douglas se deu a partir do contato com conhecimentos e pessoas diferentes, ampliando a percepção de mundo, a partir daquele lugar.

c) Trabalho

A inserção no mundo trabalho se deu na adolescência quando o padrasto foi embora de casa e sua mãe se viu sozinha para sustentar a família. Nesse período a mãe não tinha condições de dar aos filhos tudo aquilo que pediam, como um tênis, roupa ou algo da sua necessidade. Começou a trabalhar como servente de pedreiro com o vizinho, que pagava cinquenta reais por semana, gastos para ajudar em casa e para comprar roupa. “(...) *chegava domingo eu ia lá no São Benedito comprar roupa, eu não queria andar com a mesma roupa, queria comprar um tênis, [por]que eu andava só de chinelo...*”. Iniciar o trabalho tão cedo tinha uma função educativa para a família. Se por um lado era para ajudar em casa, por outro lado era para ocupar um tempo ocioso e ter condição de suprir, em parte, a necessidade em relação à roupa.

(...)era tão duro ganhar esse dinheiro que gastava com todo carinho do mundo, eu tinha uma conta pra pagar as vezes faltava uma carne no domingo e aí cinquenta reais dava pra comprar carne e a camisa que eu quero então fui vivendo nisso cara fui vivendo isso e valorizando as coisas.

Nessa época Douglas estudava e trabalhava como servente e, após esse serviço conseguiu arrumar um emprego de carteira assinada em um lava-jato no bairro Mangabeiras em Belo Horizonte. O emprego consistia em lavar carros de um estacionamento desde as oito da manhã até as cinco da tarde. A relação entre o trabalho e a defesa contra a criminalidade aparece forte:

(...)a gente sabia que se não fosse uma coisinha assim pra ocupar a nossa mente o caminho era o crime, então por não querer isso e por saber o resultado que isso podia trazer na época, a gente não pensou duas vezes de aceitar qualquer serviço.

Após esse tempo começou a trabalhar na UFMG como auxiliar de cozinha na lanchonete. Pegava serviço às sete da manhã e largava às três da tarde, de segunda a sábado. Chegava em casa às quatro da tarde e por isso retomou diversas atividades do seu cotidiano, como jogar bola, encontrar com os amigos e principalmente voltou a estudar. Nessa oportunidade terminou o Ensino Médio e já começava a escrever músicas de rap, mas sem integrar algum grupo cultural no bairro. Com mais tempo

livre, inicia nesse momento uma interação com as ações da igreja evangélica e, em particular, o grupo de rap, estreitando amizade com Thiago, componente atual do grupo *Justaposição*. Nesse momento a igreja era uma opção forte no bairro, agregando a juventude em suas ações, principalmente em grupos de jovens.

Após essas experiências de trabalho, atualmente Douglas está empregado em um Buffet, na função de supervisor de produção. Começou na empresa como almoxarife e a atividade era pesada porque era necessário o uso de força física para carregar e descarregar material, “(...) *era peso nas costas, cinco andares de escada e às vezes com peso nas costas...*”. Pouco tempo depois foi transferido para o setor administrativo que tinha outro perfil de trabalho, de frente a um computador e dentro de uma sala, muito diferente do trabalho corrido do almoxarifado. Porém uma situação permanecia na relação com o trabalho, que era o baixo salário que não supria suas necessidades tanto em casa como na esfera pessoal. Mesmo porque, como relatou, “(...) *as minhas necessidades foram mudando porque tava dentro de um grupo de rap que estava precisando crescer, precisava de dinheiro pra investir e ninguém investia esse dinheiro em nós...*”.

Devido a essa situação, ele chegou a pedir para sair, de forma a conseguir outro trabalho com remuneração melhor. Nesse período, Douglas foi convidado a assumir a supervisão de cozinha, ocasionando uma melhoria no seu salário. Surge para ele a necessidade de ampliar os estudos, que ainda era somente uma vontade, sendo concretizado com a ajuda dos colegas de setor de trabalho:

Eu fui perceber isso no serviço que eu estou hoje, lá conheci pessoas malucas de ideias mesmo e via que cada uma fazendo faculdade e me perguntavam: você não estuda, por que? Sei lá, eu odeio matemática... as pessoas [foram] me incentivando, dizendo, tem esse curso aqui, acabou que Serviço Social veio a partir disso e as pessoas me apresentaram as matérias e lia o que as matérias falavam e via que era legal.

Nessa época, o contato com a música se intensificou, com o grupo *Justaposição* e, apesar da ascensão no trabalho, da melhoria do salário e dos vínculos de amizade construídos no emprego, Douglas não se sentia feliz. A música ficava num patamar secundário. Ele revela:

“(...) eu não sou feliz fazendo aquilo, eu sou feliz fazendo música, entendeu? E eu fico aqui até de madrugada fazendo música e escrevendo as letras, tudo que eu vivo, coloco no papel de forma rimada...”.

A perspectiva de formar na faculdade, adquirir uma profissão e se sustentar são uma representação desejada pelas famílias, mas por outro lado, a música ocupa um espaço significativo na vida, na medida em que é colocada como sonho a ser alcançado. Para Douglas, a música é

“(...)o sonho de um dia poder alcançar o patamar musical que a gente quer, cantar com instrumentos de qualidade, com som bom, que as pessoas vão compreender o que a gente quer dizer, como uma ideologia que possa despertar algo nas pessoas...”.

O conflito entre o concreto e o vir a ser é colocado em pauta: de um lado uma estabilidade em um emprego com carteira assinada e salário e do outro uma carreira artística a partir de um mercado fluido.

d) Bairro

A chegada da família de Douglas ao Palmital se deu no ano de 2002, vindos do Bairro das Indústrias localizado na cidade de Belo Horizonte. A adaptação da família foi tranquila pelo fato de o padrasto ter parentes no bairro e que facilitou a interação com os novos vizinhos. Mudaram-se para um apartamento localizado no Palmital B. Durante a semana Douglas estudava no antigo bairro, *“(...)O contato com o Palmital era nos finais de semana e me fez gostar do bairro: era futebol, papagaio, era diversão total, era feira, né? Que doido, que legal aqui, mas no meio de semana era diferente.”*

O contexto do bairro, logo no início já era marcado pela violência, isso era bastante reforçado pela mídia que devido à presença do tráfico de drogas e das gangues, que eram muito fortes no bairro nesse período. Segundo Douglas, *“(...) tinha guerra do São Cosme com o Palmital B e o B com o Palmital A era a galera das Antenas, tinha muito bandido, entendeu? Tinha muito bandido de renome se você ia andando na rua, assim, parecia... sei lá... os caras tinham destaque andando...”*. De certa forma, esses jovens passavam a ser referência para muitos outros, pois ostentavam uma posição de poder no bairro.

Nas lembranças de Douglas existiam poucos lugares para frequentar, principalmente para os jovens, um lugar de destaque era a igreja.

(...)me lembro que as pessoas que eram da igreja, era lotada velho entendia que todo mundo era crente entendeu e como eu era católico e gostaria de ir na igreja católica porque era uma paz, o padre ministrando a missa né...

A igreja católica Nossa Senhora da Penha era um ponto de reunião entre os jovens, na missa do período da noite. Sempre no final da missa os jovens ficavam um tempo conversando, brincando e colocando a conversa em dia. Uma espécie de reunião que não tinha somente a função de rezar, mas também encontrar os amigos, paquerar e poder sair à noite com autorização dos pais.

Outro lugar frequentado pelos jovens do bairro eram os campos de futebol. No Palmital existiam dois, um localizado próximo à Praça da Savassi e o outro no setor sete. Um impacto para o bairro foi a construção da quadra da escola Reny de Souza Lima, a primeira quadra do bairro. Um espaço de reunião dos jovens em torno da prática do futebol. Ali se formavam amizades e se passava a conhecer as pessoas do bairro e de fora, através de campeonatos; um lugar de construção de significados, das conversas e das brigas.

Foi o espaço que eu tive contato com as pessoas e as coisas que eles faziam e usavam, entendeu? A quadra foi o espaço onde eu tive contato com as pessoas de diversos lugares do bairro porque muita gente vinha (...) uns viraram bandidos, outros morreram, outros viraram crentes e aí os que estão firmes, fazendo alguma coisa da vida.

Esse contato com as pessoas foi um facilitador para interagir no bairro e, espaços como a igreja, a quadra e os campos aproximavam uma geração em torno das coisas do próprio bairro, ou seja, conhecer pessoas de diferentes partes do bairro facilitava a inserção em locais considerados perigosos.

O contato com a cultura *hip hop* foi um ponto importante para interagir com o bairro, com os amigos e os espaços; existia uma limitação geográfica de contato que era um grupo restrito no Palmital mas, com a cultura *hip hop* essa interação ampliou muito a socialização, “(...)Comecei a perceber e me ver dentro da cultura e ter contato com essa cultura e com as pessoas que me levaram para outros lugares fora da minha cidade, fora do meu bairro(...)”, uma forma de ampliação da socialização para além do Palmital, “(...)a sensação que podemos ir para qualquer lugar agora, ir também para São Paulo e para o Brasil inteiro e ir para o mundo que é um sonho”.

O primeiro contato com a cultura foi a partir da inserção de Douglas na igreja evangélica. Um evento promovido pelo Fernando Black A, de *hip hop*, na igreja quadrangular foi o momento em que ele se identificou com aquela arte, através do *DJ*, *rap*, da *dança* e do *graffite*.

A construção de uma identidade com o Palmital se deu, então, a partir das relações estabelecidas com as pessoas, a rua e os amigos. Com os espaços frequentados e, em particular, com a igreja, na interação em torno da cultura *hip hop*.

O fato de ter ido morar no Palmital ainda criança fortaleceu um vínculo afetivo com o lugar, a partir das referências construídas com os amigos, tanto na igreja, como no campo e na quadra da escola, um território estigmatizado, mas (re)significado pela interação estabelecida para além da representação de violência: “(...)quando alguém pergunta um nome de uma rua, eu penso, fecho os olhos e sabe onde é, não só saber, mas eu sei quem mora lá e um pouco de sua história, então esse é o meu lugar...”.

e) Coletivos

Na juventude de Douglas dois programas surgiam no Palmital: o “*Atleta do amanhã*” e o “*Fica Vivo!*”. Para Douglas, “(...)passamos a ter mais ocupação dentro do bairro seja com o *Atleta do amanhã*, o *Fica Vivo* e a escola, que já era uma coisa mais obrigatória, mas passou a ocupar mais a mente da gente assim...”. Apesar desses dois programas no bairro, Douglas não se adaptou a nenhum deles, argumentando que, primeiramente, o *Fica Vivo!*: “(...) não identificava bem com a pessoa que ensinava **rap** lá; não me identificava bem com a pessoa que ensinava **break** na época; assim, de certa forma foi um projeto que foi jogado aqui e falaram, põe alguém aí.”. Apesar de não participar, reconhece o impacto do Programa no bairro, principalmente para os jovens, “(...) Na verdade foi uma isca, todo mundo catou, foi um momento de mudança pro bairro e a juventude teve a possibilidade de escolher entre o ruim e o bom.”.

Nessa época Douglas viveu o dilema entre estudar, participar dos Programas ou trabalhar, tendo o trabalho o maior peso, por conta da necessidade de uma renda para ajudar em casa e se inserir na dimensão de consumo.

(...) então, tanto eu quanto outras pessoas tiveram que começar a trabalhar pra ajudar em casa e tal, e o *Atleta do Amanhã* e o *Fica Vivo* ficaram para depois. Eu sentia falta de algo que não fosse obrigação como o trabalho, além disso, na época eu parei de estudar e fui trabalhar.

Pela falta de tempo, era incompatível conciliar o trabalho e os Programas até porque o horário de funcionamento destes era durante o dia, e à noite competiria com a

escola. Por conta disso o Programas *Fica Vivo!* e o *Atleta do amanhã* não conseguiram aglutinar uma parcela dos jovens que tinham a necessidade imediata de trabalhar.

Com a entrada no coletivo da Igreja Quadrangular chamado de *Ensinadores de Justiça*, Douglas se viu dentro da igreja como membro e também participante de um grupo de rap gospel. Esse processo se caracterizou como um momento tenso, na medida em que

(...) Era uma coisa complicada pois permanecer na igreja pelas coisas que a gente vivia, era um convite de voltar naquele tempo que eu bebia vinho e participava das festas que tinha e que ainda rolava...eu gostava de vinho, então era uma tentação ver tudo aquilo e saber que vício não era permitido.

Já como no grupo *Justaposição*, essa interação com a doutrina da igreja estava mais absorvida no seu cotidiano, sendo uma etapa mais tranquila em relação à doutrina evangélica. Era um momento de preparação, na medida em que os participantes debatiam entre si sobre a bíblia, como um grupo de estudo. “(...)Comecei a dedicar mais, pesquisar, ler mais... eles gostava das coisas que estava escrevendo e que eles já faziam...”.

A influência da doutrina evangélica fica evidente nas letras das músicas e nas mensagens que buscam transmitir nos eventos, uma marca a partir da perspectiva de se apresentarem como exemplo ou referência para o outro, a partir de um modelo de conduta, “(...)A gente propaga o evangelho dessa forma, cantando as músicas, contando histórias na música, histórias de mudança e superação mesmo e normalmente situações que todo mundo passa...”. A partir dessa mensagem, focalizam os que não são cristãos, julgando que necessitam de intervenção, a partir de jovens oriundos de um cenário de violência.

Para Douglas, participar de um coletivo cultural a partir de uma denominação religiosa passa por alguns desafios, como ser e seguir a doutrina cristã e atender a um público evangélico e, ao mesmo tempo, estar inserido na cultura *hip hop*, com suas características. Para Douglas essa situação, cria contradições,

Pelo tradicionalismo da igreja e não se corromper, entendeu?... Aquele que se constitui amigo do mundo se constitui inimigo de Deus e pra igreja de certa forma a cultura é algo mundano. Eles não aceitam, mas ainda falta chegar neles a compreensão de que Deus é multicultural.

Essa diversidade, então pregada nas músicas rap gospel, se compatibiliza com a doutrina evangélica pentecostal: “(...)Assim os pastores continuam nas igrejas cuidando do rebanho e nós temos esse chamado de ir pra fora mesmo e de não ficar encafuado em igreja dizendo coisas pra inflar o seu ego...”.

A partir desse discurso, há um conflito com a cultura *hip hop* e a condição de ser cristão, na medida em que ocorre a sobreposição de um ou de outro.

(...) muitas vezes, de mente fechada, chegava em eventos culturais pregando pesado demais a palavra de Deus dizendo que aquilo tava errado que isso que você tá vivendo é passageiro, ia contra aquilo que eles acreditavam há muito tempo, aquilo que era promovido há tantos anos, então houve muitos conflitos.

Estar entre a doutrina da igreja e a cultura *hip hop* é colocado por Douglas como um ponto de conflito, pelo fato de se dividir em alguns momentos e não poder vivenciar cem por cento ambas as culturas. A experiência de estar entre um e outro ambiente, passa ser a estratégia para conciliar duas ideologias que ora convergem, ora divergem.

3.3.4 – Rodolfo Mano Pim

Rodolfo é dançarino de danças urbanas, integrante do grupo *Cia. Liberdade*. Tem 22 anos e se declarou como negro. É o filho mais velho entre quatro irmãos, sendo dois, por parte de mãe. Todos moram com a mãe, que trabalha como doméstica. Rodolfo cursou o Ensino Médio na Escola Estadual Reny de Sousa Lima, localizada no Palmital e é empregado no setor administrativo na empresa da família para a qual a mãe trabalha. Entrou como Office boy e hoje ocupa a função no setor administrativo. Além de dançarino desenvolve a atividade de DJ em eventos da cultura *hip hop* e *Black music*. O seu cotidiano é bem corrido, dividindo-se entre estudo, trabalho e dança, buscando conciliar estas três dimensões.

a) Família

Os pais de Rodolfo são originários da cidade de Matipó, no interior de Minas Gerais, próximo à cidade de Mariana, pertencente à região da Zona da Mata mineira. Com uma população de pouco mais de dezessete mil pessoas, a cidade não oferece recursos para a permanência na região. Os pais não chegaram a se casar oficialmente,

mas tiveram Rodolfo nesse período. Uma relação marcada por muitas brigas, estendendo-se o conflito com a sogra e gerando constantes desentendimentos. No ano de 1993, o pai de Rodolfo foi trabalhar na Itália, perdendo o contato com a mãe e com ele. Desde esse momento, somente tem raros contatos com o pai, através do telefone. Em 2007 o pai veio ao Brasil e foi a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente.



Figura 13 - Rodolfo Mano Pim

Em 1997 a mãe conheceu o padrasto, que já morava em Belo Horizonte e em função disso decide casar e vir para a capital com Rodolfo, “(...)minha mãe casou só por causa de mim, para eu não ter uma falta de pai em casa...”. A chegada da família para o Palmital se deu no mesmo ano de 1997. A família é composta pela mãe, Rodolfo de 22 anos, S. de 17 anos e A. de 15 anos, os dois últimos irmãos por parte de mãe. Por ser o filho mais velho, Rodolfo sempre auxiliou a mãe na criação dos irmãos, apesar da pouca idade, criando desde cedo uma responsabilidade que os colegas da mesma idade não tinham. “(...)Desde pequeno eu criei os dois, sempre ajudei ela a criar os dois, aprendi a ter responsabilidade antes da hora, para uma criança de oito, nove, dez anos, que quer brincar, mas eu não...”.

A mãe ocupa um espaço central na vida do Rodolfo, pois este acompanhou o sacrifício de cuidar de três crianças, especialmente Rodolfo, pelo abandono do pai biológico e a pouca relação com o padrasto. Não há relato de que passava fome ou de que faltavam as coisas dentro de casa, devido à presença do padrasto, mas a distância afetiva entre o pai biológico e o padrasto marcava uma relação pautada na ausência. Na ausência da mãe, pela necessidade de trabalhar após a separação do marido, Rodolfo assumia a responsabilidade da casa, “(...) eu com meus doze, treze anos, fazia comida

em casa como arroz, feijão,... às vezes o que eu não sabia, ela já deixava preparado e aí eu ia pegando um jeito e com o tempo eu fui me autodisciplinando...". Fatos como esses faziam com que a relação com os meninos da mesma idade fosse tensa, na medida em que as perspectivas dos outros eram bem diferentes das de Rodolfo, em relação a responsabilidades.

Esse processo de amadurecimento na adolescência gerava conflito com ele mesmo, pela carga pesada de responsabilidade, sendo privado de várias coisas em nome dessa responsabilidade. *"(...) Chegou um momento em minha vida que quase revoltei, eu só não revoltei porque eu sempre pensei duas vezes, sempre tive duas opções de fazer o errado ou fazer o correto..."*, nesse processo a intermediação da mãe foi importante na orientação e apoio, mesmo tendo um tempo reduzido para os filhos em decorrência do trabalho.

(...)quem tava ali todos os dias eram meus tios; minha mãe se dedicando bastante, sempre investindo e algumas vezes não dava pra investir e aí a gente dava um jeito de fazer algo pra suprir aquilo e aí que eu comecei a entrar de cara nos estudos pra fugir das outras coisas...da mágoa e da raiva..

O estudo foi uma forma encontrada por Rodolfo para afastar-se do contexto de dificuldades encontrado em casa, tais como cuidar dos irmãos, das tarefas domésticas e da ausência do pai biológico. Encarava os estudos como uma forma de superação dos problemas, apesar de muitas vezes não se interessar pelos conteúdos e não ver relação nenhuma com o que era passado pelos professores, *"(...) às vezes o professor passava algo que não tinha nada ver comigo mas eu preocupava em saber e questionar o porquê disso e o porquê daquilo, uma das coisas que aprendi foi a falar..."*. Mesmo que, em diversos momentos, acontecesse uma falta de sintonia e de um valor significativo na escola, ela era colocada como um espaço de possibilidades e de mudança de uma realidade.

b) Escola

Rodolfo estudou uma parte do Ensino Fundamental na Escola Estadual Raul Teixeira da Costa Sobrinho, localizada no conjunto Cristina, bairro vizinho ao Palmital. Percorria uma distância de 8 km todos os dias, para ir à escola. Após o Ensino Fundamental, ele foi transferido para uma escola do Palmital, terminando o Ensino Médio na Escola Estadual Reny de Sousa Lima. Na trajetória escolar não acumula nenhuma reprovação e nenhuma dificuldade para além do que é o desafio de estudar.

Um fato a se destacar é a identificação maior com a dinâmica do Ensino Médio do que com o Ensino Fundamental.

O seu comportamento na escola sempre foi exemplar, um aluno focado nos estudos e na busca por mais conhecimentos. Um fato marcado por Rodolfo foi quando a escola solicitou a presença da mãe por constatar uma dificuldade sua em relacionar-se com os colegas de sala e o impacto disso na aprendizagem da matéria. “(...) *Eu só pegava e não falava nada na sala de aula, não me comunicava e acabava que atrapalhava no final...*”. Isso ocasionou uma preocupação da mãe pelo perfil de introspecção. Nesse período a mãe procurou ajuda de um psicólogo para ajudar Rodolfo no quadro excessivo de timidez.

Para Rodolfo o Ensino Fundamental se caracterizava por uma imposição aos alunos, encontrando pouca liberdade na escola, de propor algo. Isso era diferente do Ensino Médio, quando ele encontrou um clima mais perto das suas ideias e perspectivas. Um fato, no Ensino Médio, que marcou sua trajetória, foi a relação com o professor de Filosofia:

(...) Você é diferente deles não é porque você quer, porque tudo que eu passo aqui você procura informar mais e muitos alunos que estão aqui, vai ver [que] daqui a alguns anos eles vão tá andando por ai e hoje aquele que não dá valor eles vão estar correndo atrás de você

Para Rodolfo o Ensino Médio representou uma nova fase em sua vida, no momento em que percebia nos conteúdos e na forma de tratamento da escola perante os alunos, um quadro de liberdade. Exemplo disso foi a relação que criou com o professor da disciplina de Filosofia, relação de incentivo da parte do professor. Mesmo com um comportamento calado, observador, passou a ser notado pelo professor pela sua postura diante da turma e pela forma diante do conhecimento da disciplina. A escola começa a despertar seu interesse.

O contato com a dança se deu no período em que estudava o Ensino Fundamental, na Sexta Série. Rodolfo tinha como objetivo melhorar a socialização, combater a timidez e construir amigos. A relação com a música ganhou uma intensidade maior no Ensino Médio. Se, por um lado, a relação com a música no Ensino Fundamental era para combater um jeito introvertido de ser, no Ensino Médio ela ganha um sentido mais amplo para vida de Rodolfo. A relação com programas sociais através dança modificou a relação com a escola:

(...)A dança fez uma grande mudança, principalmente na minha forma visual, de ser e a forma de agir e a postura como pessoa e como profissional e dançarino e como professor. A postura nos lugares como profissional isso me ajuda bastante tanto perder a vergonha que eu já tinha, perder a timidez, realmente a dança te faz pipocar... você solta aquilo tudo, aquele ódio, alegria, tudo na dança

O fato de usar óculos de grau fundo sempre despertou, em certos momentos na escola, brincadeiras em relação a isso e outras vezes pela cor da pele.

Estudei em três escolas, duas no Palmital e uma fora, sofri “bullying” na escola, as que eram fora do Palmital, um dos motivos era que usava óculos e também pela minha cor, através de brincadeiras... E isso incomodava muito. Lembro que um professor de educação física, que também era negro, conversava muito comigo sobre como encarar as dificuldades da vida. Ele contribuiu muito para que eu entendesse sobre eu mesmo. Confesso que gostava, mas quando estudava no Palmital e quando eu decidi que ia ser diferente, comecei a gostar de mim mesmo e as brincadeiras diminuíram.

A diferenciação entre as relações construídas dentro das escolas do Palmital e as de fora; a condição de morador do bairro fica mais evidente nas relações construídas fora, ocorrendo um movimento inverso nas escolas dentro do Palmital. Atualmente realiza diversos cursos de pequena duração para aperfeiçoamento no trabalho e estuda num cursinho preparatório para o ENEM, pois pretende prestar vestibular para Psicologia.

c) Trabalho

Rodolfo trabalha numa empresa do grupo Séculus, no setor administrativo, sendo que a sua entrada se deu como Office boy. A inserção se deu pelo fato de a mãe trabalhar muitos anos como empregada doméstica na casa da família dona da empresa. Por muitas vezes Rodolfo, quando pequeno, foi levado por sua mãe ao trabalho e os familiares o conheceram. Sempre buscou cursos na área de RH e administração, para aprofundar nos conhecimentos da área e na necessidade do emprego.

Outra atividade desenvolvida por Rodolfo é a profissão de DJ. O gosto pela profissão, ainda amadora, aconteceu no Programa *Fica Vivo!*, na oficina de DJ. Após um tempo na oficina se matriculou em um curso profissionalizante, tendo aulas com DJ's de destaque no cenário da música de Belo Horizonte. Apresenta-se em eventos e festas Black Power e *hip hop*, ainda em caráter amador, pois ainda não sobrevive dessa modalidade profissional. A falta de equipamento é o maior obstáculo enfrentado por Rodolfo, pois quando vai tocar em algum evento, necessita do empréstimo do equipamento o que tem um custo. Na dimensão de DJ é conhecido como DJ Mano Pim.

Em relação à dança ainda não é profissional, pois não atua com dança em troca de remuneração, apesar de a dança, o DJ disputam com o trabalho formal, sendo considerado um DJ em ascensão.

Rodolfo encara a sua inserção na empresa Séculus como uma oportunidade de crescimento. A ênfase dada à atividade desenvolvida no trabalho formal coloca as outras atividades, dança e DJ, em segundo plano, pois considera que sua promoção no trabalho formal para outro cargo é um sinal de que, através do estudo, ele pode alcançar uma posição melhor. Para isso busca conciliar seu tempo para cada atividade, apesar de perceber um movimento maior para o trabalho formal, pois cada uma tem um significado em sua vida.

(...)eu sei até onde que eu vou...conheço os meus limites a partir do momento que eu conheço o meu limite eu sei até onde eu posso ir e onde que não posso ir, costumo fazer tudo aqui que tá dentro do meu limite e quando eu tenho foco um objetivo primeiro termino ele pra eu começar outro...

Apesar de ocupar a posição de filho mais velho e de ter assumido, juntamente com a mãe, a educação dos irmãos mais novos, ele não se inseriu no mercado de trabalho antes do término do Ensino Médio. Em nenhum momento a condição econômica da família foi colocada como barreira e impedimento para os estudos e a necessidade de trabalhar para ajudar financeiramente em casa. O salário que recebe é um motivo de orgulho para Rodolfo, pelo fato de poder ajudar a mãe dentro de casa, não pela extrema necessidade, mas pela gratidão de poder contribuir e retornar o investimento recebido. O salário serve também para investimento na carreira profissional, através de cursos e também para financiar suas incursões no mundo da dança.

(...)Hoje, te falo que consigo aproveitar todo meu tempo e consigo fazer tudo aquilo que sempre quis e conquistar meus sonhos, na área profissional, na música e fazer os cursos que sempre eu quis fazer, muitas vezes minha mãe não tinha dinheiro e hoje eu pago e procuro investir nos meus irmãos. Hoje só de poder ajudar minha mãe já é grandioso demais, devolvendo tudo aquilo que ela me ensinou lá atrás e a base que ela me deu... saber aproveitar isso.

O trabalho ganha um significado para Rodolfo, para além do trato de sobrevivência financeira, não descartando esse viés, mas busca, na ocupação, uma ascensão para dar um retorno à mãe, como um reflexo do sacrifício feito por ela na infância e adolescência e, por outro lado, é uma maneira de investimento através da arte e da educação.

d) Bairro

As lembranças da infância e da adolescência são memórias que fortalecem um cotidiano a partir da sua juventude. O bairro com uma característica bem diferente na sua origem foi, com o tempo, modificando-se e ganhando significados diferentes, a partir das experiências individuais. Inicialmente a relação com o bairro se deu através de um distanciamento com o próprio bairro, indo estudar em uma escola fora, mesmo com a pouca idade e a distância. Mas isso foi julgado necessário uma vez que teria uma qualidade de ensino melhor: “(...)Eu estudava lá no Raul, lá em cima, e minha mãe acordava todo dia de manhã pra subir aquele morro e voltava com aquele sol de meio dia; era gostoso, chegava em casa e morava nos predinhos...”.

O fortalecimento das relações com o bairro se deu a partir da inserção nas oficinas do Programa *Fica Vivo!*, pois no entendimento de Rodolfo, “o bairro mudou muito depois do programa *Fica Vivo*; ajudou bastante, diminuiu a criminalidade e as outras coisas”. Também com a revitalização da Praça da Savassi e o surgimento de um cinturão de comércio que atende à grande massa da população local e a própria feira aos domingos, são lugares que impactaram a sua vida e das famílias do bairro. Para Rodolfo,

(...)o Palmital faz parte da minha história e da minha vida. Tudo que eu vivi foi aqui e tudo que aprendi faz parte de mim... É gostoso morar aqui, a gente tá acostumado a morar aqui se for pra eu sair daqui, vou sentir muita falta. Você vê as mesmas pessoas, as mesmas casas e você não conversa com essas pessoas, mas você vê elas todos os dias e quando você tá dentro do ônibus conhece ela de vista, troca uma ideia.

A relação construída a partir das interações cotidianas entre as pessoas, e o simples fato de conhecer as pessoas do bairro e ser conhecido por elas leva uma identificação com o lugar. Para Rodolfo essa relação acontece de maneira intensa, mas atendendo a uma lógica de que conhecer as pessoas não significa ter laços de amizade.

O cotidiano no bairro era muito restrito, pois com a saída da mãe para o trabalho, os lugares frequentados pelo Rodolfo eram bem reduzidos, resumia-se à casa de parentes e, para socializar, o campo de futebol e a quadra. Era uma liberdade vigiada, pois mesmo o bairro não vivendo mais a onda de violência, havia uma estratégia de vigilância sobre os filhos.

(...)frequentava aí, no campinho e depois ficava correndo atrás de papagaio e andando de bicicleta e fica dentro do próprio prédio mesmo, o mais longe que saía, quando eu tinha oito a nove anos, era para a escola... depois eu comecei a estudar no Lafaiete e depois fui para o Reny e me formei...

Rodolfo se posiciona em paralelo ao quadro de violência do bairro, não relatando nenhuma situação de violência próxima à família ou situações vivenciadas por ele. Rompe com uma lógica de que todos os jovens negros, por morarem no Palmital, terão, na sua trajetória, uma lógica a partir do campo da violência.

Pra mim é gratificante...muitas pessoas falam mal daqui, apesar de que aqui já foi muito perigoso, mas hoje tá tão tranquilo que você pode ficar na praça tranquilo. Por alguns anos não poderia ficar porque tinha toque de recolher e não podia ficar até oito horas da noite na pracinha acontecia de um matar o outro ali...

Os significados se darão a partir das experiências no próprio bairro e suas inserções. Para Rodolfo transitar pelo bairro vai para além de um cenário perigoso como é retratado por quem não mora no Palmital; é a concepção de quem conhece onde e por onde transitar com segurança. Ao retratar o bairro usa sempre a expressão “o que era e o que é hoje”, fazendo uma referencia às transformações do bairro, seja através dos programas sociais e mudanças que a infraestrutura traz para o cotidiano: uma realidade diferente, apesar de a violência e a desigualdade ainda permearem a vida do bairro.

(...) Eu faço parte do Palmital, que faz parte da minha historia, porque eu cresci aqui passei minha infância aqui isso a cada dia é uma escola, isso é o que faz parte... É uma construção de uma relação com o bairro... Cada dia se constrói um pedaço leva um pouco do seu bairro pra fora daqui ao mesmo tempo traz algo que possa acrescentar ao bairro...

Revela assim uma construção de identidade a partir das percepções e conexões estabelecidas com o bairro, buscando uma análise para além da pobreza e da violência.

e) Coletivos

A trajetória de coletivos no Palmital passa primeiramente por um coletivo chamado “*Pescadores de Almas*”, que consistia na união de jovens do bairro, de denominação evangélica, em torno de um grupo de dança, que permaneceu por sete anos. O papel da igreja evangélica no bairro, em torno da juventude, caracterizou um espaço de socialização dos jovens. Após esse coletivo, Rodolfo ingressou no Programa *Fica Vivo!*, nas oficinas de dança, grafite e Dj, permanecendo lá por três anos. Paralelamente à oficina de dança, participava de uma *crew* chamada *The Family Crew*, que depois mudou de nome, para *Mafiosos*. Essa *crew* oriunda de jovens da oficina de

dança do Programa *Fica Vivo!* se constituiu como uma forma de apresentar os trabalhos para a comunidade.

O programa *Fica Vivo!* fez uma grande diferença pra mim, principalmente a dança, que me fez gostar mais de outras coisas que estavam envolvidas, daí que dessa forma de uma visão ampla de crescimento de querer aprender as coisas tendo algo em troca, isso fez eu crescer e isso influenciou eu querer fazer parte da companhia...

Para Rodolfo o programa modificou a visão da população diante da juventude do bairro, mostrando, através da arte, uma outra representação, que rompia com a perspectiva de uma juventude ociosa. Era uma perspectiva contraditória, pois na região apresentava uma ausência de projetos e instituições direcionadas aos jovens, perfazendo um período de carência. A relação do bairro com os jovens modificou-se, na medida em que existia um espaço para sua expressão, conforme Rodolfo.

(...)com isso percebo que as pessoas daqui começaram a respeitar mais o jovem e o programa, que estava agregando e ajudando o bairro. Fez uma grande diferença; o programa, em noventa por cento, só com os jovens que ajudam eles, fazem diferença e outros é as pessoas que acreditaram nesse projeto...quem acredita vê uma mudança...

Foi a partir da oficina de danças urbanas ministrada pelo Fernando Black A no *Fica Vivo*, que se intensificou a relação com a dança. “(...) *Ele falou que já estava observando através da aula dele e percebeu que eu estava desenvolvendo em diversas áreas tanto que tinha um cargo no Fica Vivo, chamado de multiplicador...*”, que consistia em auxiliar osicineiros quando da necessidade de faltar, assumindo o seu lugar. A partir dessa dedicação, as oficinas e o desenvolvimento com a dança fizeram com que Fernando Black A o convidasse a participar da Cia. Liberdade.

A experiência de participar da Cia. Liberdade, que completa dez anos, desde 2004, foi um momento especial, pelo fato de ter começado como aluno e ter uma admiração pelosicineiro; e agora de fazer parte de um grupo, junto com os professores. O Programa *Fica Vivo!* Teve, como metodologia inicial, agrupar jovens com perfis de liderança na localidade e, a partir dessas lideranças, chamar os jovens para as oficinas. Esse método provocou um impacto no bairro, na medida em que, a partir dessas lideranças, a penetração do Programa no bairro se expandiu. A relação afetiva com osicineiros fazia parte do sucesso das oficinas e muitas vezes a relação dos jovens era com osicineiros e não com o Programa. A *Cia. Liberdade*, de certa forma, era uma extensão do Programa, na medida em que os componentes, na sua

maioria, faziam ou haviam feito parte das oficinas. Dessa maneira, o ano de fundação da Companhia coincidiu com o período da chegada do Programa para o Palmital.

Para Rodolfo ter participado do Programa *Fica Vivo!* e, posteriormente ter entrado na *Cia. Liberdade* é uma condição que provoca muito orgulho. A *Cia. Liberdade*, institucionalmente, representa a denominação evangélica, a igreja Quadrangular, sendo um grupo de danças urbanas com eixo cristão. Sua formação original tinha o objetivo de intervenção social através de ações de ressocialização com ex-detentos que viviam no Palmital.

Outro processo importante na identidade da *Cia. Liberdade* é a questão de se tratar de um grupo de dança a partir da cultura *hip hop*. Danças urbanas, como um fenômeno nascido das grandes cidades e tendo a cultura negra como eixo de criatividade. Para Rodolfo essa experiência na *Cia. Liberdade*, despertou a sua expressão a identidade negra.

É bom demais...eu me assumir verdadeiramente; teve uma época que me afirmei tanto assim que eu deixei meu cabelo Black Power crescer e andava pra lá e pra cá... não me preocupava com o que as pessoas achavam de mim...acreditar quem eu sou de verdade e o que eu posso fazer e mostrar e provar para as pessoas onde eu cheguei... um negro trabalhar numa empresa grande igual eu trabalho hoje, pra muitas pessoas, principalmente na minha idade; pra muitas pessoas quaisquer... você chega lá... conquistar pra chegar lá... eu tenho orgulho de ser negro eu tenho orgulho de ser quem eu sou de verdade... eu sou negão mesmo e falo mesmo para as outras pessoas, que eu sou negão e tenho orgulho dessa pele... mesmos direitos...

A discussão desse tema teve como palco o Programa *Fica Vivo*. Rodolfo relata:

Não muito...até hoje não [se discute a questão racial]...só no programa mesmo, o *Fica Vivo*...sobre a negritude, raça, racismo, tudo isso que discutimos até agora era falado lá, era tudo comentado lá, a gente tinha debater e o Fernando batia na tecla que temos que assumir a nossa negritude, não adianta ser algo que a gente não é...já na escola tudo era normal eu nunca me senti inferior, mesmo sendo calado...a escola falava sim mas era o básico e nem tudo era falado e eu fui aprofundar mesmo a partir do momento que corri atrás de saber, por minha conta... na verdade foi no *Fica Vivo* que eu despertei, através das discussões porque na escola era como um tabu...

A temática sobre pertencimento racial se dava nesses espaços do programa, ficando a escola excluída na medida em que não havia nenhuma abordagem sobre o tema. Outro fator importante é que a oficina tinha como temática a cultura urbana e por consequência a cultura negra. A partir dessas discussões Rodolfo começou a se perceber negro e se expressar, a partir dessa identificação.

3.4 - Elementos das trajetórias dos sujeitos

No que tange às experiências em torno da dimensão familiar, os jovens pesquisados apresentam pontos de semelhança na organização e em suas dinâmicas familiares. As famílias apresentaram uma característica geográfica diversificada. Algumas eram oriundas do interior de Minas Gerais como as famílias de Rodolfo e Joel Popper. Outras vinham de fora do estado, como a família de Fernanda, sendo à única exceção a família de Douglas em que todos eram de Belo Horizonte. A possibilidade de ter acesso à moradia foi o fator comum que mobilizou as famílias para a região.

A organização familiar era marcada pela ausência da figura paterna, configurando-se, em vários casos, como famílias monoparentais. Os jovens apresentavam uma relação com os pais biológicos pautada no distanciamento, em decorrência dos problemas domésticos, em alguns casos com ocorrência de violência. O vício em álcool é apontado, em duas narrativas, como motivo do rompimento com a figura paterna. Em alguns casos havia a presença do padrasto, cuja relação era pautada no distanciamento, na diferenciação de tratamento entre os filhos oriundos de relações diferentes. Em geral as narrativas nos apontam para uma relação problemática entre os jovens e a figura paterna.

A mãe ganha uma centralidade na organização da família. Nessa configuração familiar surge o papel do filho mais velho, com a incumbência de auxiliar a mãe nos momentos de ausência, com os afazeres domésticos na idade da adolescência. Na juventude o auxílio se ampliava para uma inserção no mercado de trabalho. Conforme as narrativas, percebe-se que o lugar que cada jovem ocupava dentro da família influenciou em sua trajetória, ou seja, ser o mais velho ou mais novo apresentava diferentes incursões no mundo do lazer, trabalho e na própria trajetória escolar, conforme as necessidades de cada família.

As trajetórias escolares dos jovens eram apresentadas dentro de uma regularidade. Os únicos que apresentaram um histórico de retenção foram Joel Popper e Douglas Dod, sendo que o último apresentou um episódio de abandono no Ensino Médio para se inserir no trabalho. Alguns jovens estudaram no bairro, outros fora. Os motivos que os levaram a migrar para fora do bairro foram, basicamente os mesmos: a busca de um ensino mais exigente, ou pelo fato de as escolas apresentarem uma boa infraestrutura física e equipamentos pedagógicos. Do ponto de vista das famílias foi a

oportunidade de distanciar os filhos do contexto de violência do bairro, principalmente da presença do tráfico de drogas, que, em muitas situações, atingia até mesmo as escolas.

As relações construídas nas escolas fora do Palmital foram marcadas por um contexto de discriminação, pelo fato de morarem no Palmital. Os jovens relataram, nesses espaços, a atitude de ‘zoações’ e ‘brincadeiras’, por parte dos colegas de turma, por serem negros e moradores de uma área com alto índice de homicídios. Apesar do bom desempenho escolar, os jovens relataram que os conteúdos formais não se conectavam com as experiências do cotidiano no bairro, criando dificuldades de comunicação entre a escola e os jovens.

Mesmo com todas as contradições, as escolas do Palmital eram vistas pelos jovens como espaços de fortalecimento dos laços com o bairro e uma fonte de ampliação de suas redes de amizade, onde encontravam amigos e ficavam sabendo “*das coisas que aconteciam na quebrada*”.

Outro aspecto ressaltado pelos entrevistados dizia respeito à inserção dos jovens nos programas sociais instalados no bairro, desenvolvendo a dimensão da arte, do grafite, da música e da dança. Eles reafirmam os aspectos positivos dessa inserção. Em relação à escola eles relatam que a interação com os colegas e com os professores melhorou a partir do momento em que podiam levar para dentro do espaço escolar suas experiências construídas fora dali. Outros aspectos importantes: nas oficinas os jovens pesquisados adquiriram uma postura de liderança, tanto dentro, como fora do programa. Passaram a participar regularmente de campeonatos e torneios de danças urbanas, na esfera nacional e internacional, proporcionando conhecimentos e experiências de lugares e pessoas diferentes. No bairro, ampliaram a rede de amigos, a partir das relações estabelecidas nas oficinas e, posteriormente, nos coletivos culturais.

A inserção dos jovens no mundo do trabalho tem um impacto importante em suas experiências de vida e adquirem diferentes significados para eles. A entrada no mundo trabalho estava ligada, diretamente, à organização da família, ao lugar ocupado por cada jovem nessa organização e ao grau de necessidade econômica familiar. Para Douglas o motivo que o levou precocemente ao mundo do trabalho foi a necessidade de ajudar a mãe após o seu abandono pelo padrasto. No momento de decisão entre escola e trabalho, este último ganhou maior peso na escolha. Para Joel Popper o trabalho nunca foi uma questão de conflito, significando uma forma de investir na carreira de

dançarino, não tendo a obrigatoriedade de contribuir para dentro de casa. O trabalho para Rodolfo ganhava o significado de um retorno econômico para a família, principalmente para a mãe, para os estudos e para consumo próprio. Para Fernanda o trabalho foi um espaço de desafios que são enfrentados no cotidiano da empresa. As relações construídas ganharam contornos para o fortalecimento da sua identidade como mulher, como negra e do Palmital, ao ocupar um cargo de destaque, como representante da clínica de saúde.

Cada jovem apresentou uma trajetória e significados diferentes em relação ao trabalho, mas o que se fazia notar na comparação das narrativas era o impacto do pertencimento racial, a cor da pele, a representação como negra e o lugar de moradia, ou seja, o lidar com uma representação estigmatizada do Palmital no ambiente de trabalho.

A relação dos jovens com o Palmital foi relatada como um campo diverso de significados, tendo em comum o fato de ser um lugar que potencializava a construção de identidade(s). Ser jovem e do Palmital, conforme as narrativas, passa pelas experiências, compartilhadas por redes de amigos, construídas nos espaços de socialização. Para Fernanda, o espaço da igreja e a Praça da Savassi foram apontados como centrais nas suas relações juvenis no bairro. Para Joel Popper a interação com o Palmital se ampliou a partir das oficinas de danças urbanas do Programa *Fica Vivo!* Esse espaço proporcionou a construção de novas amizades e também a possibilidade de participar de programas sociais fora do Palmital. Para Douglas e Rodolfo, a experiência juvenil no Palmital passou pelos lugares de socialização disponíveis no bairro. Se para Rodolfo os programas sociais e a igreja influenciaram sua juventude, ampliando a rede de amigos e aproximando-o do próprio bairro, para Douglas essa inserção não passou pelos projetos sociais e nem pela religião, mas pela cultura *hip hop* que, através do *rap*, ampliou essa relação.

Todos os jovens da pesquisa seguiam a doutrina evangélica Pentecostal e eram membros da Igreja Quadrangular, localizada no Palmital B, próximo à Praça da Savassi. Assim, a relação com a dança urbana e o rap era enquadrada, dentro do possível, a um discurso alinhado com a prática religiosa. O peso da religião na vida dos jovens, por outro lado, se apresentava em um campo da diversidade, ou seja, a perspectiva diante da religião dependia da maneira como essa dimensão se conectava com os fatores constitutivos do cotidiano desses jovens, como por exemplo, a relação com a família, com o trabalho e, principalmente, com a cultura *hip hop*. Um ponto de tensão que foi

apresentado era a relação estabelecida entre a cultura *hip hop* e a igreja. Os jovens da pesquisa viviam um dilema entre estar na igreja por escolha, por fazer parte da sua trajetória de vida e também para se aprofundarem na cultura urbana como expressão de uma identidade que refletia as realidades de vida dos jovens, uma permanência entre fronteiras.

3.5 - Quadro síntese dos sujeitos 3

	Família	Escola	Trabalho	Bairro	Coletivo
Fernanda	Fernanda tem origem familiar em Brasília, Tocantins e Rio de Janeiro. É a filha do meio, de uma família composta pela mãe e seis filhos. As situações de dificuldade financeira fizeram com que Fernanda, e a família, experimentassem a fome, em alguns momentos da infância. Tem no irmão mais velho uma importante referência positiva.	Fernanda estudou os anos iniciais em uma escola municipal no Palmital, os anos finais do fundamental em uma escola de Belo Horizonte e concluiu o ensino médio em uma escola estadual do Palmital. A família considerava o ensino fora do bairro de melhor qualidade, mas Fernanda fala da experiência como tendo sido marcada por discriminações, em razão do cabelo, da cor da pele e por ser do Palmital. Ao voltar para a escola do Palmital relata que despertou para a música, ampliou os círculos de amizade e aprofundou a relação com o bairro.	Apesar das dificuldades financeiras enfrentadas pela família, Fernanda se inseriu no mercado de trabalho após o término do ensino médio. Hoje ocupa um cargo de representante de uma clínica médica. O trabalho não ocupou na vida de Fernanda uma condição de obrigatoriedade em auxiliar sua mãe. Atualmente casada, sem filhos, Fernanda e o marido têm uma condição tranquila, financeiramente, proporcionando um investimento na carreira e na ampliação dos estudos.	Ao longo dos anos, Fernanda procura construir uma relação com o bairro para além do quadro de violência, fortalecendo sua experiência no Palmital a partir da construção de amizades. Os espaços que atravessam sua trajetória são: Igreja, quadra da Praça da Savassi e a escola estadual na qual estudou o ensino médio.	A primeira experiência de Fernanda em coletivos culturais se deu no grupo Levítico, um coletivo cultural gospel do bairro Palmital. Entretanto, é importante destacar que a sua participação em coletivos é sempre atravessada por tensões das relações de gênero: desempenho de tarefas domésticas, casamento, papel de esposa, bem como a própria condição de mulher na cultura hip-hop. O fato de não haver participado de projetos ou programas sociais no Palmital é outro aspecto marcante na trajetória de Fernanda.
Joel Popper	A família de Joel é composta pela mãe, quatro filhos e uma sobrinha. O pai, viciado em álcool, sempre esteve ausente, em decorrência do vício, gastando o salário em bebida e deixando a família passar dificuldades financeiras. Com essa ausência o comando da família passa a ser de responsabilidade da mãe e do irmão mais velho de Joel, que passam a ser as referências morais para ele.	Joel estudou em uma escola estadual na cidade de Vespasiano. Apesar da condição precária para frequentar a escola, foi reprovado apenas uma vez. Apesar do aparente “sucesso escolar”, sua experiência foi atravessada por diversos episódios de preconceito, seja em razão de pertencimento racial, quanto por ser morador de uma vila. O contato com os programas sociais modificou sua relação com a escola, favorecendo a aproximação da arte, o aumento do círculo de amizades e melhorando a relação com a escola.	A condição de filho mais novo, bem como o apoio da família, determinou a inserção tardia de Joel no mundo do trabalho. No momento da pesquisa, Joel trabalhava como oficineiro de programas sociais no Palmital. Para ele, seu trabalho representa a possibilidade de ajudar a mãe e, ao mesmo tempo, investir na dança.	Por meio do Programa <i>Fica Vivo!</i> e de uma rede de amigos construída nos momentos de encontro e de socialização proporcionados pelas oficinas dos programas sociais e Cia Liberdade, Joel ampliou sua relação com o bairro. Além disto, a intervenção da família o ajudou a modificar sua relação com o contexto de violência do bairro. A Praça da Savassi é mencionada como um importante espaço de socialização no bairro.	Ao longo de sua trajetória, Joel tem participado ativamente de oficinas de danças urbanas do Programa <i>Fica Vivo!</i> , no Programa <i>Valores de Minas</i> e do <i>The Family Crew</i> . A participação nestes coletivos tem se constituído como momentos de ampliação da rede de amizades e de fortalecimento do sentimento de pertencimento ao bairro. A questão entre cultura <i>hip-hop</i> e igreja evangélica não foi uma questão para Joel Popper.

Douglas Dod	A família de Douglas é composta pela mãe, três irmãos e o padrasto. Em razão do envolvimento da mãe com a bebida alcoólica, e da relação conturbada e distante com o padrasto, a relação de Douglas em casa oscilou entre brigas e tensões. Mesmo assim a mãe desempenhou papel importante na organização da família após o abandono do padrasto, que era o principal responsável pela maior parte da renda da família.	Douglas estudou, até a 7ª série, em uma escola estadual Belo Horizonte. Estudou o restante, até o ensino médio, em uma escola estadual no Palmital. O processo de mudança de escolas não foi simples, já que considerou fraco o ensino na escola do Palmital, embora tal mudança tenha contribuído para sua adaptação ao bairro e para aprender a lidar com a violência. A estratégia que utilizou na escola para reagir ao preconceito foi tornar-se o melhor no futebol. Abandonou a escola no segundo ano do ensino médio para trabalhar e, em seguida, percebeu a necessidade de retornar à escola por causa do trabalho.	Pelo fato de ser o filho mais velho, Douglas precisou trabalhar, desde novo, para auxiliar a mãe. Trabalhou como auxiliar de pedreiro e de lava-jato, além de atendente de loja, sendo que seu salário era utilizado para ajudar nas contas de casa e para seu próprio consumo. Atualmente trabalha como supervisor de cozinha, mas vê esta função como algo momentâneo, já que seu objetivo é a música. A tensão entre o emprego formal e seu sonho (a música) reside justamente na instabilidade de um, <i>versus</i> a do mercado da música (hip-hop).	Por meio de uma rede de amigos do bairro é que Douglas fortaleceu sua relação com o bairro e se inseriu na cultura Hip-Hop. Os espaços que contribuíram para a sua socialização no bairro foram: a Igreja do Evangelho Quadrangular, o campo de futebol e a quadra da escola estadual em que estudou. Por meio desta inserção no bairro, encontrou formas de lidar com o quadro de violência.	Devido ao fato de estudar e trabalhar durante o dia inteiro, Douglas não se integrou aos programas sociais do bairro. Incentivado por alguns amigos, iniciou sua participação cultural em coletivos vinculados às igrejas evangélicas. Durante todo esse período, experimentou os dilemas relativos à participação na cultura <i>Hip-Hop</i> , <i>versus</i> a filiação religiosa.
Rodolfo Mano Pim	A família de Rodolfo é composta pela mãe, três irmãos e o padrasto. A ausência do pai biológico e sua relação distante com padrasto reforçaram ainda mais a figura da mãe como reorganizadora da família. Rodolfo viveu a infância e a adolescência sendo vigiado pela família, em razão da violência do bairro.	Rodolfo estudou o ensino fundamental em uma escola estadual em Santa Luzia, mas fora do Palmital. Os anos finais e o início do ensino médio foram cursados em uma escola estadual no Palmital. Se na escola fora do Palmital, vivenciou uma relação escolar conflituosa, em razão de seu pertencimento racial e por morar no Palmital, no Ensino Médio começou a frequentar a oficina de danças urbanas do Programa <i>Fica Vivo!</i>	Rodolfo não trabalhou durante a trajetória escolar, dedicando-se somente aos estudos. A prática da dança e de Dj iniciou de modo não remunerado, a partir das oficinas culturais no bairro. Rodolfo também vive a tensão entre o emprego formal, que poderia significar um auxílio financeiro para a mãe, e seu sonho de se transformar em um profissional das danças urbanas.	O fato de Rodolfo ter estudado parte de sua infância fora do Palmital, mesmo guardando referências importantes com o campo de futebol e a quadra da escola estadual, implicou em certo distanciamento do bairro. A participação nas oficinas oferecidas pelo Programa <i>Fica Vivo!</i> , possibilitaram uma ampliação de sua rede de amizades no bairro e a participação no grupo Cia Liberdade possibilitou a ampliação de sua relação com o bairro para além do próprio bairro.	Rodolfo iniciou sua participação em coletivos culturais no coletivo da igreja evangélica, no Programa <i>Fica Vivo!</i> e nas oficinas de danças urbanas, o que influenciou positivamente sua inserção no bairro e seu pertencimento racial. Através dos coletivos também ampliou sua rede de amizades.

CAPÍTULO 4

TRAJETÓRIAS IDENTITÁRIAS DE JOVENS NEGROS DO CONJUNTO HABITACIONAL PALMITAL/MG

Neste capítulo serão abordadas as trajetórias dos jovens pesquisados do Palmital, trazendo a seguinte organização:

A primeira parte trata dos jovens pesquisados, como sujeitos sociais, a partir das suas inserções nos coletivos culturais do Palmital. Após essa discussão, a segunda parte busca compreender como a identidade vai se construindo em diálogo com os espaços elencados pelos jovens, tais como: família, escola, trabalho, bairro e os coletivos culturais. No terceiro momento procura-se discutir os impactos e inserções dos jovens pesquisados no bairro, a partir de um debate sobre espaço e território. Na quarta discussão propomos um debate sobre identidade negra e de que maneira essa expressão identitária se constitui nos espaços de socialização e por fim, a relação construída entre os jovens da pesquisa a partir da sua inserção nos coletivos evangélicos.

4.1 – Os jovens do Palmital como sujeitos sociais

Lançar um olhar crítico sobre as trajetórias de vida dos jovens pesquisados, a partir das suas inserções nos coletivos culturais exige, primeiramente, reconhecer esse grupo como sujeitos sociais, com relações estabelecidas ativamente com o bairro e as experiências cotidianas impostas pela sua realidade como morador de periferia. A capacidade de transformar a sua vida dentro do Palmital e se posicionar diante das escolhas que permeiam a sua experiência envolve também um processo de reconhecimento da sua posição dentro do próprio pertencimento racial. Para Charlot (2000), o sujeito é detentor de historicidade, ou seja, o seu sentido como ser humano se dá na construção com outros seres humanos. Essa relação *entre* e *com* o outro se constrói em um determinado lugar social, isto é, nas dinâmicas de relações sociais. Os jovens do Palmital, nesse processo de interação, não são passivos. Eles trocam

experiências e agem no e sobre o lugar de vivência. Nesse contexto, eles se produzem e são produzidos no conjunto das relações sociais que conformam suas experiências.

Em função disso, a história de vida dos jovens pesquisados traz elementos importantes, para além das relações travadas nos próprios coletivos culturais. As relações cotidianas e as experiências acumuladas através das redes de socialização, tais como a família, a escola, o trabalho, o bairro e o próprio coletivo, nos revelam um quadro intenso de significados em relação ao lugar social ocupado. Nesse debate Charlot (2000) discute o lugar social do sujeito e suas dinâmicas, o sujeito ativo nas suas relações com o outro, não como um depositário, mas como aquele que interage com o conhecimento e se instrumentaliza para se colocar diante dos arranjos estruturais que definem oportunidade e condicionam escolhas. As estratégias utilizadas ou o modo de lidar com os problemas do Palmital é resultado direto de suas experiências, saberes e conhecimentos, acumulados nos espaços e estruturas de socialização estabelecidas no bairro.

Para Charlot (2000) todo ser humano é considerado um sujeito, como aquele que aprende *no* e *com* o mundo do qual faz parte. Segundo esse autor, é uma condição antropológica de sujeito, igual a todos como espécie, mas diferente a partir da noção de um ser singular, não como um dado pronto, mas como um processo em construção. A relação não se dá de maneira direta e automática com a natureza, mas sim intermediada pelos símbolos e os seus significados, construídos a partir do lugar social que ocupa. Assim, Charlot (2000) afirma a condição humana como processo constante de interação entre um “eu” e “outro”, a partir das trocas como fator de desenvolvimento de cada ser humano. O fato de morar no Palmital e vivenciar um contexto de violência não determinará uma inserção na vida do crime. Os jovens negros do Palmital, em suas interações, não partem de uma postura passiva e determinista diante dos problemas da localidade, mas compreendem o meio social para além da dimensão concreta, isto é, identificam os significados que eles próprios, os jovens, dão a essa realidade e os impactos nas suas relações sociais.

Para Douglas o fato de ter convivido com esse quadro de violência no bairro, nas relações com pessoas e amigos que faziam uso e comercializavam drogas, gerou muitas oportunidades para experimentar, sempre recusadas por conta dos exemplos observados dos próprios amigos usuários e traficantes. O fato de presenciar, de maneira próxima, os problemas acarretados às pessoas envolvidas no tráfico e uso de drogas gerou em

Douglas uma percepção crítica sobre esse fato, somado à sua inserção na igreja evangélica. De forma semelhante, para Joel Popper o quadro, o fato de ter amigos, conhecidos e vizinhos envolvidos no tráfico de drogas, o levou a presenciar de maneira próxima essa realidade, testemunhando os problemas que aconteciam com as pessoas envolvidas na criminalidade. Em uma de suas falas Joel chegou a afirmar que não via as pessoas que trabalhavam honestamente, que acordavam cedo para o emprego, serem presas ou morrerem assassinadas. Essa narrativa nos mostra como alguns jovens se posicionam de forma ambígua, ou seja, reproduzem um posicionamento da sociedade através de um viés de senso comum, em relação aos jovens que se envolvem em situações de criminalidade. Os exemplos negativos são colocados por Joel Popper como o motivo central para o não envolvimento com a criminalidade.

Os jovens pesquisados do Palmital são resultado direto das relações travadas com o meio social ao qual pertencem, conforme os recursos disponibilizados para essa interação social. Os jovens nos mostram que as interações realizadas trazem dinâmicas e posicionamentos ativos em relação ao outro, ou seja, Douglas e Joel Popper, por exemplo, imersos em relações com forte presença do tráfico de drogas, se posicionam de maneira ativa diante dessa realidade. Não se condicionam como simples depositários, o que equivale a romper com a lógica linear e determinista segundo a qual as relações humanas são enquadradas conforme os estigmas estabelecidos a determinados grupos sociais.

Aspectos comuns e singulares nas trajetórias desses jovens revelam diversos elementos que constituem a formação de suas identidades juvenis, rompendo um modelo homogêneo de representação, desenhado a partir de um quadro de violência. O modelo de juventude pobre, pautada em ações violentas em decorrência da presença do tráfico de drogas, é a leitura imposta pela sociedade em relação a esse grupo. O jovens pesquisados vêm romper com esse modelo estigmatizado, marcando seu lugar social como pobres, negros e moradores de um conjunto habitacional, que ressignificam as estruturas tradicionais a partir da própria ótica de ser jovem, e apresentam trajetórias tecidas a partir dos recursos oferecidos aos jovens de origem popular.

4.2 – Os jovens do Palmital e os espaços de socialização no bairro

As narrativas dos jovens pesquisados nos apontam para uma reflexão sobre a condição juvenil a partir dos diversos espaços vivenciados no Palmital, o que nos leva a pensar os diferentes modos de ser jovem, expressão de uma sociedade em pleno processo de transformação. Nas sociedades contemporâneas os sujeitos estão expostos a universos sociais diferenciados, a laços fragmentados, a espaços de socialização múltiplos, heterogêneos e concorrentes, gerando diferentes processos de socialização.

Esses aspectos são discutidos por Melucci (2004), em seus estudos sobre as mudanças na sociedade a partir de relações complexas e os seus impactos na construção dos sujeitos e suas identidades. O princípio é de que uma sociedade é concebida através da ação humana, ou seja, de uma construção de signos que gera impactos na produção das relações sociais. O modo pelo qual experimentamos a realidade e a nós mesmos modifica-se em suas dimensões cognitivas e emocionais: as representações do espaço e do tempo, as relações entre vínculos naturais e sua elaboração simbólica. Essa realidade proporciona uma abertura a um campo de possibilidades para o sujeito controlarem as condições de sua formação e a própria orientação de suas ações. Esse processo não se dá somente pela esfera do domínio dessas ações, sendo uma capacidade reflexiva do sujeito, entendida como aquela dimensão capaz de produzir informação, de se comunicar e de se socializar.

Também Dubet (1998), afirma que o sujeito está imerso em uma pluralidade de experiências que têm como consequência um processo de distanciamento e deslocamento em relação aos papéis ou os valores estabelecidos. É um processo definido por Dubet (1998), como “desinstitucionalização”, que muda, fundamentalmente, o modo de produção dos indivíduos nas sociedades contemporâneas, isto é, as instituições assim eleitas como meios de socialização, defendidas por uma sociologia tradicional, não têm a mesma centralidade nos processos de socialização, nas sociedades contemporâneas. Essas instituições, portanto, passam por um processo de (re)significação por parte dos indivíduos, gerando muitas vezes tensões e conflitos. O mundo escolar, o trabalho, a família e a igreja ganham, para os jovens, uma dimensão simbólica a partir dessas mudanças. Isso não significa que essas instituições perderam sua importância no processo de socialização, mas o jovem não se vê mais enquadrado

num molde rígido e fixo, a partir de suas relações com suas instituições. Por exemplo, a escola, nessa perspectiva, continua sendo um espaço de aprendizagem e experiência, na percepção dos jovens, porém eles próprios sinalizam que os métodos e representações adotadas frente a eles necessitam urgentemente de ser repensadas.

A configuração familiar, na contemporaneidade, tem passado por transformações, se organizado e reorganizado de novas maneiras, não se limitando ao modelo de família nuclear. Para Bedran, Carellos e Moreira (2011), na década de 1990, com o teste de DNA, houve uma mudança nas relações familiares, pelo fato de termos a identificação do pai, isentando, da mulher, a responsabilidade exclusiva na identificação dos filhos. Por outro lado, hoje encontramos um número significativo de famílias monoparentais femininas, ou seja, de famílias constituídas pela mulher com seus filhos.

As narrativas dos jovens pesquisados mostram que, em sua maioria, pertencem a essa nova configuração familiar, sob a responsabilidade da figura feminina. A figura da mãe assume uma centralidade na organização da casa, não somente no aspecto financeiro, acumulando o papel de provedora, tradicionalmente atribuído ao pai, mas como a referência de autoridade. Quando da presença do padrasto, Rodolfo e Douglas, apontam um relacionamento difícil, pautado no distanciamento e na falta de afetividade. A ausência do pai biológico, reforçada pelo estigma do abandono, é um fator que atravessa as narrativas dos dois jovens. Essa ausência é sentida na maneira de se relacionar, principalmente com a escola, quando comparada com a organização da família dos colegas, que configuravam um modelo de família nuclear, ou seja, a presença do pai e da mãe no mesmo teto.

Douglas percebia que os colegas da escola tinham uma relação afetiva e de apoio do pai, que os levava de carro para a escola e recebiam presentes, muito diferente da sua realidade. Com a mãe inserida no mercado de trabalho reforçava-se, para os jovens, um quadro de ausência nas reuniões e eventos da escola, em função da carga de atividades acumuladas durante a semana. Essa situação gerava conflitos: Por um lado o reconhecimento do esforço e de sua presença, na medida do possível, mas também havia a falta, principalmente afetiva, da figura de um pai. Por isso, para os jovens pesquisados surgia a necessidade de retorno à mãe e aos irmãos, como forma de suprir essa ausência. A família, dentro das suas configurações e organizações próprias, teve um papel importante na trajetórias dos jovens pesquisados.

Nos estudos de Lareau (2007) sobre o papel da família a partir do pertencimento da classe social e os impactos na criação dos filhos, a autora classifica as trajetórias familiares em dois modelos identificados: cultivo orquestrado e crescimento natural. O primeiro, direcionado às famílias de classe média, caracteriza-se pelo esforço contínuo para estimular o desenvolvimento dos filhos, para uma conquista de habilidades cognitivas e sociais. O segundo se pauta em um desenvolvimento dos filhos numa relação espontânea, destacando-se elementos básicos, tais como: conforto, comida e abrigo. A ênfase nos elementos básicos não descaracteriza uma preocupação e um direcionamento para o desenvolvimento dos filhos, para seu crescimento e sobrevivência. As famílias trabalhadoras e pobres estabelecem limites para os filhos, porém aos filhos são livres para decidirem como utilizar o seu tempo, sem a presença do adulto direcionando essa ação.

As narrativas dos jovens pesquisados apontam para uma criação com fortes traços de vigilância, pelo fato de o bairro ser uma área com forte presença do tráfico de drogas, contexto esse que aumenta a preocupação das mães em função de elas trabalharem e permanecerem fora por um longo período do dia. Com base nas narrativas, a escolha da escola fora do bairro foi uma estratégia dessas mães para distanciar os filhos da realidade de violência e proporcionar o acesso deles a escolas de “melhor qualidade”. Os motivos que levam os pais a considerarem as escolas do bairro mais fracas era o fato de a “malandragem do bairro” estar estudando nessas escolas, gerando, na opinião deles, uma péssima influência. Soma-se a isso a falta constante de professores e o ensino, considerado atrasado, em comparação a outras escolas mais centrais. Para essas famílias, a igreja evangélica e os programas sociais surgem como alternativas para inserirem os filhos em espaços considerados “positivos” para sua socialização.

Para Fernanda a Praça da Savassi era o espaço permitido, embora somente na companhia dos amigos que moravam perto; era o ponto de encontro dos jovens, mesmo sendo distante de sua casa, embora perto da igreja evangélica que frequentava. Douglas já tinha uma maior liberdade para transitar em áreas diferentes do bairro, por causa da separação da mãe com o padrasto, ganhando, após esse fato, uma liberdade maior, pois não tinha mais a autoridade do padrasto em sua casa. Resumia sua frequência aos espaços sociais, entre a quadra da Escola Reny de Sousa Lima e os campos de futebol. Com a entrada para a igreja evangélica, sua inserção no bairro se ampliou.

Rodolfo resumia seu brincar na infância, na área ao redor do apartamento onde morava e posteriormente, na adolescência, no acesso à Praça da Savassi e à quadra que ficava perto dela. Já para Joel, sua infância se restringia ao terreiro de casa e sua adolescência aos programas sociais.

A preocupação das famílias em ocupar o tempo ocioso dos filhos tinha um entendimento de que ociosidade era sinônimo de “perigo”. Assim, a família se preocupava em direcionar os filhos para alguma atividade entendida como positiva que os afastasse do quadro de violência. As atividades na igreja, os programas sociais e principalmente a escola, eram a forma de ocupar o tempo ocioso dos filhos no bairro. Outra preocupação era de que essas atividades acontecessem em horários diferentes da escola, como estratégia para preencher a lacuna de tempo entre a escola e o retorno da mãe do trabalho. A preocupação da família em direcionar atividades para os filhos não significava uma intencionalidade para o futuro. Por exemplo, a mãe de Joel Popper o apoiava e incentivava na prática da dança, porém não sabia especificamente o que era realizado nas oficinas e nas apresentações com o grupo Cia. Liberdade, como ele relatou.

A escola ocupa ainda um lugar importante, na sociedade contemporânea, como um espaço intencional de ensino e aprendizagem, ou seja, como lugar de produção e compartilhamento de saberes, espaço de preparação para a vida. É recente o olhar diante dessa instituição como espaço sociocultural, compreendido como lugar de cultura. Perceber, para além de uma estrutura institucionalizada, um cotidiano formado por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e jovens mostra uma nova configuração desse espaço. Para Dayrell (1999), seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história, devem ganhar o lugar de protagonismo nesse espaço. Reconhecer a escola como um espaço sociocultural é colocar os sujeitos pertencentes à instituição como protagonistas da cena. Por outro lado, na contramão desse modelo imaginado, a escola insiste em uma realidade segregacionista que não reconhece o outro como sujeito social e detentor de cultura. Para os jovens, a escola, assim, se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-a, cada vez mais, uma mera “obrigação” (DAYRELL, 2007).

Para Douglas, na transição entre a antiga escola em que estudava, para a escola do Palmital, houve uma diferenciação no processo de aprendizagem, considerando a

segunda escola mais desorganizada e com conteúdos que não despertavam o seu interesse. Segundo Douglas, ele estudava somente o necessário para garantir as notas e depois tinha a prática de fazer bagunça e matar aula para jogar bola. No Ensino Médio esse desinteresse se intensificou, com o surgimento da oportunidade de trabalhar, ocorrendo o abandono do Ensino Médio.

Para Rodolfo a escola representava uma relação tensa. Por fato de ter um comportamento tímido e calado, sempre foi pouco notado, a não ser por iniciativas individuais de alguns professores, o que ocasionava muitas dificuldades, tanto em relação ao desempenho escolar, quanto ao relacionamento com os colegas. Um ponto marcante na narrativa de Rodolfo era a condição de ter sido abandonado pelo pai, que lhe gerava muitos problemas, principalmente na escola, onde se sentia diferente dos colegas e dificultava a interação entre ele e a própria instituição. Por isso, o Ensino Fundamental apresentava um distanciamento entre o que era ensinado e o que realmente lhe interessava, mas estudava, por entender que era o único caminho para alcançar os seus objetivos e ajudar a mãe. Da mesma forma, para Joel Popper, a escola apresentava poucos atrativos e tinha um caráter de obrigação pela falta de relação entre o que era ensinado e a sua vida; daí ter computado uma reprovação na vida escolar.

Nesse sentido, Arroyo (2009), acredita que a escola tem que buscar um novo olhar sobre os educandos, observar sua condição para além da representação de aluno, reconhecendo nessa condição, múltiplas dimensões de suas vivências a partir de seus múltiplos pertencimentos de gênero, o étnico-racial, o de classe e o etário. A lente institucionalizada da escola insiste em classificá-los como “alunos”, produzindo um olhar homogêneo sobre todos, que oculta tais diferenças. Para Corti (2014), a construção de uma visão de mundo própria, de uma singularidade como indivíduo, possui muitas facetas: a rede de amizades, as preferências musicais, o jeito de falar e as práticas de lazer, dentre outras, nos revela a multiplicidade de elementos da vida dos alunos. Essa dimensão se contrapõe a uma representação homogênea de aluno, isto é, como tempo de preparação. Arroyo (2009) nos mostra que as imagens, cristalizadas historicamente pela escola em relação aos alunos, como simples depositários de informações, se quebraram. No entanto, a escola insiste em tentar colar os “cacos quebrados”, deixando de vê-los como sujeitos que expressam sua identidade sexual, o seu pertencimento racial, suas convicções políticas e suas preferências culturais,

expressão da diversidade que tensiona as relações estabelecidas por uma estrutura escolar rígida.

Para os jovens pesquisados a experiência nas escolas fora do Palmital era marcada por estigmas, tanto pela origem, uma área estigmatizada por ser pobre e violenta, quanto por serem negros. Brincadeiras e “zoações” reforçavam esses estigmas, permeando as relações nessas escolas, principalmente com os colegas. A escola, por outro lado, conforme as narrativas dos jovens, não apresentava nenhuma iniciativa ou projetos que intervissem nessas situações.

Gomes (2002) entra nesse debate sobre o papel da escola, principalmente na construção da identidade negra, alertando que não é somente ela a detentora dessa missão. A identidade é algo construído também em outras dimensões da vida, tais como: a família, o trabalho, os movimentos sociais, a própria comunidade. Mas o espaço escolar é, sim, um lugar onde os jovens negros podem encontrar elementos para a afirmação ou negação da sua identidade racial, pois ela é mais que um espaço onde somente socializa conteúdos e saberes formais; aí também, construímos e dividimos valores, crenças e cultura, do mesmo modo que conceitos e preconceitos, raciais, de gênero, de classe e de idade. A escola não é o único lugar para construção da identidade mas tem um peso significativo na vida dos indivíduos, pelo fato de ser um espaço obrigatório de passagem e numa etapa da vida onde a identidade se está constituindo. Pensar esse espaço como lugar de formação, de preparação para a vida nos leva a refletir o sentido que deve ser pensado, mais além dos currículos estabelecidos. Um olhar sobre o negro e sua cultura que rompa com uma pedagogia discriminatória que tem como plataforma a cultura negra folclorizada. Como diz Arroyo (2009), foram quebradas as imagens de um sujeito construído em uma estrutura antiga e rígida; as identidades pulsam, não é possível moldá-las, e nem manipulá-las. O jovem negro, através do seu cabelo, do seu corpo e da cor da pele nos enfrentam com uma identidade que exige, das velhas estruturas escolares, um reposicionamento frente a essa questão.

Para Fernanda a escola passou a ser um espaço de afirmação da sua condição de mulher negra, não pelo fato de participar de projetos ou trabalhos escolares que destacavam a diversidade. Pelo contrário, a sua experiência se deu em um ambiente preconceituoso e discriminatório, que gerou o despertar para seu pertencimento racial. O cabelo era alvo de “brincadeiras” e “zoações” por parte dos colegas da sala. Na

trajetória de Fernanda o cabelo sempre foi uma questão central quando o assunto era identidade racial, mesmo quando esse incômodo não era verbalizado. Segundo ela, se um rapaz da escola pretendesse namorar alguma menina, a grande probabilidade é que isso se daria com uma garota de cabelo liso e grande, diferente do dela, curto e “duro”. O estigma negativo era potencializado pelo uso de vestimentas precárias, isto é, roupa doada, o mesmo sapato e blusa o ano todo, o que lhe gerava constrangimentos. Assim, na adolescência, quando começou a investir na imagem, a primeira intervenção foi em relação ao cabelo, usando tranças e valorizando os “cachinhos” crespos. Um choque para os colegas de turma, que estavam acostumados a presenciarem Fernanda de outra maneira, sem o destaque positivo dado por ela ao novo visual. Essa mudança se deu não pela intervenção da escola, mas pela sua inserção na cultura *hip hop*.

Da mesma forma, para Joel Popper a escola não era um espaço confortável para o seu reconhecimento como negro. Inicialmente, na escola, tinha somente amigos negros, com os quais se identificava por morarem na mesma área do bairro e compartilharem uma condição social ainda pior que dos outros colegas, o que se traduzia na precariedade nos materiais escolares e na vestimenta. Sendo assim ele se sentia “mais à vontade” entre esses colegas. Essa situação era inibidora para os alunos negros, pois esses não se sentiam pertencentes àquele espaço pela ausência e silêncio no que tange à questão racial. Pode-se dizer que tal situação não se resumia somente a Joel Popper, mas se estendia a todos alunos que traziam perfil e características de negros e moradores de favela.

Também para Douglas a escola era um espaço de poucas referências no que diz respeito à questão racial. Segundo suas observações, os amigos negros que tinham uma condição mais precária, ou seja, perfil socioeconômico mais restrito em relação ao restante dos alunos sofriam uma exclusão nas atividades cotidianas da escola. Eram tachados de bagunceiros, indisciplinados e que “arrumavam confusão”. Como os alunos negros percebiam essa diferenciação por parte da escola, dos professores e funcionários, eles buscavam formas alternativas para interagir com o ambiente escolar. Nesse caso, ser o mais bagunceiro era um *status*, uma maneira de se destacar, de se impor a partir da violência, ou seja, ser o mais forte e bom de briga gerava um “respeito” na escola. Também o participar dos campeonatos de futebol na escola, ser o artilheiro e ser reconhecido como “bom de bola”, eram maneiras de se destacar na escola e mostrar a sua presença. Para Douglas o único momento de interação que gerava um sentimento de

igualdade entre os alunos era quando todos tinham que se enfileirar-se no pátio para cantar o hino nacional, quando “todo mundo se misturava”.

O trabalho é outra dimensão importante na vida desses jovens do Palmital. Para Sposito (2005) o trabalho também faz a juventude. As mudanças que afetam o mundo do trabalho, por consequência, afetam os jovens de maneira profunda, tanto na sua entrada e permanência no mercado de trabalho, pois o trabalho ocupa um lugar importante na vida dos jovens da classe trabalhadora. Essa autora mostra que, “(...)para os jovens brasileiros, escola e trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil”. Isso significa que, ao reconhecer que o trabalho é uma forma de construir uma identidade juvenil, temos que olhar essa dimensão de forma crítica e observar o cenário e o contexto em que se dá essa inserção.

Para Carrochano (2005), a questão é saber o lugar do trabalho na vida dos jovens e suas experiências em torno disso. Para a autora essa relação de trabalho entre os jovens é percebida por eles de duas maneiras: para os jovens mais escolarizados o trabalho ganha uma representação de destaque pela possibilidade de realização pessoal. Para o jovem de baixa renda, a questão da necessidade aparece com mais força.

O trabalho ganha um campo de significados diversificados para os jovens de famílias populares. Para Carrochano (2005) o fato de estarem empregados é colocado como um fator de destaque e, por muitas vezes, a realização profissional é colocada em segundo plano, enfatizando a importância de estarem empregados e pela dificuldade de encontrar e permanecer no emprego. Apesar desse campo comum, os objetivos diante do trabalho são diversificados: a possibilidade de tornar-se independente dos pais, a possibilidade de comprar suas coisas, o trabalho encarado como necessidade, dignidade e realização pessoal.

Para os jovens pesquisados o trabalho ganha significados diferentes, conforme as relações construídas na família e suas necessidades. Douglas passou por várias experiências de trabalho, como servente de pedreiro, operador de lava-jato, atendente de lanchonete, auxiliar de almoxarife e atualmente é supervisor de cozinha em um Buffet. Isso lhe deu uma visão mais ampliada das relações de trabalho e seus significados para a vida. A necessidade de contribuir com a mãe para o sustento da casa, o consumo próprio, em roupas e tênis e investir no grupo *Justaposição* eram os significados atribuídos por ele ao mundo do trabalho. A partir de suas experiências ocupacionais,

pode perceber a necessidade de retomar e complementar os estudos, ao vislumbrar novas possibilidades de futuro. Douglas aponta para uma necessidade de trabalhar para buscar outro caminho que não fosse o tráfico de drogas. Para Joel, por sua vez, o trabalho significou uma extensão da sua inserção a dança urbana. Atuando como oficineiro de dança, ele conciliava trabalho e a dança como atividade formal e remunerada. Deve-se levar em conta que sobre ele nunca recaiu a responsabilidade de trabalhar como forma de sustentar a família. Por isso, ele investia parte do salário no auxílio à mãe, e o resto no consumo próprio, roupa e tênis e em investimento nos eventos de danças urbanas dos quais participava.

Para Fernanda a inserção no mundo trabalho não atendeu a uma necessidade de ajudar financeiramente a família, sendo que sua inserção se deu após o término do Ensino Médio. O trabalho ganhou uma centralidade como dimensão de afirmação do pertencimento racial e do bairro Palmital. Ocupar o cargo de representante de uma clínica de alto padrão, no qual era a única negra, gerou desafios cotidianos. A busca por se distanciar do estigma de ser negra e moradora de periferia fez com que sua postura se diferenciasse à das pessoas oriundas no Palmital e da imagem negativa em torno da população negra. Ao lidar com médicos, enfermeiras e pacientes, na sua maioria brancos, ela buscava utilizar uma linguagem, uma postura corporal e o cabelo de forma diferente das representações fixadas no imaginário do negro pobre. Isso não significava exatamente negar a sua origem racial e de lugar social e territorial, mas era uma forma de usar o estigma para benefício próprio, adequando-se aos códigos do lugar de trabalho. Segundo Fernanda, era necessário mostrar que era uma “preta diferente”, uma “preta fina”, o que nos revela uma representação racial levando em conta as variáveis de lugar com cada uma de suas especificidades, com seus constrangimentos e luta por afirmação.

Os jovens pesquisados trazem, em suas narrativas, contextos e experiências sociais diversificadas, somando-se a uma gama de opções e caminhos a seguir. As experiências na família, na escola e no trabalho, se destacavam como espaços de socialização importantes para os jovens do bairro, revelando um processo de interação rico e intenso.

4.3 – Os jovens do Palmital e suas relações território/ espaço

Ao refletirmos sobre a condição juvenil, na sua diversidade de manifestações, elencamos duas dimensões importantes na construção dos sentidos e significados das experiências no Palmital: espaço e o território. O espaço nesse aspecto ganha o sentido de suporte e mediação das relações. A transformação do espaço físico em espaço social tem impactos na juventude, na medida em que o próprio jovem do Palmital constrói uma rede de significados em torno das experiências vividas no bairro.

A discussão sobre o espaço passa por duas questões importantes, conforme Lefebvre (2008): o espaço enquanto aspecto físico e no aspecto simbólico. O aspecto físico é representado por um poder dominador e o aspecto simbólico por um poder de apropriação. O espaço pensado no seu aspecto físico é entendido como algo concreto, funcional e ligado ao valor de troca. O aspecto simbólico está vinculado ao cotidiano, ao experimentado, ligado ao valor de uso. O espaço deixa de ser um campo neutro e passa a ser uma construção do cotidiano. Por isso, abordar o espaço somente na dimensão física é limitar seu entendimento, ou seja, o campo simbólico dá uma dimensão que vai mais além, mas sempre conectado com o espaço concreto.

As relações sociais construídas sobre o espaço social nos remetem à discussão do sentido simbólico para a categoria. Para Bourdieu (1997), o campo simbólico é um poder “invisível”, exercido numa relação entre aquele que exerce o poder e o que é influenciado por ele, se desenrolando em diversas situações até então ignoradas ou imperceptíveis, mas que sua presença se faz “concreta” e percebida pelos sujeitos envolvidos. Lugar onde o poder se faz presente, na sutileza da sua influência, através de uma violência despercebida, isto é, uma violência simbólica. O espaço social como um ambiente de disputa de poder traz como resultado, aos grupos sociais que ocupam o mesmo espaço concreto, sentidos e vivências diferenciadas. As narrativas dos jovens pesquisados apontam para significados diferentes atribuídos ao bairro, conforme a intensidade das inserções, tanto nos coletivos como nas instituições que os cercam. O espaço compartilhado é o mesmo, porém as experiências são singulares.

Para Fernanda, o Palmital é resultado das pessoas que moram aí. O fato de conhecer muitas pessoas além dos vizinhos próximos, contribuiu para sua inserção no bairro, na medida em que, ao conhecer as pessoas ficava mais fácil transitar em áreas ditas perigosas. Essa interação foi um dos caminhos para o fortalecimento de uma

identidade com o lugar, através de uma rede de ajuda. A rede de amizades construída por Fernanda contribuiu para seu sentimento de pertencimento, pois as experiências com o bairro se davam a partir desse compartilhamento coletivo de experiências. O ficar na praça conversando, frequentar a casa de amigos longe de sua casa, jogar bola na quadra da escola e frequentar a igreja, foram fatores que alargaram a relação com o bairro e atribuindo novos sentidos, a partir das amizades construídas.

Aos lugares frequentados pelos jovens pesquisados no Palmital não trazem um critério aleatório. Assim, o conceito de território se referencia na perspectiva de uso, de apropriação de parte do espaço por um grupo de classe e indivíduos específicos. Isso indica a existência de uma fronteira, isto é, a noção de território como ponto de tensão, de controle e de pertencimento a determinada porção do espaço (HAESBAERT, 2007). Escolher um lugar e não outro, passa por uma rede de significados, ou seja, os jovens pesquisados atribuem sentidos diferentes para o mesmo lugar de socialização. As narrativas dos jovens mostram uma presença concreta do tráfico de drogas no Palmital e, em alguns momentos, o receio de transitar e frequentar alguns espaços específicos do bairro, em função da violência e da presença da polícia, através das “batidas”, nas quais, segundo os jovens, ficava nítido o direcionamento aos que moravam no Palmital e na região. Por fim, o tratamento diferenciado, notado pelos jovens na escola, dos que moravam no Palmital, em relação aos que vinham da ocupação Vila Nova Esperança.

Haesbaert(2007) mostra que o território ganha sentido na perspectiva da multiplicidade, rompendo com a concepção de território “unifuncional”. O autor apresenta três conceitos em torno do território: a) territorialidade, que vai além da incorporação política, mas interage com as relações econômicas e culturais, diretamente ligada ao modo como as pessoas utilizam o território concreto e como se organizam no espaço; b) Desterritorialidade, termo utilizado para designar a destruição de todo tipo de barreira espacial, numa lógica da fluidez global, mas com ênfase nos circuitos do capital financeiro; c) Multiterritorialidade, que significa a diversidade de territórios que se colocam ao dispor do sujeito, com o advento da globalização, quando temos a possibilidade de combinar, de forma inédita, a vivência e a experiência de uma enorme gama de territórios.

Para Joel Popper, o Palmital ganha sentidos diferentes, conforme a utilização dada a esse território. Segundo ele, quando morava na Vila Nova Esperança, existia uma rivalidade entre os grupos que o dominavam, o que se traduzia em disputas de poder

entre gangues rivais. Os moradores ficavam no meio dessa disputa, levando a que, muitas vezes, omitissem seu lugar de origem. Jovens que moravam no Palmital não podiam subir na Vila Nova Esperança e vice-versa, em função da “guerra” do tráfico. Com a implantação do Programa *Fica Vivo!* na região, muitas oficinas foram instaladas no Palmital e na Vila Nova Esperança. Muitos jovens começaram a frequentar tanto os espaços das oficinas do Palmital como da Vila Nova Esperança, quebrando um imaginário construído para essas duas áreas. A Praça da Savassi era o ponto comum de encontros dos jovens do Programa *Fica Vivo*, após as oficinas, um ponto de conversas e “trocas de ideias”. Essa interação dos jovens de áreas diferentes do bairro proporcionou uma ampliação das relações de amizade e um significado diferente do que já havia sido estabelecido.

O fato de ser do bairro traz desdobramentos que impactam diretamente a vida desses jovens. A localização do bairro é um impedimento para ocupação de postos de trabalho. Por exemplo, o simples fato de declarar, na ficha de emprego, que é morador do Palmital gerava uma situação desfavorável e negativa para o candidato à vaga de emprego.

No emprego no lava-jato, sua segunda experiência de trabalho, localizado no bairro Bandeirante, zona sul de Belo Horizonte, Douglas teve que aceitar a redução na passagem de ônibus, pelo fato de a empresa não disponibilizar mais uma tarifa para quem morasse longe de Belo Horizonte. Da mesma forma, como vimos nas experiências tidas nas escolas fora do Palmital revelavam situações constrangedoras e de preconceito por causa do lugar de origem. Essas questões também se reproduziam entre os próprios moradores. Segundo Joel Popper, a condição de ser morador da Vila Nova Esperança ocasionava uma discriminação em comparação com os amigos que moravam no Palmital. *Ser do* e *morar no* Palmital traz uma fonética próxima, mas significados que territorialmente se distanciam, pois cada experiência de bairro se apresenta de maneira diversificada, tanto dentro, quanto fora do Palmital.

Assim, podemos dizer que o Palmital é um espaço em movimento, onde se expressam relações de poder. A geografia do Palmital apresenta determinadas porções de espaços que causam nos jovens uma condição de medo, interdição e, ao mesmo tempo sensações positivas. Fernanda, por exemplo, ao voltar dos ensaios do grupo *Justaposição* após as 23:00 horas, é acompanhada por um membro do grupo que mora próximo à sua casa, pelo perigo de ser tarde da noite e evitar algum tipo de transtorno.

Esse processo acontece também com as meninas do grupo Cia. Liberdade. Dependendo da hora do ensaio, surge a necessidade de alguém que as acompanhe até sua casa, porque as ruas e os espaços do bairro ganham significados diferentes, conforme a hora do dia ou a noite. Espaços que são transitados com tranquilidade durante o dia, à noite ganham um *status* de perigo, trazendo aspecto de interdição, conforme a hora, o dia e quem os frequentam. Os jovens territorializam o espaço até certa hora e depois são desterritorializados por outros grupos. A Praça da Savassi é um exemplo desse processo. Durante o dia é frequentada pelas crianças e serve como corredor de passagem dos adultos, mas no período da noite ganha um sentido adulto, frequentada por jovens e adultos. Esse impacto se dá também em relação aos dias da semana, ou seja, durante a semana a Praça da Savassi tem uma dinâmica, e nos finais de semana passa a ter outra dinâmica.

Os jovens pesquisados promovem, pelo menos uma vez no mês, um evento de *hip hop* na praça, no período da noite. É o “Batalha na Praça” que consiste em apresentações de grupos de danças urbanas, através de batalhas e outro, que é o “Evangelizando na Praça”, que reúne jovens evangélicos que cantam rap. A Praça, nesses eventos, ganha outro significado e os jovens, evangélicos ou não, se apropriam do lugar para participarem. Cantam, dançam e encontram amigos, “trocam ideias”. Após o fim dos eventos a Praça retorna à sua rotina, suas características próprias e às pessoas que a frequentam no período da noite.

4.4 – Jovens do Palmital e as relações raciais

A identidade é uma ponte de comunicação importante na interlocução entre a juventude e relações étnico-raciais. A identidade foi eleita a partir do viés de jovens negros buscando o encontro dessas duas dimensões. Para Munanga (1994), discutir identidade é ter a noção de que todas as sociedades humanas trazem esse debate na sua formação, como uma forma de selecionar aspectos de sua cultura para uma definição, em contraposição a outra. Portanto a identidade está sempre como referência ao “outro”, tanto no aspecto de se aproximar, como de se distanciar. Para o autor, os processos de autodefinição e de identidade têm objetivos conhecidos, tais como “a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas

por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc.” (p.40). A identidade de uma pessoa se constitui, no decorrer da vida, a partir de suas experiências nas relações sociais. As experiências vivenciadas na infância, na adolescência, na juventude e no momento adulto, sejam elas no ambiente escolar, na família ou no trabalho, constituem um conjunto de informações e de fatores importantes na construção da vida de cada pessoa.

Adesky (2001) aponta que uma identidade é resultado do que o indivíduo faz de si mesmo, com a mediação do reconhecimento obtido do outro em consequência de sua ação; ou seja, “nenhuma identidade é construída no isolamento, ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros (p.42)”. Nesse sentido, Gomes (2002, p.39) então defende que,

É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade.(GOMES, 2002, p.39)

Para a autora, o debate sobre as diferenças implica os processos de aproximação e distanciamento, como resultado de uma construção identitária que se sedimenta nesse processo. Para GOMES (2005), a educação ocupa um espaço de destaque no combate ao racismo e na promoção de uma identidade positiva dos jovens negros. Segundo ela, mesmo entendendo que “(...) a educação é um processo amplo e complexo de construção de saberes culturais e sociais que fazem parte do acontecer humano” (GOMES, 2005, p.146), podemos concluir que o processo educativo reserva subsídios para a quebra do preconceito racial e é um fator importante para mudança de mentalidade da sociedade.

Destaco que a condição de negro é marcante nos percursos dos jovens de periferia, nas suas relações identitárias. Um quadro de desigualdade e preconceito é resultado da formação étnico-racial sedimentada historicamente no imaginário da sociedade brasileira. Para Guimarães (2008), o mito da democracia racial latente no imaginário do brasileiro gerou uma ideologia que reforçava a ideia de ausência de conflitos raciais, suavizando uma prática de racismo pela concepção da multiplicidade racial. Não podemos esquecer que a própria concepção de cultura no Brasil era restrita ao grupo social branco, gerando fenômenos discriminatórios para os afrodescendentes.

Ao Debatermos as práticas de preconceito utilizadas em nossa sociedade, fica revelado como os sujeitos dessas culturas são representados, em grande parte nos meios de comunicação e materiais pedagógicos, sob forma estereotipada e caricatural, despojado de humanidade e cidadania.

Souza (1983), contrapõe essa concepção de democracia racial, na medida em que ser negro não é uma condição dada *a priori*; pelo contrário, é tornar-se negro, como consequência de uma construção social e individual. Para a autora,

(...)Saber-se negro é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.(p.18)

Para a autora, os negros, ao se relacionarem com o mundo, constroem essa relação a partir de uma diferença que não é cultural e histórica, mas está marcada no corpo, na cor da pele, mesmo sendo estes transformados por meio de uma intensa miscigenação. É nesse contexto denso, complexo e tenso que os jovens pesquisados constroem sua identidade. Tornar-se negro significa percorrer um caminho longo e próprio, permeado por variáveis heterogêneas, na construção da sua identidade racial.

Para os jovens pesquisados a construção de uma identidade negra numa área periférica passa por uma dimensão de conflitos. Historicamente a sociedade brasileira impôs ao negro uma trajetória identitária marcada pela negação, isto é, o próprio processo de miscigenação é o exemplo concreto de que o objetivo era tornar a sociedade brasileira se não branca, pelo menos mestiça. Ser jovem negro no Palmital é difícil pelo fato de não termos referenciais positivos, na própria localidade, que possam ser identificados a partir de uma expressão negra e reconhecido por essa expressão. Esse exercício se torna difícil, a partir do momento em que a escola silencia essa identidade negra, desenvolvendo uma dinâmica que enquadra e reprime suas expressões raciais, aprisionando didaticamente os jovens em um processo ideológico reforçado cotidianamente, reproduzindo a imagem dos negros como inferiores.

Os jovens pesquisados buscam, a partir de suas trajetórias, construir novos referenciais raciais dentro do próprio Palmital. Subverter e recusar os discursos estigmatizadores, não é tarefa fácil, exigindo encontrar na própria realidade de discriminação e violência, caminhos para uma construção identitária que possa dar conta de um discurso contra-hegemônico. No caso dos jovens pesquisados a cultura *hip*

hop passa a ser elemento dessa subversão, compreendendo que cada jovem se apropria da cultura *hip hop* e do próprio entendimento do que é ser negro, de maneiras diferentes, desencadeando um despertar para cultura negra, através das suas expressões do rap e da dança urbana, uma alternativa de interlocução com o bairro e com os jovens que convivem em um contexto marcado por violência e desigualdade.

A partir desse eixo identitário, a cultura *hip hop*, os jovens pesquisados encontram uma base para expressar seu pertencimento racial e com o bairro Palmital. As relações travadas nos diversos espaços tais como a família, a escola, o trabalho, o bairro e os coletivos se dão a partir de um atravessamento na cultura *hip hop*. As narrativas também apontam que o próprio entendimento e inserção na cultura *hip hop* se dá de maneira diferente para cada jovem, gerando laços que unem a partir de um discurso agregador e de pontos que se caracterizam por disputas entre si. O fato de nascer com a pele preta, apresentar traços fenotípicos negros não nos determina como negro, apesar de a cor da pele ser um elemento estruturador da sociedade brasileira. No entanto, ser negro não se limita à questão de pele e nem ao cabelo crespo. Construir-se como negro passa por uma decisão política de se autoidentificar e se posicionar diante de uma sociedade que coloca o grupo negro como referencial negativo.

Na abordagem do campo das identidades, Hall (2011) diz que a modernidade nos trouxe uma situação de “crise”, no que diz respeito à identidade. O mundo moderno é palco de uma série de mudanças que colocam em questão as estruturas da vida em sociedade, modificando processos centrais e ocasionando rupturas das referências que estabilizavam o mundo social. Essas referências podem ser entendidas no campo econômico, político, social, cultural e religioso. A harmonia de uma estrutura social é quebrada com advento da modernidade no século XVIII que, no decorrer do tempo vem em processo de mudanças, mas que no final do século XX ganha novos contornos, dinamizada pelo capitalismo globalizado. Se por um lado a globalização nos revela modos sociais e culturais diferentes, por outro evidencia um choque com a ideia de homogeneização que a dimensão econômica e política buscam impor. A realidade atual nos apresenta um mundo fragmentado em categorias, paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Aos olhos de uma sociedade rígida, tais categorias eram sinônimas de solidez de uma sociedade e da localização de seus indivíduos na hierarquia social.

Esse cenário de fragmentação em categorias faz com que o indivíduo se perceba numa dimensão múltipla. O choque entre o herdado e o construído faz com que a ideia que temos de nós mesmos como sujeito integrado seja abalada. O deslocamento da “zona de conforto”, ou das certezas, gera uma reflexão do lugar que o indivíduo ocupa no mundo social e cultural e quais os significados desses lugares. Para o autor,

(...)Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.(Hall, 2011, p.09)

No que tange às identidades raciais distanciadas de uma explicação biológica, elas estão sujeitas ao contínuo jogo da história, da cultura e do poder. Esse conceito de identidade racial rompe com a concepção fixa e imutável, mas reforça a ligação dos marcadores sociais que fazem parte do processo de construção das diferenças e das identidades culturais.

Era muito comum entre os jovens do Palmital, em locais como lojas, *shoppings* e bares, assim como em alguns eventos, como festas e entrevistas para emprego, a adoção de estratégias para negar sua origem, buscando romper ou neutralizar qualquer elemento que o possa identificar como morador de uma área de vulnerabilidade social. Rodolfo, em um trecho da sua narrativa, revela que a postura que ele tem no Palmital é a mesma que adota fora do bairro, principalmente no trabalho, e argumenta que sua origem é o bairro. Mas, por outro lado, afirma que pelo fato de ter crescido em um bairro de periferia não significa que vai ser “malandro”, igual a algumas pessoas que moram no Palmital, complementando que a pessoa pode nascer na favela, mas não precisa agir como “favelado”. Esse trecho mostra o reforço de um estigma negativo, pois para se afirmar como morador do Palmital faz-se necessário ser diferente das outras pessoas do bairro. Para Goffman (1982) em seu livro intitulado “Estigma”, o estigma tem como conceito básico um atributo ou característica com sentido depreciativo, ou seja, caráter negativo diante da sociedade. O estigma, na verdade, ganha um sentido que vai além do próprio conceito depreciativo, mas alcança um conjunto de relações e linguagens que marcam uma pessoa ou um grupo social, conforme o padrão estabelecido como normal pelos membros da sociedade. Esse embate se dá no momento das interações sociais,

entre o estigmatizado e o normal, presença física imediata um com o outro, gerando uma interação negativa que marca o lugar de desvantagem dos grupos ou indivíduos que trazem uma marca forte em seu corpo. Essa relação desigual vai gerar para o outro um peso negativo, primeiro na esfera subjetiva, no psicológico do estigmatizado e depois nas relações travadas na sociedade, gerando impactos na sua identidade social. Entre os indivíduos estigmatizados estão os portadores de deformidades físicas, os portadores de caráter individuais, ditos “anormais”, doentes mentais, alcoólatras, criminosos, prostitutas, os homossexuais, os grupos tribais de raça, nação e religião. Uma estratégia utilizada pelos grupos acometidos pelo estigma é a manipulação, ou seja, a busca de alternativas para fugirem dessa realidade.

Podemos então dizer, a partir das ideias defendidas por Goffman (1982), que os jovens do Palmital adotavam posturas diferenciadas conforme o contexto e a situação momentânea. Quando o contexto trazia algum benefício, a atitude poderia ser assumir de forma ativa a identidade de morador do bairro, como forma de intimidar, utilizando a violência como estratégia. Mas quando a situação de assumir onde mora não traz benefício algum, o comportamento era de negação, dizendo que moravam em algum bairro vizinho. Joel Popper relata em sua narrativa sobre o incomodo das “batidas” policiais no seu bairro, era explicitada a questão de morar na Vila Nova Esperança, uma prerrogativa para serem parados como supostos criminosos. Já Douglas buscava subverter o estigma negativo através de estratégias adotadas na escola, para alcançar uma condição de destaque, estudando e tirando boas notas, até o terceiro semestre e depois passando a “matar aula” uma vez que já estava aprovado; também buscava se destacar no futebol, como uma maneira de sair da “invisibilidade” imposta a uma parcela dos alunos. As duas narrativas deixam clara a presença de um estigma sobre os jovens pesquisados.

4.5 – Jovens do Palmital e a inserção em coletivos evangélicos

Podemos então avançar nesse campo de análise entendendo que a construção das identidades não se realiza de forma simples, pois é uma relação permeada de tensão entre o mundo interior e exterior. Louro (1999) explica que somos sujeitos de muitas identidades sociais e essas múltiplas identidades podem ser, também, rejeitadas e abandonadas em dados momentos e situações.

As identidades, nesse contexto, ganham o poder de se tornarem instáveis, isto é, não são mais determinadas por grupos sociais, deixando de representar um modelo de estabilidade da dimensão social. As identidades negras (e, neste caso usa-se do termo no plural) representam a dinâmica desse processo, na medida em que se tornam tarefa individual, processo de busca de sentidos que colocam o sujeito em uma rede de significados individuais que harmonizam ou tensionam com o conceito coletivo de identidade negra. Esse contexto, vivenciado pelos jovens da pesquisa, traz para suas trajetórias pontos de contradição, quando observamos a sua inserção em coletivos culturais ligados às igrejas evangélicas pentecostais localizadas no próprio Palmital, como o território/espço da sua construção identitária, em relação ao seu pertencimento racial e de lugar. Podemos até denominar esse fenômeno como formação de identidades negras evangélicas.

O pertencimento a uma denominação pentecostal²¹ revela muitas coisas que compatibilizam com as narrativas dos jovens em relação ao seu posicionamento diante dos coletivos e nos eventos de que participam. O pentecostalismo se caracteriza por uma doutrina de valor prático; pelo menos no Brasil, sua inserção se dá inicialmente nos meios sociais marginalizados, em condições de pobreza. Muitos estudos sobre pentecostalismo apontam uma relação direta com um cenário de pobreza, porém, recentemente outros vêm contrariando essa relação (RIVERA, 2010; FOERSTER, 2010). Para Rivera (2010), em seus estudos sobre religião e desigualdade social, o pentecostalismo ganha sentidos diferenciados conforme a localização do bairro em que se encontra, sendo típica a instalação em vilas, favelas e bairros pobres. No Palmital, consta que as primeiras igrejas evangélicas pentecostais surgiram nos primeiros anos do

²¹ Segundo PACE (2012) o movimento pentecostal tem sua origem no início do século XX e teve, em sua história, três momentos importantes para sua consolidação. O primeiro momento se deu com a formação de pequenos grupos em torno de um líder carismático. O segundo momento, a expansão de grupos pentecostais como forma de institucionalização. Por fim, a ampliação de redes e de mais redes de grupos de devotos para outras localidades. O grupo pentecostal nasce no ano de 1901, no estado de Kansas, nos Estados Unidos e tem como seu fundador o pastor metodista Charles Fox Parham. O contexto de origem do Pentecostalismo se dá em uma sociedade com atrito racial, apesar de que os Estados Unidos já vinham enfrentando conflitos raciais por causa da posição do negro na sociedade americana. Em função disso, a manifestação religiosa refletia essa diferença, com a existência de igrejas para negros (metodistas e batistas) e igrejas para brancos. A igreja pentecostal vai ser a primeira a não impor barreiras entre os seus frequentadores, aceitando, então, jovens afro-americanos pobres. Surge a figura de um jovem negro William Seymour que abre um centro de oração em Los Angeles, lugar conhecido como “*os dons do espírito*”, expandindo-se posteriormente para fora dos Estados Unidos e chegando à América Latina, África e Ásia. Só a igreja Assembleia de Deus possui hoje mais de sessenta milhões de adeptos no mundo inteiro.

bairro, entre 1985 e 1986, vivenciando os problemas do lugar juntamente com diversas famílias que para lá foram direcionadas.

Os primeiros protestantes no Brasil traziam uma visão estigmatizada do povo negro, considerando-o como pessoas de costumes degenerados²², totalmente contrários à cultura cristã. O processo de evangelização, portanto, tinha o objetivo de introjetar neles uma postura de submissão e obediência. A evangelização tinha como objetivo a “integração, conversão e educação do negro dentro da cultura protestante” (BRANCHINI, 2013). Para Alcantara e Silva (2008) ser negro e protestante significa, em alguns casos, não ser mais praticante de macumba ou umbanda e aceito pelos demais “irmãos” brancos, que o vêem como um negro diferente dos demais, um “negro de alma branca”. A relação entre religião e pertencimento racial é forte, na medida em que, para se converter à doutrina evangélica o negro tem que negar parte da sua história e (re)significar sua negritude a partir da ideologia cristã. A religião, nesse contexto, se apresenta como dimensão de conversão e inserção negra, sendo as igrejas evangélicas constituintes de uma grande parcela de negros.

Branchini (2013), em seus estudos sobre a cultura negra na religião protestante, nos revela um quadro hostil, no que tange à expressão da condição de negro. A história do cristianismo mostra uma relação conturbada em relação às religiões africanas. Isto ainda é frequente nos discursos teológicos, onde persiste uma postura de intolerância à cultura e às religiões de matrizes africanas, como o Candomblé, visto e classificado como algo satânico. Dessa maneira, a religião cristã apresenta uma postura contraditória em relação à população negra brasileira, um discurso de amor e fraternidade e, ao mesmo tempo, apoio às forças de opressão.

A conversão do negro à cultura evangélica direciona para uma construção identitária nova, na medida em que este assume uma nova postura, de rompimento com os vínculos culturais africanos e afro-brasileiros, negando, em certa medida, o corpo, gerando uma oposição entre este e a religião. Fernanda, por exemplo, traz em sua narrativa o choque entre o modo de vestir, cantar e expressar a música rap dentro da igreja, em relação aos hinos tradicionais. Calça larga, cabelo Black Power e forma de cantar agressiva e rápida, são considerados, por muitos membros da igreja, como usuários de drogas, pela forma diferente de representar o ser “crente”.

²² Ver MUNANGA, 1999.

Para Douglas, a relação entre a doutrina da igreja e a cultura *hip hop* se faz entre um campo de tensão, isto é, por um lado, uma parte da igreja evangélica, que a considera uma cultura vinda das ruas, portanto “coisas do mundo”, mesmo sendo uma releitura do estilo, a partir do gospel. A expressão urbana oriunda da cultura negra encontra barreiras, na medida em que tais temas não são abordados dentro da igreja, sendo que o único espaço disponível para expressar essas questões é a rua. Os jovens pesquisados, adeptos da cultura *hip hop* como uma cultura oriunda das ruas e dos guetos, traziam na sua história a marca da população negra, das periferias e favelas, o que muitas vezes não era reconhecido sem conflitos pelos outros membros das igrejas a que pertenciam.

Ao mesmo tempo, a entrada da música, da dança e das diferentes formas de exaltação emocional evidenciam um processo de transformação do meio evangélico na atualidade, com o surgimento de novas formas de participação nas ações da igreja, gerando uma noção de corporalidade e de maleabilidade comportamental, até então não pensada para esse espaço. No caso do grupo Cia. Liberdade, a expressão corporal é o eixo da sua arte, transmitindo, através dos movimentos e expressões faciais, a cultura nascida nos guetos e periferias.

É um processo de estranhamento, por parte da igreja evangélica, em torno dessas mudanças. As roupas, os cabelos, as falas e as maneiras de expressar a religiosidade, em muitos dos casos, chocam-se com o discurso tradicional e institucional do evangelismo. A identidade negra expressada na doutrina evangélica evidencia uma construção a partir de um processo de ressignificação, conforme o local, os interesses e os objetivos em jogo e, portanto, uma identidade negra negociada conforme a situação vivenciada. Os jovens pesquisados podem até negar as religiões de matrizes africanas, porém, outros aspectos da cultura negra como a expressão, o cabelo e o corpo são elementos destacados, através do ser negro e se sentir negro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação de mestrado teve como objetivo compreender a construção da identidade negra entre jovens do Conjunto Habitacional Palmital e suas interações com a família, escola, trabalho, bairro e os coletivos culturais. Buscou-se desenvolver um olhar sobre a vida desses jovens, buscando identificar em suas trajetórias os múltiplos significados elaborados em torno do pertencimento racial, para além dos limites impostos pelo quadro de desigualdade em que viviam em seu cotidiano.

Trazer a categoria identidade como suporte para o tema pertencimento racial e de lugar foi o desafio proposto pela pesquisa, compreendendo que não se constitui como uma categoria fixa, mas sim fluida e “escorregadia” na sua definição. Assim, ela exige um entendimento a partir de uma perspectiva plural. A construção da identidade negra é impactada por esses processos. A pesquisa nos sinalizou que o pertencimento racial negro não se limita somente à cor da pele como único critério de identificação. Ser negro passa por variáveis que resultam numa construção sociocultural - o tornar-se negro - não existindo para essa construção um modelo final, pronto e acabado, mas um processo constante de ressignificar o próprio pertencimento racial.

Das questões que foram abordadas nos quatro capítulos que compõem a dissertação, algumas merecem ser retomadas, devido à importância que assumem nos processos formadores acionados pelas jovens pesquisados, na construção da identidade negra e do pertencimento ao bairro.

A família é um ponto importante para uma reflexão sobre seu papel e as influências sobre os jovens das periferias urbanas. A configuração familiar dos jovens pesquisados traz como marca uma organização própria, contrapondo às concepções que abordam as famílias das camadas populares como “desestruturadas”. Ao contrário, podemos dizer que elas apresentam um formato de organização de maneira que atende à dinâmica própria de cada família, enquadrando-se, em geral como famílias monoparentais, ou seja, a figura da mãe como pilar de sustentação da família.

As questões raciais aparecem nessas relações familiares de maneira silenciada, ou seja, as narrativas nos mostram que o assunto nem sempre se torna pauta nas relações cotidianas. Mesmo quando todos os membros da família apresentam

pigmentação de pele preta, a questão racial não se apresentava como uma questão central. A discussão racial somente surgia quando havia algum fato que potencializava o debate, uma reportagem ou noticiário provocando, nesse momento, uma discussão sobre o assunto; oportunidade em que cada um tinha de verbalizar o que pensava sobre o tema, mesmo sendo um assunto delicado. Esse “silenciamento” das famílias negras em relação às questões do pertencimento racial se justifica na medida em que reflete o sentimento de impotência perante o racismo da sociedade, que se mostra hostil e forte. Este “silenciamento”, já mencionado por Gonçalves (1985), ao se referir às instituições escolares, pode significar também o despreparo familiar para o enfrentamento do problema, visto que o silêncio é imposto historicamente como condicionador para a socialização do negro na sociedade.

A condição de silêncio, calar-se ou ficar em silêncio, não significa, no entanto, que o fato de não falar sobre relações raciais no cotidiano familiar represente que as famílias não trazem em seu cotidiano uma experiência racial. A condição de moradores de periferia urbana traz cotidianamente um enfrentamento de um quadro de violência e desigualdade, que recai ainda mais fortemente sobre as famílias negras através de contornos racistas. Esse contexto impacta as trajetórias e os pertencimentos raciais dos jovens pesquisados, não em uma relação explícita, mas uma questão racial a partir do não revelado, do silêncio, uma condição de proteção que era confrontada com as experiências construídas em outros espaços de socialização.

A relação dos jovens pesquisados com a escola também foi pautada por tensão. O cabelo, a cor da pele e a origem do Palmital foram os elementos que se destacaram como problemas no ambiente escolar, reconhecidos, em geral, nas “brincadeiras” e “zoações”, e conduzidas por práticas de preconceito, discriminação e racismo por parte dos colegas de turma. Segundo os entrevistados, as escolas tendiam a silenciar tais situações, constituindo-se como ambientes pouco sensíveis à diversidade. Estigmatizados, esses alunos eram classificados como desinteressados, indisciplinados e violentos e eram, em consequência, aglutinados nas últimas turmas da escola. Apesar do bom desempenho escolar esses jovens relataram que, muitas vezes, eram vítimas do preconceito por serem negros e moradores de uma “área de vulnerabilidade”, características sobre as quais não tinham nenhum controle e, exatamente por isto, geravam ainda mais angústia.

As experiências escolares dos jovens pesquisados nos mostraram uma trajetória pautada no preconceito e racismo. Impacta nos jovens negros pesquisados um contexto de incertezas para uma aceitação das suas características física pela sociedade e no próprio bairro, um sentimento de estranhamento no espaço escolar, mostrando que o pertencimento racial negro era condicionante para uma aceitação ou não. Diante dessa realidade os jovens pesquisados evidenciaram a vergonha que sentiam à época de ser quem eram, o que implicava a participação em grupos inferiorizados dentro da escola, bem como a depreciação de suas auto-imagens.

O resgate das memórias escolares levou os jovens pesquisados a constatarem o quanto esse espaço não era favorável para expressarem suas experiências de vida de maneira positiva. Mesmo apresentando uma trajetória escolar compatível com os outros alunos da escola, percebiam que não eram valorizados de maneira igual aos outros alunos, sendo mais frequentemente responsabilizados pelas situações de bagunça, indisciplina e brigas.

Segundo os jovens pesquisados, frequentemente eram classificados como alunos inadequados pela instituição escolar e seus professores, ora pela condição de indisciplinados, ora como de introvertidos. Por outro lado, fora do espaço escolar, na família ou nos programas sociais, revelavam outra postura. Na família e na participação em atividades promovidas pelos programas sociais, assumiam responsabilidades e postura de liderança, muito diferente da leitura realizada na escola. Se na escola os estigmas negativos relativos a cor da pele preta eram reforçados, isso não acontecia nas oficinas dos programas sociais e na família, o que nos leva a pensar sobre as distinções propostas por Goffman (1982) entre a identidade virtual e a identidade real. Segundo Goffman, em geral, no interior dos grupos familiares de indivíduos estigmatizados cria-se uma identidade social virtual para este indivíduo, que tenderia a reforçar positivamente sua auto-imagem. No entanto, ao entrar em contato com “o mundo mais amplo” esta identidade social virtual se apresenta como incompatível com a identidade social real, ou seja, a identidade que os outros lhe imputam, chegando mesmo a interferir na identidade social virtual. A tendência, apontada por Goffman, de que nos círculos familiares seja criada para o indivíduo uma identidade que vise reforçar positivamente sua auto-imagem, não significa, em absoluto, que as percepções dos outros significantes sobre o indivíduo estigmatizado não sejam influenciadas pelas percepções da sociedade estigmatizadora. A internalização do estigma, através dos

mecanismos de violência simbólica, transforma, assim, a alter-percepção estigmatizante em auto-percepção. Arbitrariamente, a violência simbólica se impõe legítima e dissimuladamente, na medida em que transforma o dominado em aliado simbólico do dominador, não só por compartilhar do estigma, mas por não se perceber como vítima deste processo, tomando a situação como natural e inevitável.

Segundo os entrevistados, não discutir o racismo na família pode significar a preocupação em não defini-lo como uma barreira ou um motivo de vergonha sobre a cor de sua pele, mesmo compreendendo que o espaço familiar é restrito e que não se constituía como o único espaço socialização. Por outro lado, relembram o fato de que nos programas sociais havia um momento chamado de roda de conversa, onde era oportunizado aos jovens expressarem sua opinião sobre diversos assuntos, entre eles a questão racial. Este se configurava como um momento de se encontrar como negro a partir das trajetórias dos outros, o que significa que a identificação como negro não se dava somente a partir de relação interna, mas também no contato com as histórias dos outros, com as trocas de experiências. Se por um lado a escola era um espaço de expressar a identidade negra a partir do silenciamento e da negação, outros espaços, como a família e os programas sociais, criavam a oportunidade de expressarem sua negritude de maneira mais positiva, seja pelo silenciamento e afirmação implícita (família), seja pela explicitação e afirmação explícita (programas sociais).

Nas reflexões sobre os processos de construção da identidade negra na escola dos(as) jovens entrevistados(as) fica evidente que esse ambiente reservava aos jovens negros do Palmital um papel e um lugar de inferioridade, uma perspectiva que os condicionavam ao fracasso, à submissão e ao medo, visto que parte das experiências vividas na escola é marcada por humilhações em função de seu pertencimento racial. Mesmo identificando que a maioria da população do Palmital é de origem negra, e por consequência a própria escola, as escolas apresentam práticas que segregam os alunos negros, conforme mostram as narrativas.

Para os(as) jovens entrevistados(as), o trabalho é uma dimensão da vida muito importante, já que possibilita aos jovens pesquisados a ampliação do seu espaço de socialização, para além das relações travadas na família e na escola. Nesta dimensão da vida deste jovens, a questão racial aparece de maneira concreta, momento de ressignificação de sua condição de morador de uma área periférica e de sua expressão negra. É justamente no momento de aquisição de um trabalho, geralmente disponível

fora dos limites do Conjunto Palmital, que este imaginário social relativo a ser jovem negros(as), morador do Palmital, é mais fortemente problematizada na fase da juventude.

O embate sobre o imaginário negativo em relação a juventude negra periférica na sociedade brasileira é confrontada por uma busca dos jovens pesquisados de reverter esse imaginário para uma dimensão positiva. Esse aspecto passa a ser a preocupação dos jovens pesquisados em buscar maneiras de distanciar dessa representação negativa. A questão colocada é que ao se buscar uma representação positiva do Palmital através de uma trajetória individual, é percebida primeira ação de legitimar os aspectos negativos do bairro, como forma de comparar o que é “bom” e o “ruim” do bairro, só assim ter a capacidade de mostrar uma representação contrária ao estabelecida. Anunciar que é diferente dos outros jovens do bairro é uma maneira de negar as características comuns do bairro, mesmo continuando ser morador da localidade.

A negação e afirmação destes(as) jovens como negros(as) ganha contornos fluidos na medida em que seu reconhecimento depende não somente de uma mudança interna mas a identificação do outro, atestando essa diferença. As intervenções no corpo são as ações desenvolvidas para um distanciamento do estigma negativo. A cor da pele e os traços físicos são elementos concretos no corpo desses jovens, porém sua dimensão simbólica permite sua manipulação para uma adequação conforme o lugar de exercício dessa identidade. O uso de roupas e como essa roupa esconde ou revela o corpo negro, o uso do cabelo, e as maneiras de como se posicionar diante do cabelo, nos revela uma expressão negra e, por fim, a expressão corporal, uma maneira de mostrar a linguagem do corpo negro.

Esse embate se deu na dimensão do trabalho, o contato com um mundo fora dos contornos do bairro gera uma experiência particular em ser morador do Palmital. A capacidade de manipulação do estigma negativo é um fator que nos mostra o grau de pertencimento construído pelos jovens pesquisados ao bairro, isto é, a capacidade de se posicionar diante de um contexto de preconceito e racismo, e como a partir desse contexto criar mecanismos de identificação tanto no aspecto de afirmação ou negação no Palmital. Tornar-se pertencente ao Palmital passa pelo exercício permanente de distanciar e aproximar da realidade do bairro, nos revelando que a construção do pertencimento ao lugar só se concretiza a partir de uma relação de troca de experiências.

Outra dimensão que ganha um papel importante para a construção da identidade negra é a relação com rua. A rua ganha status de liberdade, lugar privilegiado de uma expressão juvenil e de socialização, mesmo com os perigos que ela oferece. Para os jovens negros, a rua figura como um espaço de expressão cultural, principalmente das culturas urbanas, mas ao mesmo tempo é vista, pelas instituições e pela sociedade em geral, como um lugar de tensão e perigo para a vida desses próprios jovens. O uso de boné, calças largas, blusão e correntes são típicas da cultura *hip hop*, ao qual estão vinculados os jovens pesquisados. A expressão corporal através do break, dos desenhos no graffit e nas rimas, através do rap, são formas pelas quais os jovens pesquisados expressam suas identidades, entre elas a identidade negra. Nas apresentações artísticas, a rua ganha o significado de “liberdade”, um espaço pouco institucionalizado e que não os obriga a um enquadramento. Talvez por isto, numa concepção adultocêntrica, estar na rua signifique transgressão. A rua aparece como um importante espaço de ampliação da rede de amigos no bairro, fator importante para os jovens pesquisados, momento rico de compartilhamentos coletivos das experiências de serem moradores do Palmital, e que fomentava entre eles uma leitura do bairro a partir da dimensão da amizade.

Nas narrativas dos jovens pesquisados percebemos um vínculo forte dos jovens com os programas sociais, mas intermediada pela presença dosicineiros, ou seja, o motivo da frequência de uma determinada oficina estava vinculada diretamente à figura doicineiro, uma referência no bairro e para os jovens. Prova disto é o movimento, muito comum, de migração dos jovens frequentadores das oficinas diante da saída, e de mudança para outra oficina, dosicineiros, já que a maioria dosicineiros dos programas sociais eram jovens do próprio Palmital que, também por isto, figuravam como referências para outros jovens. O ponto central da identificação dos jovens nas oficinas se dava a partir desse vínculo com o bairro, na sua maioria jovens negros e que vivenciavam as mesmas realidades deles, uma construção identitária a partir do compartilhamento das experiências. Neste contexto, as oficinas ganham um lugar de destaque para os jovens, não pelo fato de frequentarem um espaço pela falta de opção, mas pelo fato de que ali, para além de toda a infra-estrutura, desfrutavam de um compartilhamento de experiências, uma maneira de conhecer a cultura negra, de se inserir em outros espaços de socialização e de ampliar a rede de amizade; fatores que, somados, impactam na forma como esses jovens se enxergam, se postam no mundo e ressignificam a sua própria condição de negro.

É importante salientar também que os jovens pesquisados trazem a marca de um novo perfil de jovens evangélicos, ressignificando o espaço através de elementos que não faziam parte do cotidiano dessas igrejas. Segundo os próprios, nos eventos religiosos, eles utilizavam a estratégia de evitar um estilo típico da cultura *hip hop*, evitando gírias e termos específicos da cultura *Hip Hop*. Neste sentido, manipulam sua representação, ao pesquisar qual a denominação da igreja (mais tradicional ou mais flexível), e adequar seu desempenho aquilo que é esperado. Nos eventos de rua, o comportamento modificava-se, evitando pregar maciçamente a bíblia para não quebrar o clima do evento, buscando compreender qual o público presente e criar estratégias para que a arte desenvolvida fosse a mais compatível possível com os seus estilos e valores. Essa relação de estar, ora na dimensão cristã e ora numa dimensão cultural de rua, exigia dos jovens pesquisados uma manipulação das representações, o que implica dizer que, em certos momentos eles faziam uso de um discurso compatível com ideologia cristã, tendo os ensinamentos de Jesus Cristo e o papel de evangelizar como eixo de trabalho, e em outros eles se viam imersos em uma cultura de rua, nascida das periferias urbanas, expressão de um grupo negro como maneira de mostrar a cultura e os problemas das áreas periféricas, representada pelas roupas e os cabelos. Para os jovens pesquisados, o fato de pertencerem a uma denominação evangélica nunca foi um impedimento para inserção na cultura *hip hop*, até por que já dançavam e cantavam mesmo antes de uma inserção na igreja evangélica. Mais do que pertencer a um espaço ou outro, o relevante parece ser o fato de que havia uma prática de administrar diferentes pertencimentos, num exercício de negociação de práticas, estilos, comportamentos e valores.

São dois grupos que atuam na cultura *hip hop*, um através das danças urbanas e outro na música rap, trazem no corpo a marca da cultura negra, a cor da pele, o cabelo e a expressão negra e são moradores de uma área periférica. Trazem no discurso uma marca e uma pegada de contestação de uma realidade de desigualdade, expressam através do corpo sua negritude. As narrativas nos mostram que esses elementos não são suficientes para construir-se como negro como resultado exato. O fato de estarem imersos em uma instituição evangélica, que traz em sua marca pouca expressão de uma identidade negra, na medida em que justifica que todos são iguais perante Deus, e, por outro lado, imersos na cultura *hip hop*, que traz desde sua origem a cultura urbana e

negra como eixo de expressão, implica em um constante tencionamento; ainda que não verbalizado cotidianamente.

Os jovens pesquisados são de religiões neopentecostais e que trazem particularidades em sua condução. O fato de se assumirem como cristãos e serem reconhecidos pelo bairro lhe traz uma identidade positiva, o diferenciando dos outros jovens apontados como “perdidos”, gerando um trânsito livre no bairro. A relação dos jovens da pesquisa entre a igreja e a cultura *hip hop* guarda uma contradição e não uma ambiguidade, isto é, a religião nesse contexto funcionando como possibilidade de colocar em suspensão os limites impostos pelo fato de morarem no bairro e de pertencerem ao grupo racial negro, acreditando numa dimensão espiritual para além de uma questão terrena para solucionar os problemas. As narrativas nos revelam que as identidades são acionadas conforme o lugar, ou seja, na igreja o que ganha mais destaque é a identidade religiosa e nos eventos de rua o que ganha mais destaque é a identidade negra.

Podemos concluir que as identidades são múltiplas, mas também são contextuais. Neste sentido, podemos afirmar que a construção das identidades negras, para os jovens entrevistados, não é algo dado imediatamente a partir da cor da pele. Ou seja, apesar de serem jovens com acúmulo de melanina (pretos e pardos), partimos do pressuposto de que eles precisam se construir enquanto jovens negros. O transcurso da pesquisa nos mostrou que, o simples fato de olhar e perceber a cor da pele e nomeá-los como jovens negros não nos parece suficiente para determinarmos uma interação ativa ou automática de se reconhecer negro. Jovens com acúmulo de melanina, dentro de um grupo cultural vinculado à cultura negra, numa região de maioria negra periférica, mas que não trazem de maneira explícita uma consciência negra.

Um aspecto importante a se ressaltar é que a interferência da pesquisa na identidade dos jovens pesquisados gerou um deslocamento, uma reflexão para a temática. Isso não significa que eles não houvessem pensado em sua condição de negro antes, mas a intervenção da pesquisa também contribuiu para trazer discussões à tona, gerando uma reflexão para construção da identidade, rompendo com a ideia de que a construção da identidade se faz em algum momento e depois está pronta e acabada. O desafio da pesquisa, e acreditamos ter chegado em um resultado satisfatório, foi pensar como essa identidade negra vai se construindo em diálogo, e em meio à muitas tensões

e contradições, com os espaços da família, escola, trabalho, bairro e os coletivos culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Ver. Bras. Educ. [online]. 1997, n.05-06, PP.25-36.

ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. (org). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Escrita, 1994.

ALCANTARA, Claudio Sales de; SILVA, Geraldo Magela de Oliveira. Educação protestante e cultura afro-descendente: Uma relação conturbada. Revista Eletronica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia. V.17. set/dez. de 2008.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (org). Uso & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANDRADE, Luciana Teixeira. NAZARIO, Rejane de Oliveira. Da favela para o conjunto: a periferia no entorno da nova cidade administrativa de Minas Gerais. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, v.17, n.21, 2º sem. 2010.

ARIÉS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1981.

ARROYO, Miguel. Imagens Quebradas – Trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, Rj: Editora Vozes, 2009.

Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras. Brasília: PNUD, Ipea, FJP, 2014. 120p.

AZEVEDO, Sérgio de; ANDRADE, Luiz Aureliano Gama de. Habitação e poder: da fundação da casa popular ao Banco Nacional da Habitação. Rio de Janeiro: Zahar Editoras, 1982, 135p.

BAUMAN, Zygmund. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. P.109.

BEDRAN, Paula Maria; CARELLOS, Soraia M.S. Dojas; MOREIRA, Maria Ignez Costa. A família contemporânea brasileira em contexto de fragilidade social e os novos

direitos das crianças: desafios éticos. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v.17,n.1,p.161-180, abril de 2011.

BOLLAFI, Gabriel. Habitação e urbanismo: o problema e o falso problema. In: MARICATO, E. (org). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo, Alfa-omega, 1979.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

BOURDIEU, P. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, P. (org). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRANCHINI, Diná da Silva. A propósito dos 125 anos da lei áurea: inserção no segmento evangélico. *Revista Caminhando*, v.18, n.1, p.13-23, Jan.2013.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org). *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CARRIL, Lourdes. *Quilombo, Favela e Periferia: A longa busca da cidadania*. São Paulo: Annabume, 2006.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin. *Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza*. Niterói: Intertexto, 2001. 208p.

CERQUEIRA, D.; MOURA, R.. *O custo da juventude perdida no Brasil. Estado, Instituição e Democracia*. IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: Governo Federal/ Brasília, 2013.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CORROCHANO, Maria Carla. *Trabalho e juventude: entrevista com Maria Carla Corrochano*. *Caderno de Psicologia Social do Trabalho*, 2005, v.8,PP.99-104.

CORROCHANO, Maria Carla. SPOSITO, Marília Pontes. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, V.17, n.2 – p.141-172.

CORTI, Ana Paula. Ser aluno: um olhar sobre a construção social desse ofício. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. *Juventude e ensino médio: Sujeitos e currículos em diálogos*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2014. P. 309-332.

D’ADESKY, Jacques. *Racismos e anti-racismos no Brasil: Pluralismo étnico e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DAYRELL, Juarez (org). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. 1º reimpressão, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

DAYRELL, J. et al.(org). Juventude e Ensino Médio: Sujeitos e Currículos em diálogos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.24,p.40-53, set./out./Nov./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf> - Acessado em: 01/08/2015.

DAYREL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação&sociedade. Campinas, v.28, n.100, out.2007. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100 - Acessado em: 01/08/2015.

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o funk e o rap na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DUBET, F. A formação dos indivíduos: A desinstitucionalização. In:Revista Contemporânea e Educação. Ano 3, v.3, 1998,p.27-33.

DUBET, F. Sociologia da Experiência. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FEIXA, Carlei. De Jóvenes, Bandas y tribos. Barcelona: ARIEL, 1999.

FLICK, U. Uma introdução a pesquisa qualitativa. Trad. Sandra Netz. – 2.ed. – Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOERSTER, Norbert. Evangélicos da congregação cristã no Brasil em situação de alta vulnerabilidade na periferia do município de São Bernardo do Campo. In: RIVERA, Dario Paulo Barrera. Evangélicos e periferia urbana em São Paulo e Rio de Janeiro: Estudos de Sociologia e Antropologia Urbana. 1.ed. – Curitiba, PR: CRV, 2012.

Fundação Israel Pinheiro 2009. Plano de Regularização Fundiária Sustentável do município de Santa Luzia. Santa Luzia, Prefeitura de Santa Luzia, 1 CD.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar. 1982.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Tradução de Maria Célia Santos. 19.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. Aletria – 2002. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit> – Acessado: 01/08/2015.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. Disponível em: <http://www.ideario.org.br/neab/kulel/textos%20kulel/nilma%20lino.pdf> - Acessado: 01/08/2015.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Educação anti-racista: Caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03, Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Juventude, práticas culturais e negritude: o desafio de viver múltiplas identidades. In: Revista Brasileira de Educação – ANPED – n.21, 2004. Disponível em: [27 reuniao.anped.org.br/gt21/t218.pdf](http://27reuniao.anped.org.br/gt21/t218.pdf) – Acessado em: 01/08/2015.

GOMES, Flávio. História e Historiografia da Escravidão no Brasil: Identidades Caminhos e Percursos. In: Educação Africanidade Brasil. P. 109-118 – apostila – CEAD/UNB. Brasília, 2006.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. O silêncio: um ritual pedagógico a favor da discriminação racial. Um estudo acerca da discriminação racial como fator de seletividade na escola pública de primeiro grau: 1ª a 4ª série. 1985, 250p. (Dissertação - Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1985.

GOVERNO FEDERAL. Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR. Perspectivas negras – Construindo Políticas Públicas na Intersecção entre Juventude e Promoção da Igualdade Racial. Relatório. Brasília, 2011.

GOVERNO FEDERAL. Secretária de Assuntos Estratégicos – SAE. Juventude levado (em) conta. Relatório. Brasília, 2013.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1999.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Preconceito racial. Modos, temas e tempo. São Paulo: Cortez, 2008.

HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidade: um debate. Revista GEOgrafia. Ano IX, nº17, 2007.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Quem precisa de identidade? IN: SILVA Tomas Tadeu (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. Diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro Geografia Estatístico. Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Indicadores de escolaridade. Rio de Janeiro, 2014.

JESUS, Rodrigo Ednilson; REIS, Juliana. Juventude e Diversidade Étnica Racial. In: ALVES, Maria Zenaide; CORREIA, Licínia Maria; LINHARES, Carla. Juventude Brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2014.

KOWARICK, L. Viver em risco: sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n.63, Jul. 2002.

LAREAU, Annette. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. Educação em Revista, Belo Horizonte, n.46, p.13-82, Dez. 2007.

LEFEBVRE, Henri. Espaços e Políticas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOURO, Guacira Lopes (org). O corpo educado: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOZANO, Jorge E.A.. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Uso e Abusos da história oral. 8.ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P.15-26.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. “La juventud es más que una palabra”. In: MARGULIS, M. (org). La juventud es mas que una palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MELUCCI, Alberto. O jogo do eu. São Leopoldo: Ed. Da Unisinos, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOASSAB, Andreia. Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do hip hop. São Paulo: EDUC, 2011.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

MUNANGA, Kabengele. (org). Superando o racismo na escola. 2º edição, SECAD, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. 3.ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MUNANGA, Kabengele (Org). Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial. São Paulo: Estação Ciência, 1996.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil – Entrevista de Kabengele Munanga. V.18, Estudos Avançados, 2004, p.51-56.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Cadernos Penesb, Niterói, Editora da UFF, no 5, p. 15-34, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 3.ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PACE, Enzo. Prefácio. In: RIVERA, D.P. Barrera. (org). Evangélicos e periferias urbanas em São Paulo e Rio de Janeiro: Estudos de Sociologia e Antropologia Urbana. 1.ed. – Curitiba, PR:CRV, 2012. P. 7-10.

PAIS, José Machado. “As construções sociológicas da juventude: alguns contributos”. *Análise Social*, v.25, n.105-106, 1990.

PAIS, José Machado. Bandas de garagem e identidades juvenis. In: COSTA, Márcia Regina da. SILVA, Murilho da. Sociabilidade juvenil e cultura urbana. São Paulo: Educ, 2006.

PAULA, Robson Rodrigues de. O mercado da música gospel no Brasil: aspectos organizacionais e estruturais. *Revista Uniabeu*. Belford Roxo. V.5 , n.9, Jan./Abr. 2012. P.02.

PERALVA, Angelina. “O jovem como modelo cultural”. In: Juventude e contemporaneidade. São Paulo, Revista Brasileira de Educação, ANPED, n.5 e 6, 1997.

REIS, Dyane Brito. A marca de Caim: As características que identificam o “suspeito”, segundo relatos de policiais militares. *Caderno CRH*, Salvador, n.36, p.181-196, Jan/Jun. 2002.

RESGALA, G. Formas de produção do espaço periférico metropolitano: Um estudo sobre São Benedito na região metropolitana de Belo Horizonte. 2011, 170p. (Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura), Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

RESGALA, Gustavo; SORAGGI, Ana Carolina Maria. A política habitacional e a produção do espaço metropolitano. In: XV Encontro Nacional da ANPUR, 2013, Recife. *Anais do XV ENANPUR*, 2013, v.1 p.1-19.

RIBEIRO, Luiz Cesar de; KAZTMAN, Ruben. A cidade contra a escola: segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina. Rio de Janeiro: Letra Capital: FAPERJ; Montevideo, Uruguai: IPPES, 2008. P.15-32.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. Religião e Desigualdades Sociais no município de São Bernardo do Campo: Estudo comparativo de grupos evangélicos em dois bairros de condições sociais e econômicas opostas. In: RIVERA, D.P. Barrera. (org). Evangélicos

e periferias urbanas em São Paulo e Rio de Janeiro: Estudos de Sociologia e Antropologia Urbana. 1.ed. – Curitiba, PR:CRV, 2012. P.17-64.

SANTOS, Cynthia de Souza. A política habitacional para a população de baixa renda em Belo Horizonte a partir de 1990. Dissertação. São Paulo, 2006, 331p.

SANTOS, Maria dos. Polícia Preventiva: Avaliação do processo de implementação do grupo especializado em policiamento em área de risco no aglomerado Palmital em Santa Luzia – Minas Gerais. 2012, 211p. (Tese – Doutorado – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Gustavo Resgala. Formas de produção do espaço periférico metropolitano – Um estudo sobre São Benedito na região metropolitana de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG (Dissertação de Mestrado). 2011.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. A modernização autoritária: do golpe militar à redemocratização 1964/1984. In: LINHARES, Maria Yeda (org). História Geral do Brasil. 9 ed.. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. Pag.351-384.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (org). Superando o racismo na escola. Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p.21 a 37.

SOUZA, Marina de Mello E. África e Brasil africano. 2.ed. São Paulo: Atica, 2005.

SOUZA, Mirian Regina de. O movimento de luta por moradia do bairro Capitão Eduardo: processos educativos resgatados pelas lembranças dos seus primeiros moradores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG (Dissertação de Mestrado). 2006.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPOSITO, Marília Pontes; CARVALHO E SILVA, Hamilton Harley de e SOUZA, Nilson Alves de. Juventude e poder local: um balanço de iniciativas públicas voltadas para jovens em municípios de regiões metropolitanas. Ver. Bras. Educ.[online]. 2006, Vol.11, n.32, PP 238-257.

SPOSITO, Marília Pontes. Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social. Rev. Socil. USP, São Paulo, 5 (1-2): 161-178, 1993.

TEIXEIRA, Inês A.C.; PADUA, Karla C..Virtualidades e alcances da entrevista narrativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRAFIA, 2006, Anais. Salvador:[s.n.],2006. CD-ROM.

URRESTI, Marcelo; Adolescentes, Jóvenes y Socializacion: Entre resistências, tensiones y emergências. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Mária. (org). Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. PucMinas, 2011. P.43-66.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. Mapa da violência: a cor dos homicídios no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPPIR/PR, 2012.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. Mapa da violência 2014 – Os jovens do Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPPIR/PR, 2014.

ANEXO 1

Roteiro de entrevista

- 1 – Conte-me um pouco sobre sua infância.
- 2 – Como era a relação com a escola?
- 3 – E a sua família?
- 4 – Conte-me um pouco sobre o que é ser jovem para você.
- 5 – Relate um pouco sobre seu cotidiano.
- 6 – Fale um pouco sobre suas relações com as pessoas do Palmital.
- 7 – Como foi a chegada da sua família no Palmital?
- 8 – Fale um pouco sobre os lugares que você costuma frequentar no Palmital.
- 9 – Para você o que significa ser morador do Palmital.
- 10 – Fala-me um pouco sobre os coletivos que você já participou.
- 11 – Fale sobre sua chegada ao Cia Liberdade/ Justaposição.
- 12 – Conte-me sobre a experiência de participar do Cia Liberdade.
- 13 – Como você vê a relação do coletivo com a juventude do Palmital?
- 14 – O grupo tem uma relação com outros coletivos do bairro?
- 15 – Como é a questão étnica racial para o grupo?
- 16 – Fale-me um pouco sobre a experiência de ser negro.
- 17 – E como era esta experiência na escola.
- 18 – E na sua família, como é ser negro?
- 19 – E no Palmital, como é ser negro?

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro/a _____, gostaríamos de convidá-lo a participar como informante da pesquisa “A construção da identidade entre jovens negros do Conjunto Habitacional Palmital – Santa Luzia – MG”, realizada pelo pesquisador Moisés Ferreira Geraldo (tel.88994109, e-mail: prof.moisesgeraldo@gmail.com), mestrando em educação do curso de pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG, sob a orientação do Prof. Geraldo Magela Pereira Leão (tel. 3227-0933, e-mail: gleao@fae.ufmg.br)

A proposta de pesquisa é investigar a experiência de ser jovem negro morador do Palmital. Para isso serão feitas entrevistas com alguns jovens convidados para a pesquisa para falar de seu cotidiano e suas experiências como jovem morador do bairro.

Os dados coletados nas entrevistas serão devolvidos aos entrevistados. Nesse momento as entrevistas podem vetar a divulgação de trechos, corrigir e/ou complementar informações. As gravações ficarão guardados em local seguro pelos pesquisadores, que serão os únicos a terem acesso direto às entrevistas e dados dos entrevistados. Os resultados da pesquisa decorrentes da análise dos dados e depoimentos coletados serão divulgados por meio da dissertação, de publicação de artigos e de trabalhos científicos que serão encaminhados para periódicos da área da educação e para apresentação em eventos científicos da área.

Serão assegurados procedimentos que garantam a não utilização das informações de modo que prejudiquem as pessoas, inclusive em termos de auto-estima e prestígio. O pesquisador se compromete a não divulgar os nomes dos participantes da pesquisa.

Os entrevistados participarão da pesquisa por adesão voluntária e são livres para retirar seu consentimento de participação em qualquer momento ou fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo aos mesmos e ao pesquisador.

Caso surjam quaisquer problemas ou dúvidas em questões éticas em relação à pesquisa, além de entrar em contato com os responsáveis pela pesquisa, Moisés Ferreira Geraldo / Geraldo Magela Pereira Leão, poderá ser acionado o Comitê de Ética da UFMG, Av. Antônio Carlos 6625, Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005, fone (31) 3409-4592, fax (31)3409-4592, e-mail: coep@reitoria.ufmg.

Eu _____, jovem morador do Conjunto Habitacional Palmital, Carteira de identidade _____, telefone _____, declaro que li não somente esse documento, mas também conheci o projeto de pesquisa na íntegra e tive a oportunidade de discuti-lo com o

responsável do projeto de pesquisa Moisés Ferreira Geraldo e/ou Geraldo Magela Pereira Leão, e respondi positivamente à sua demanda de realizar a coleta de dados de sua pesquisa por meio de observações das atividades realizadas e entrevistas com jovens moradores do Conjunto Habitacional Palmital. Estou ciente que terei total liberdade para manifestar a minha adesão ou não ao projeto, bem como desistir de participar da pesquisa caso seja do meu interesse, sem qualquer prejuízo.

Li e entendi as informações fornecidas pelo pesquisador e sinto-me esclarecido (a) para participar da pesquisa. Participo da pesquisa, portanto, com meu consentimento livre e esclarecido.

Belo Horizonte, / /2014.

(assinatura do entrevistado)

ANEXO 3

Termo de autorização do uso de nome real e da imagem dos sujeitos da pesquisa

Eu _____, identidade _____
autorizo a divulgação do meu nome real na pesquisa realizada pelo mestrando Moisés
Ferreira Geraldo, sob a orientação do Prof. Dr. Geraldo Magela Pereira Leão, da
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Autorizo, também, a divulgação das imagens fotográficas por mim espontaneamente
cedidas.

Santa Luzia, _____ de _____ de 20__

Assinatura: _____